

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRO-REITORIA ACADEMICA - PRAC
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA
MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA
LINHA DE PESQUISA EM PRÁTICAS PSICOLÓGICAS CLÍNICAS EM
INSTITUIÇÕES

**A PRESENÇA DA LINGUAGEM PLÁSTICA NA AÇÃO CLÍNICA:
DIÁLOGOS COM A PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICA
EXISTENCIAL**

Mércia Gomes da Silva

Recife

2015

Mércia Gomes da Silva

**A PRESENÇA DA LINGUAGEM PLÁSTICA NA AÇÃO CLÍNICA:
DIÁLOGOS COM A PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICA
EXISTENCIAL**

Dissertação apresentada ao Mestrado em Psicologia Clínica da Universidade Católica de Pernambuco, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica.

Linha de Pesquisa: Práticas Psicológicas Clínicas em Instituições.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Carmem Lúcia Brito Tavares Barreto.

Recife

2015

S586p

Silva, Mércia Gomes da

A presença da linguagem plástica na ação clínica : diálogos com a perspectiva fenomenológica existencial / Mércia Gomes da Silva ; orientador Carmen Lúcia Brito Tavares Barreto, 2015.

121 f. : il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de Pernambuco. Pró-reitoria Acadêmica. Coordenação Geral de Pós-graduação. Mestrado em Psicologia Clínica, 2015.

1. Psicologia clínica. 2. Fenomenologia existencial. 3. Arte-Terapia. 4. Criatividade - Aspectos psicológicos. 5. Arte - Psicologia. 6. Linguagem plástica - Aspectos psicológicos. I. Título.

CDU 159.964.2

DEDICATÓRIA

A Deus, razão primeira do mistério que anima nossa existência e ao mundo - em suas diversas nuances de beleza e desafios constantes.

A Vera Lúcia e Julieta Gomes, minha mãe e avó, com ternura e carinho pela dedicação incondicional e exemplo de mulheres fortes que são.

A Antonio, meu pai, por me ensinar, ao seu modo, sobre os desafios da vida.

A Marcela Gomes e Mônica Gomes, parceiras fraternas das descobertas e curiosidades da jornada que é o viver.

AGRADECIMENTOS

A minha família, pelo apoio e compreensão desta fase importante e pela presença sempre divertida que tantas vezes me retirou do isolamento em que me coloquei, durante as horas de estudo e dedicação ao mestrado. Em especial aos meus sobrinhos Iasmin, Marrye e Xandinho, pela doçura, leituras e brincadeiras. A Jorge Estevão, pelo apoio, amor e amizade.

A minha orientadora Carmem Lúcia Barreto, pela confiança, encorajamento e compartilhamentos de experiências e leituras, que se constituíram como uma verdadeira bússola que me guiou nos caminhos da pesquisa, como também a avançar no amadurecimento da prática clínica. Gratidão também pela sua amizade, paciência e carinho; preciosos elementos para minha formação humana.

Aos amigos e colegas sempre dispostos a ajudar e aos que contribuíram com trocas de experiências, ideias e leituras (Ana Santana, Suely Emília, Maria Heráclio, Sacha), em especial a Gilclécia, pelo apoio constante durante esses anos. Também à Danielle Siqueira pelas interlocuções durante meus momentos de dúvidas.

Aos professores do Programa de Mestrado em Psicologia da UNICAP: Zeferino Rocha, Marcus Túlio Caldas, Ana Lúcia Francisco, pelos conhecimentos compartilhados e por me proporcionarem o prazer de novos descobrimentos sobre filosofia, psicologia e pesquisa. A Cida Craveiro e Aurino Lima, que tatuaram em mim o encantamento pelas belezas e dores das periferias. A Edna Lopez, Cristina Lopez e Andréa Graupen pelas andanças e magias da Arteterapia. Agradeço também as professoras Heloísa Szymanski, da PUC- SP, e Cristina Amazonas, que também esteve entre meus professores da UNICAP, pela participação cuidadosa na banca de avaliação da presente dissertação e por suas relevantes contribuições para o aprimoramento da pesquisa aqui apresentada.

Agradeço também a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela concessão da bolsa CAPES/PROSUP durante todo o mestrado, que tornou possível a realização desta pesquisa e dedicação exclusiva aos estudos durante os dois últimos anos. Com certeza, esse foi um fator importante para meu desenvolvimento como pesquisadora e psicóloga.

Mas cada homem não é apenas ele mesmo; é também um ponto único, singularíssimo, sempre importante e peculiar, no qual os fenômenos do mundo se cruzam daquela forma uma só vez e nunca mais. Assim, a história de cada homem é essencial, eterna e divina, e cada homem, ao viver em alguma parte e cumprir os ditames da natureza, é algo maravilhoso e digno de toda a atenção. Em cada um dos seres humanos o espírito adquiriu forma, em cada um deles a criatura padece, em cada qual é crucificado um redentor.

(Demian, Herman Hesse, p. 7- 8)

RESUMO

Silva, M. G. (2015). A Presença da Linguagem Plástica na Ação Clínica Psicológica: diálogos com a perspectiva fenomenológica existencial. Dissertação de Mestrado, Mestrado em Psicologia Clínica, Universidade Católica de Pernambuco, Recife.

Este estudo parte de interrogações provenientes da experiência da autora como psicóloga em diferentes contextos clínicos, nos quais utilizou a expressão plástica. Objetiva compreender como se dá a presença da linguagem plástica na ação clínica em uma perspectiva fenomenológica existencial, além de apresentar a presença da linguagem plástica em diferentes práticas clínicas e discutir a ação clínica psicológica sob uma perspectiva fenomenológica existencial. Sua base fenomenal acolhe a experiência da pesquisadora e de psicólogas clínicas que se dispuseram a participar como interlocutoras. O procedimento de colheita das narrativas aconteceu via entrevista/depoimento, que permitiu o compartilhamento de experiências sobre o fazer clínico das participantes e via Diário de Bordo para registro da experiência da autora/pesquisadora. Através deste contexto, percorre-se sentidos traçados em diferentes modalidades de práticas clínicas desenvolvidas pelas quatro interlocutoras, objetivando oferecer suporte psicológico àqueles que buscam (re) pensar sobre o cuidado e o modo como conduzem suas existências. A aproximação e interpretação das experiências, inspirada na Analítica do Sentido desenvolvida por Dulce Critelli, aponta como a linguagem plástica pode assumir uma posição de presença e entrelaçamento com o trabalho clínico, de modo que, de tão entremeadas que se apresentam e acontecem, não é possível reduzi-las a uma lógica de mero uso ou aplicação técnica. Nessa direção, a linguagem plástica é refletida como mais próxima de uma dimensão poética e gestual, uma vez que foge às relações causais e explicativas tal como cotidianamente a linguagem tem sido moldada em nosso tempo. São tecidas considerações que apontam para um entendimento de que a ação clínica – em um movimento de errância e construção de sentidos – contribui para que as pessoas possam implicar-se e cuidar de suas existências a partir da ampliação da experiência que fazem com a própria linguagem. Perspectiva esta atrelada a uma noção que considera a íntima relação entre ser, sentir, pensar e agir no mundo. Desse modo, compreende a ação clínica como uma oportunidade de escuta e acolhimento às dimensões ética, estética/sensível e poética que compõem a existência, valorizando o horizonte compreensivo do cliente/usuário/grupo para que possa se apropriar do modo como está sintonizado no mundo.

Palavras- chave: ação clínica psicológica; linguagem plástica; fenomenologia existencial.

ABSTRACT

Silva, M. G. (2015). The presence of Plastic Language in Clinical Psychological Action: dialogues with the existential phenomenological perspective. Master's Thesis, Master of Clinical Psychology, Catholic University of Pernambuco, Recife.

This study starts from questions originated by the author's experience as a psychologist in different clinical contexts, in which the plastic expression was used. The study aims to understand how the presence of the plastic language works on the clinical action under an existential phenomenological perspective, to present the presence of the plastic language in different clinical practices and discuss the clinical psychology action under an existential phenomenological perspective. The phenomenal basis is given by the researcher's experience and by clinical psychologists who accept to participate as interlocutors. The narratives' collection procedure happened through interviews/testimonials, that allowed the exchange of experiences regarding the clinical practices of the participants and through a field report where the author/ researcher's experiences were registered. Through this context it is possible to go along different senses outlined in different clinical practices modalities developed by the four interlocutors. Aiming to offer psychological support for those who look toward (re)thinking about care and the way they lead their existences. The approaching and interpretation of the experiences, inspired on the analytics' sense developed by Dulce Critelli points how plastic language can assume a position of presence and interlacement with the clinical work, so that, presenting and happening in a so interspersed way, is not possible to reduce to a logic of mere use or technical application. On this direction, plastic language is reflected as being closer to a poetic and gestural dimension, once that it runs away from causal and explicative relations as language has been daily molded in our times. Considerations are set concerning an understanding that clinical action – in an errant movement and senses' building – contributes for the people to imply and care about their existences starting from the experience's expansion they make with their own language. This perspective is linked to a notion that considers the intimal relation among being, feeling, thinking and acting in the world. This way, understand the clinical action as an opportunity of listening and embracement to ethical, esthetic/sensible and poetical dimensions that composes existence. Giving value to the client/user/group's comprehensive horizon so they can appropriate the way they are connected to the world.

Key-words: clinical psychological action, plastic language, existential phenomenology.

SUMÁRIO

INICIANDO A CAMINHADA	10
1. BREVE PANORAMA SOBRE A PRESENÇA DA LINGUAGEM PLÁSTICA EM CONTEXTOS CLÍNICOS	14
1. 1 Algumas considerações sobre a arte	14
1. 2 Sobre a noção de linguagem plástica	18
1. 3 Breves reflexões sobre alguns precursores no uso da linguagem plástica na clínica psiquiátrica e psicológica	20
1. 4 A Arteterapia como um campo de interlocução entre clínica e arte	29
1. 5 As Oficinas de Criatividade: um olhar fenomenológico existencial para uma modalidade de trânsito entre o trabalho clínico e psicoeducativo	35
2. REFLEXÕES SOBRE A AÇÃO CLÍNICA EM DIALÓGO COM A FENOMENOLÓGICA EXISTENCIAL DE HEIDEGGER	41
2. 1 A questão do esquecimento do Ser no pensamento ocidental	41
2. 2 <i>Dasein</i> : possibilidade para outro modo de compreender o Ser	45
2. 3 O pensamento tardio de Martin Heidegger: uma breve abordagem sobre algumas importantes questões	53
2. 4 Reflexões sobre a ação clínica em diálogo com o pensamento fenomenológico	60
2. 4. 1 Principais Precursores da Clínica Fenomenológica	61
2. 4. 2 Considerações sobre a clínica em diálogo com a fenomenologia existencial de Martin Heidegger	66
3. CAMINHOS DE CONSTRUÇÃO E CRIAÇÃO: PERCURSOS METODOLÓGICOS	73
3. 1 Aproximações com o fenômeno pesquisado	74
3.1.1 Caracterização da Amostra	74

3.1.2 Instrumentos de Colheita: a entrevista/depoimento e o diário de bordo como vias de acesso para a narrativa	76
3.2 A Analítica do Sentido: uma aproximação e interpretação fenomenológica das narrativas	78
4. A EXPERIÊNCIA DE PSICÓLOGAS CLÍNICAS ENTREMEDIA PELA LINGUAGEM PLÁSTICA	85
4.1 A Análise da Experiência de Psicólogas que Trabalham com a Linguagem Plástica em suas Práticas Clínicas: tecendo possibilidades compreensivas a partir da fenomenologia existencial	87
5. REFLETINDO SOBRE A TRAJETÓRIA	106
REFERÊNCIAS	114
ANEXOS	119

INICIANDO A CAMINHADA:

O tema desta pesquisa revela um mergulho realizado durante o mestrado que me proporcionou um aprofundamento em temas que, na verdade, constituem minha trajetória na Psicologia até o presente momento. Trajetória esta motivada sempre pela busca por caminhos criativos e atentos para a compreensão das várias nuances da existência humana, tão rica em mistérios, dores e sonhos. Essas descobertas, aquecidas pelo trabalho como psicóloga, me encaminharam para uma compreensão clínica, sob um olhar amplo e interdisciplinar, no contexto do trabalho psicoterápico no consultório ou na intervenção psicoeducativa com grupos, no campo das políticas de assistência social ou de saúde mental.

Na graduação em Psicologia, havia realizado meu estágio em consonância com a fenomenologia existencial. Por um lado, havia trabalhado mais com a psicoterapia pela fala e continuei com esta modalidade de prática mesmo após o término do curso. Ao mesmo tempo, havia feito extensão universitária em contextos de periferia e iniciado, ainda nessa época, além do trabalho dialógico com os dispositivos dos territórios em que atuei, a desenvolver trabalhos clínicos e educativos que tinham como mediadores a presença da linguagem plástica no trabalho direto com os usuários. Tais estratégias da minha prática funcionavam como momentos reservados para acolher as singularidades de cada um, face às suas experiências diversas com o mundo.

Assim, por meio do desenvolvimento de oficinas expressivas e atividades de convivência com diferentes públicos (idosos, adolescentes ou famílias de crianças em situação de vulnerabilidade), entravam em cena a dimensão afetiva, experiencial, ética e reflexiva dos participantes que necessitavam de atenção, cuidado, elaboração e transformação. Ao mesmo tempo, inseri materiais de expressão plástica também nos meus acompanhamentos psicoterápicos no consultório particular, deixando-os disponíveis para uso livre - mesmo para adultos.

Maravilhava-me o processo que se desenrolava e como podíamos (eu e as pessoas acompanhadas em psicoterapia ou nos grupos educativos) enveredar por experiências, por recortes temporais significativos de suas histórias, na imaginação e fantasias, sonhos ou mesmo em sensações corporais, que passavam a ser mais bem significadas e compreendidas através desta outra forma de expressão.

Percebi que era possível ampliar as possibilidades de expressão dos pacientes para além da linguagem verbal, no entanto, nessa época, ainda pensava neste (s) “recurso (s)” em termos de uso, embora não o (s) quisesse associar a técnicas aplicáveis. Pois já havia desenvolvido uma crítica à herança metafísica presente na constituição da psicologia como ciência.

Em busca de referências relacionadas ao trabalho clínico, que lançasse mão da expressão plástica, ingressei em uma pós-graduação de Arteterapia, e durante dois anos mergulhei no estudo desse campo transdisciplinar.

Embora muito tenha aprendido acerca das possibilidades de expressão e criação que podem ser trabalhadas nessa forma de intervenção clínica, como também iniciado os estudos sobre arte e história da arte, férteis elementos para um trabalho inter ou transdisciplinar que pretenda perceber o ser humano sob um espectro amplo. Senti que o aporte teórico utilizado, provindo do campo da Psicologia Analítica de Carl Gustav Jung, embora possua inegável riqueza, não me daria a sustentação necessária que eu buscava, tendo em vista que minha própria prática e formação clínica se situam no território da tradição fenomenológica.

Disposta a amadurecer minha experiência, o ingresso no Programa de Mestrado em Psicologia Clínica se revelou como a oportunidade de aprofundar o estudo em temas do meu interesse em uma linha de pesquisa que abriga várias características da minha prática profissional, a saber: a clínica em diálogo com o pensamento fenomenológico existencial de Heidegger e a psicossociologia. Também se configurou como um momento em que dispus da possibilidade de aprendizagem e investigação durante o desenvolvimento da pesquisa, da qual este trabalho é fruto.

Desse modo, minhas experiências clínicas, vivenciadas a partir de um torvelinho forjado em meio à presença da linguagem plástica, da narrativa, do horizonte compreensivo e de experiências dos clientes e das minhas referências em psicologia, constituídas entre o trânsito da psicossociologia e fenomenologia existencial, puderam encontrar eco durante a pesquisa do mestrado.

Assim, este trabalho teve como objetivo principal compreender como se dá a presença da linguagem plástica na ação clínica psicológica em uma perspectiva fenomenológica existencial. Os objetivos específicos foram: apresentar a presença da linguagem plástica em diferentes práticas clínicas; discutir a ação clínica psicológica sob uma perspectiva fenomenológica existencial; e, por fim, analisar a experiência de psicólogas que desenvolvem suas práticas clínicas com a presença da linguagem plástica para, assim, tecer reflexões em diálogo com o pensamento fenomenológico existencial.

Portanto, o presente trabalho acolhe em seu seio reflexões tecidas no diálogo entre o pensamento fenomenológico existencial, com suas ressonâncias em relação à ação clínica psicológica, e um resgate histórico da presença da linguagem plástica em contextos clínicos.

Como fruto desses percursos que foram descritos e como resposta – mesmo que momentânea – aos problemas apresentados nos objetivos do estudo, no primeiro capítulo, o leitor

poderá realizar uma caminhada “histórica” entre diferentes perspectivas clínicas em que estava presente a linguagem plástica – no campo da Psicologia e Psiquiatria, descobrindo, assim, que há muito tempo se descortinaram saídas criativas empreendidas pelos clínicos(as)/pesquisadores(as) que, ao lançarem mão de tal linguagem tornaram-se precursores em apontar caminhos que ultrapassassem a adaptação ao racionalismo que, ainda hoje, reduz as possibilidades de compreensão e constituição acerca do trabalho clínico.

Já no segundo capítulo, o leitor encontrará a crítica radical de Martin Heidegger quanto à hegemonia do pensamento representacional e calculante, presentes no paradigma metafísico, e que se perpetua no pensamento científico, inclusive na constituição da psicologia científica. Estando mais próximo de tal crítica, poderá mergulhar nas reflexões acerca do trabalho clínico sob um olhar fenomenológico, entendendo como se originou essa interface, até chegar ao olhar fenomenológico existencial no campo da clínica que, por sua vez, se designaria como uma compreensão radical da existência humana sem dicotomizações, tais como: humano x mundo, saúde x doença/sofrimento, mas assumindo a inseparabilidade que há entre essas dimensões e a tarefa de ter que cuidar destas, ou seja, cuidar do existir.

No terceiro capítulo, é apresentado o percurso metodológico que marcou a trajetória da pesquisa, os “instrumentos” utilizados, o modo como foi colhida a experiência das interlocutoras que narraram suas experiências, e o referencial utilizado para a análise da experiência colhida.

No quarto capítulo, está presente a análise das entrevistas/depoimentos das participantes e do Diário de Bordo da autora. Essa trajetória é realizada através de reflexões que foram construídas a partir do encontro hermenêutico com as experiências presentes nas narrativas colhidas, as perspectivas teóricas que versam acerca da ação clínica em consonância com a linguagem plástica e, ainda, com o pensamento fenomenológico existencial.

Ao final, são tecidas algumas considerações, refletindo-se sobre a trajetória trilhada, não ao modo de uma conclusão, mas de uma abertura para modos de pensar e realizar a ação clínica, por certo, nutridas pelo que foi sendo desvelado e suscitado pelo diálogo com os teóricos estudados, e pelas experiências compartilhadas sobre o “fazer clínico” e a presença da linguagem plástica, revelando uma íntima relação entre estas.

Por fim, vale ainda ressaltar que ao longo da pesquisa, dada a complexidade do tema e heterogeneidade de campos visitados – filosofia, arte, estética, clínica –, escolhemos não focar na discussão e explanação a respeito de diferentes materiais artísticos que podem ser inseridos na expressão plástica dos pacientes/usuários, inclusive porque há ampla literatura sobre o assunto.

Assim, preferimos dar ênfase a uma compreensão da expressão plástica como mais uma rica possibilidade de se trabalhar com a dimensão da linguagem. De modo que o estudo revela uma

compreensão de que a linguagem plástica trabalhada clinicamente contribui para um importante aprofundamento da pessoa cuidada com a própria linguagem e experiências. Nessa via, são apresentadas considerações sobre a ação clínica com destaque para o relevante lugar ocupado pela experiência com a linguagem que, obviamente, não acontece distante de outras dimensões humanas e outros fenômenos pertinentes ao trabalho clínico. Com efeito, o que aparece ao longo do trabalho sob linhas escritas são genuínos compartilhamentos e transmissão de narrativas carregadas de experiências sobre o fazer clínico, reflexões sobre como a linguagem revela a vida e o sofrimento, assim como os transforma.

1. BREVE PANORAMA SOBRE A PRESENÇA DA LINGUAGEM PLÁSTICA EM CONTEXTOS CLÍNICOS

É notável como a linguagem plástica vem sendo utilizada em diferentes contextos terapêuticos para trabalhar com diferentes formas de sofrimento. Além disso, cada vez mais, a capacidade de promoção à saúde das práticas que utilizam tal linguagem tem alcançado reconhecimento. Isso justifica a expansão de sua presença para além do tratamento em saúde mental, sendo introduzidas nos espaços educacionais, socioassistenciais, educação em saúde¹ e atenção primária à saúde².

Neste capítulo apresentamos um panorama geral sobre a presença da linguagem plástica no campo da clínica. Inicialmente, realizaremos um breve percurso a respeito da arte e de suas diferentes formas de manifestação, ao longo do tempo, considerando a importância do uso da linguagem plástica nas práticas clínicas com ênfase na dimensão interdisciplinar. No entanto, cientes da complexidade do tema em questão, pretendemos apenas introduzir algumas reflexões que contribuam para compreendermos a riqueza do tema que iremos tratar.

Em um segundo momento, justificaremos nossa escolha pelo termo “linguagem plástica”, quando então, introduziremos os principais precursores no campo da clínica, em especial: Hanz Prinzhorn, Osório Cezar, Roger Bastide, Nise da Silveira, além de apresentar um pouco sobre perspectivas contemporâneas em relação ao tema.

1.1 Algumas Considerações Sobre a Arte

A arte é parte da história da própria humanidade. Fischer (1983) aponta para o significativo fato de milhares de pessoas irem ao teatro, óperas, lerem livros, admirarem pinturas e questiona o que motivaria o ser humano para tal comportamento. O autor convida-nos a refletir sobre estas questões indagando: “por que nossa própria existência não nos basta?” (p.12). Hipoteticamente, levanta possibilidades de compreensão, acreditando que a necessidade da arte para o ser humano pode estar orientada pela incessante busca de sua integração com o universo,

¹ A educação em saúde se constitui como um modo de atenção e cuidado à saúde que se diferencia do modelo assistencial, que oferece técnicas específicas com o objetivo de sanar problemas já existentes. Nessa perspectiva, a educação em saúde se baseia numa lógica dialógica que valoriza a compreensão sobre os processos de saúde-doença, sejam eles advindos do campo acadêmico e/ou técnico científico ou das tradições populares e, mais atualmente, das tradições orientais das práticas em saúde.

² A Atenção Primária à Saúde se constitui como um campo de práticas, compromissos e nível de atenção à saúde que tem como foco a prevenção e, principalmente, promoção à saúde e que compreende esta como um processo amplo, para além da ausência de doenças orgânicas, que abrange a capacidade da comunidade de ser autônoma e modificar favoravelmente seu entorno. Para que isso aconteça é importante o funcionamento dos vários setores da sociedade, não apenas o da saúde, incluído o importante papel da cultura e da arte nesse processo.

pela busca da transcendência ou, simplesmente, pela necessidade de encontrar expressão para a própria singularidade ou de encontrar abrigo em um mundo mais compreensível e justo. Aponta, ainda, que esta motivação pode se dar pela capacidade da arte possuir um aspecto lúdico.

Assim, a presença da arte na história da humanidade estaria relacionada à própria existência humana. O autor descreve que “a arte em sua origem foi *magia*, foi um auxílio mágico à dominação de um mundo real inexplorado. A religião, a ciência e a arte eram combinadas, fundidas, em uma forma primitiva de magia, na qual existiam em estado latente, em germe” (Fischer, 1983, p. 19). Convergingo nesse sentido, Suassuna (2005) afirma que, entre os estudiosos da Etnologia, a arte é entendida como elemento mágico e religioso com a qual os homens buscam o domínio do mundo, como uma forma de adentrar em seus mistérios e simbolismos, constituindo-se assim, um modo de conhecimento e de mergulho na realidade.

Segundo esse autor, a arte vem sendo conceituada de diferentes modos, por diferentes correntes da Estética. A Estética é uma disciplina, uma filosofia da arte que tem por objetivo estudar e explicar a arte, em suas diferentes categorias, como a beleza ou sua ausência por exemplo. Contudo, a origem dessa palavra diz que significa percepção, sensível, sensibilidade e, embora como disciplina se dedique ao estudo dos fundamentos da arte, seu sentido é mais amplo.

Como disciplina, há a vertente que a problematiza como a serviço da beleza. Comumente esse modo de pensar possui influência dos parâmetros clássicos de beleza, provenientes da Grécia Antiga, e que, por muito tempo se perpetuaram. Outras vertentes defendem que a arte deve ser entendida como uma criação que carrega em si um senso prático e que teria como função disseminar valores religiosos, éticos. Nessa perspectiva, ideias mais complexas e abstratas encontrariam um meio para serem expressas. Importa ainda mencionar a vertente que entende a arte como uma manifestação refinada das neuroses e frustrações do artista.

Ampliando a compreensão apresentada, recorremos a Janson (1996) ao se referir à arte como linguagem, como criação de símbolos que revela de forma original ideias complexas. A arte estaria mais próxima à poesia que da prosa, além de muito mais mobilizar do que assentar certezas, ela mais questiona que confirma. Isso nos leva a pensar que o diferencial da arte e do valor da imagem está em não ser descritiva, de não se fechar em conceitos, mas de abrir, criar possibilidades de desvelamentos.

Ainda segundo Suassuna (2005), o sentido *lato* de arte refere-se ao “dom criador, o espírito animador e, ao mesmo tempo, o conjunto de todas as Artes” (p. 189). Ele explica que é possível encontrar diferentes definições do tema e se detém, ao menos, sobre seis dessas diferentes perspectivas, algumas já, de forma breve, expostas anteriormente. Cada uma delas busca explicar a essência da Arte, pondo ênfase ora em dado aspecto, ora em outro. Para nós, a perspectiva da

Estética Psicológica é a que nos será mais útil, na medida em que, segundo este autor, aplica-se não apenas ao estudo e compreensão da arte, mas a todo sentimento estético. Ele nos diz que: “Quando uma pessoa olha a paisagem ou a forma de um rochedo, só pode criar a Beleza dentro de si projetando nelas sua vida interior, seus sentimentos.” (Suassuna, 2005, p. 376).

A Estética Psicológica nos interessa mais de perto por entender que a criação e fruição na arte provêm da singularidade de quem cria e/ou admira uma obra de arte. Interessa-nos mais ainda por entender que esse processo se aplica não somente às obras de arte, mas ao senso estético de forma geral, como no exemplo citado da admiração de uma paisagem. Essa corrente irá propor que o senso estético está entre o que de fato há, na obra ou paisagem, e entre a singularidade de quem vê; sua sensibilidade, emoções, história de vida. Os estudos freudianos sobre a estética tiveram forte influência nessa tendência que tomou emprestado o mecanismo da projeção para explicar o processo criador. Também a tendência da “endopatia”, que diz respeito à noção da projeção sentimental se configurando na obra de arte, teve forte influência na Estética Psicológica.

Em nossa compreensão, tais concepções e/ou correntes aparecem entremeadas às diferentes abordagens clínicas no campo da psiquiatria e psicologia que tiveram a linguagem plástica como estratégia terapêutica, sendo essa influência explicitada, ou não, é possível perceber alguns destes princípios conservados nessas práticas clínicas.

No entanto, passaremos a expor neste capítulo apenas algumas das diferentes perspectivas acerca da expressão plástica no trabalho clínico, embora a dimensão da experiência estética possa nos ser útil para pensarmos mais adiante acerca da expressão plástica em contextos clínicos.

Permeando as contribuições clínicas com a presença dessa linguagem, encontraremos em “movimentos” marginais da arte bases que enfatizavam uma maior liberdade na expressão artística e que ganharam força no período que sucedeu a Segunda Guerra Mundial e que já apontavam para a “crise da razão” na modernidade, revelando o reconhecimento de que o ser humano é constituído por várias dimensões que a razão não pode explicar.

É nessa direção que encontramos na Arte Bruta³ a expressividade livre como característica principal. Para Jean Dubuffet (citado em Dmpsey, 2003), principal representante do “movimento”, não havia necessidade de se criar diferenciações entre as obras de pacientes psiquiátricos e demais

³ “Movimento” de arte que surgiu no período que sucedeu a II Guerra Mundial que propunha a livre criação, onde não era necessário seguir tendências no estilo de pintar, modelar, esculpir, criar. A criação, a originalidade eram consideradas mais importantes do que o conhecimento técnico de arte. Assim, mesmo pessoas que não frequentaram escolas de arte ou não criavam profissionalmente, passaram a receber reconhecimento de suas obras. Acredita-se que, no cerne dessa tendência, está a percepção que ganhou força neste período de que as “promessas” relacionadas à possibilidade da razão, através da ciência, contribuir para a melhoria da vida à humanidade haviam falhado, tendo em vista a colaboração das ciências com a guerra.

artistas com treinamento ou não na área, pois a possibilidade criativa é democrática e, segundo o autor, acessível a todos: “a função artística é idêntica em todos os casos e não existe uma arte do doente mental, da mesma forma que não existe uma arte dos dispépticos ou das pessoas com o joelho esfolado” (Dubuffet citado em Dempsey, 2003, p. 174).

A inspiração de Jean Dubuffet iniciou-se a partir do contato com obras de doentes mentais e crianças, além da influência do contato com o trabalho pioneiro do psiquiatra alemão Hans Prinzhorn em “O talento artístico dos mentalmente doentes” (1922)⁴. Tendo em vista a interpenetração de saberes já destacada, é interessante notar a referência a esse psiquiatra no campo da arte, pois também o abordaremos mais adiante como um dos ícones deste tema no campo da psiquiatria. A respeito dele e seu trabalho, encontraremos menção em Nise da Silveira (2001), que chamou atenção para o fato de a obra deste psiquiatra alemão não ter inicialmente tido notoriedade em seu meio, mas ter influenciado diretamente a arte moderna, obtendo o reconhecimento de Paul Klee, Max Ernest, Kubin e vários surrealistas na França.

Além de Nise da Silveira, Hans Prinzhorn também foi reconhecido e mencionado como referência por Ludwing Biswanger (1947/1955/2013) no campo da psiquiatria no que diz respeito à interface entre o trabalho clínico e a arte.

Retornando a Dubuffet, ressaltamos ainda que as visitas realizadas a hospitais psiquiátricos na Suíça o influenciaram no período que sucedeu a Segunda Guerra. Este interesse fez com que ele, junto com críticos de arte, criasse a Companhia de Arte Bruta, com o objetivo de organizar um acervo e estudar tal forma de expressão. Adolfo Wolfi tornou-se notável como um dos ícones da Arte Bruta, esse homem de nacionalidade suíça recebeu o diagnóstico de esquizofrenia, tendo trabalhado por três décadas no asilo psiquiátrico em que viveu. Suas obras revelam como trabalhou o tema da sua autobiografia “que combina o real e o imaginário em uma viagem fantástica, narrada por meio de um texto e ilustrações elaboradamente detalhados” (Dempsey, 2003, p. 174).

Nesse sentido, o processo de criação artística seria possível a todas as pessoas e o treinamento na área não seria, nesta perspectiva, o elemento principal para sua realização, pois a possibilidade expressiva estaria em primeiro plano, assim como a amplitude de sentidos que ela pode desvelar.

Percebemos que tal concepção acerca do processo de criação artística gestou não apenas movimentos que vieram a nascer no campo das artes. Permitiu, também, o desvelamento de outras formas de compreensão acerca do ser humano, pois se constituiu no cerne de uma nova

⁴ A referida obra de Hans Prinzhorn será citada várias vezes neste texto, porque chama atenção por ser mencionada em trabalhos de diferentes autores no campo das Artes e da Clínica. No entanto, frisamos que tal obra em diferentes traduções, recebeu em seu título o termo “Arte” para a tradução da palavra alemã *bildneri* que, na verdade, possui um sentido diferente, como abordaremos no tópico 1.2 deste trabalho.

época, em que germinaram questionamentos e enfrentamentos ao que parecia comum e imutável; o modelo racionalista. Possibilitou, ainda, a abertura de outros paradigmas em ciências, inclusive na Psiquiatria e Psicologia, como também outros métodos terapêuticos e de investigação dessas.

1.2 Sobre a Noção de Linguagem Plástica

Cabe agora apresentar e contextualizar a compreensão do termo “linguagem plástica” que atravessa as reflexões aqui empreendidas. Nessa direção, a linguagem plástica seria uma forma de linguagem que se apresenta de modo singular entre as possibilidades humanas, e que também merece atenção, tanto quanto a linguagem verbal e corporal. Ela estaria presente tanto nas obras de arte, nas produções expressivas terapêuticas, como nas atividades expressivas e lúdicas das crianças.

Compreendemos que, embora se apresente como uma das possibilidades humanas, ao longo da vida, as pessoas reduzem o interesse ou empenho no desenvolvimento dessa forma de linguagem. Recorrem à linguagem plástica com ênfase apenas no consumo passivo, tendo em vista que está presente tanto no campo das artes visuais e plásticas – presentes nas galerias, museus, igrejas, ateliers – como pelo uso nas mídias de massa e na publicidade. Percebemos então que, apesar de não ser “exercitada” e desenvolvida pela maior parte das pessoas na vida adulta, a linguagem plástica continua presente diariamente, seja através do consumo de imagens, que a era da tecnologia nos traz, ou pela busca da criatividade e a inspiração que encontramos no processo criativo, seja ele artístico, terapêutico ou lúdico e expressivo (Philippini, 2008).

No campo da clínica, compreendemos que tem sido denominada de formas variadas, tais como: tratamento não verbal, arteterapia, oficinas de criatividade, dentre outras possibilidades, estando presente na Psicologia como, também, na Terapia Ocupacional e Psiquiatria. Percebemos que um elemento comum a essas diferentes perspectivas está no estímulo à criatividade através do uso de materiais artísticos como formas de tratamento e cuidado, que possibilita a expressão e comunicação de sentidos que as pessoas possuem acerca de si e sua realidade (Cupertino, 2001; Philippini, 2008; Silveira, 1992/2001).

Considerando a amplitude de denominações, ressaltamos que, no presente estudo optamos pela denominação “linguagem plástica”, encontrando em Silveira (1992/2001) nosso primeiro aporte para justificar nossa escolha por esse termo no contexto clínico, pois concordamos com ela quando diz que:

a palavra arte tem conotações de valor, de qualidade estética. Frisemos, entretanto, que nenhum terapeuta mira que seu doente produza obras de arte, e nenhum psicótico jamais desenha ou pinta pensando que é um artista.

O que ele busca é uma linguagem com a qual possa exprimir suas emoções mais profundas. O terapeuta busca nas configurações plásticas a problemática afetiva de seu doente, seus sofrimentos e desejos sob forma não proposicional. Utilizamos de preferência a linguagem plástica, expressão plástica. (p. 92).

Tal reflexão é importante já que, como veremos mais adiante, diferentes autores utilizaram a denominação “Arte” para falar da presença dessa linguagem expressiva, não verbal, imaginativa e imagética, no que diz respeito ao tratamento clínico.

Só mais tarde, com o reconhecimento de críticos de arte renomados, como Mario Pedrosa e Leon Degand, a Psiquiatra passou a falar das expressões plásticas dos esquizofrênicos de Engenho de Dentro como arte. Importa saber que, para ela, destacava-se o interesse pela possibilidade de comunicação, compreensão dos fenômenos relativos à doença e história de vida dos pacientes, além da descoberta das qualidades terapêuticas que o exercício dessa linguagem teve para eles. Importante também foi como essa forma de expressão, incentivada nas sessões de terapia ocupacional, associada a um espaço de respeito à pessoa revelou-se como valiosa para o desenvolvimento da afetividade e vinculação entre os pacientes, profissionais e o mundo para além do hospital.

Em virtude desse ambiente facilitador, muitos de seus pacientes foram desenvolvendo, ao longo dos anos, a criatividade e um estilo próprio para a construção de poéticas singulares subjacentes às suas obras e vida. E todo o rico acervo que foi se configurando, como fruto desses trabalhos, deu origem ao reconhecido Museu de Imagens do Inconsciente, inaugurado em maio de 1952 (Silveira, 1992/2001, 1981).

Assim, daremos preferência à denominação “linguagem plástica”, pois compreendemos que diz respeito a um modo de linguagem não verbal, que ganha forma, cor, dimensões e proporções por meio do manuseio de materiais como tintas, argila, gesso, tecidos, entre outros, através do gesto da modelagem, montagem, costura ou pintura, além de outras possibilidades.

Nosso segundo aporte, que justifica nossa preferência por tal denominação, encontra-se no psiquiatra alemão Hans Prinzhorn (1922/2011) que, ao se referir à expressão plástica de pacientes com diagnósticos de esquizofrenia, preferiu o uso do termo alemão *bildneri* - que está relacionado à constituição, formação ou modelagem de uma imagem – em oposição ao uso de *Kunst* – que significa “arte”. Tal posicionamento estava relacionado ao seu interesse pela dimensão da vida psíquica dos seus pacientes e não a questões estéticas. Contudo, como já vimos, seu rico trabalho acabou por influenciar até mesmo o campo das artes.

A linguagem e a expressão plástica, nesta perspectiva, comunicam sentidos, ideias, sentimentos e temas que ganham forma a partir do manuseio dos materiais. Nesse aspecto, a

linguagem plástica está presente nas produções artísticas, mas não se restringe a estas. Isso porque a arte possui uma série de questões que pressupõe um rigor estético que as produções plásticas, em contexto de tratamento, nem sempre possuem.

1.3 Breves reflexões sobre alguns precursores no uso da linguagem plástica na clínica psiquiátrica e psicológica

Chama nossa atenção como a diversidade de estudos sobre esse tema pode ser encontrada na literatura da Psiquiatria e da Psicologia desde o século XIX. São estudos ricos, com amplitude e criatividade metodológica e que se mesclam aos estudos de estética, arte, psicopatologia, criatividade, cultura. No entanto, é também notável como estes trabalhos parecem ter pouca visibilidade hoje e parecem não protagonizar o cenário acadêmico no que concerne à formação clínica dos profissionais de saúde, inclusive, dos (as) psicólogos (as).

Consideramos isso um fator relevante, já que a formação do psicólogo centrada numa perspectiva tradicional prescritiva e curativa vem sendo questionada, abrindo espaço para a discussão da importância da prevenção e promoção à saúde e cidadania, como também nos níveis maiores de complexidade como o da assistência, seja no campo da saúde mental ou assistência social.

Em tais campos, diversos trabalhos clínicos e pesquisas visavam provocar mudanças paradigmáticas no modo de enxergar a pessoa em sofrimento, sempre considerando as dimensões saudáveis, a história pessoal, o contexto social e a dimensão criativa como “acessíveis”, a partir da linguagem plástica. Essa forma de linguagem ampliava a possibilidade de comunicação e compreensão da pessoa que demandava cuidado. Compreensão esta possível não apenas pelos modelos teóricos explicativos da Psicologia e Psiquiatria tradicionais, herdeiras do modelo científico-natural.

Destarte, estamos ressaltando como, em tais trabalhos, foi dada especial importância ao horizonte compreensivo dos pacientes e à linguagem, partindo do princípio que esta nos constitui enquanto seres humanos. Importa também o fato de que, buscando em outros campos do saber reflexões sobre a linguagem plástica, colaboraram para o enriquecimento da clínica no âmbito da Psicologia e Psiquiatria. Após essas considerações iniciais, passaremos a percorrer brevemente diferentes trabalhos e metodologias.

Iniciamos com Barthélémy (2012), ao ressaltar que o período de 1921-1922 foi importante, no que diz respeito à aproximação entre o campo da psicologia e da arte e, de forma

mais ampla, da produção expressiva neste contexto. Tal relação que nasce nessa época persistiria por muito tempo, assim como vincula-se ao campo da psicopatologia fenomenológica.

Ainda conforme esse autor, em 1921 um primeiro e relevante trabalho sobre a expressão pictórica de um paciente psiquiátrico é desenvolvido por Walter Morgenthaler. Esse trabalho, intitulado *Ein Geisteskranker als Künstler*, consegue chamar atenção tanto para as questões estéticas como psicopatológicas. Também à mesma época, Hermann Rorschach, psiquiatra, filho de um pintor, e que também se interessava pela pintura, elaborou artigos sobre a pintura de esquizofrênicos. Importa ressaltar que tais artigos precederam seu mais famoso trabalho de pesquisa; o “Psicodiagnóstico”, onde investigações realizadas com manchas de tinta foram apresentadas para livre interpretação, tendo recebido, apenas em trabalhos posteriores, elaborada sistematização dos resultados que, por sua vez, passou a servir como referência para a construção do instrumento de avaliação clínica da personalidade, tal como é conhecido atualmente.

Outra figura importante nesse cenário foi Hans Prinzhorn, psiquiatra e historiador de arte que teve papel relevante nos estudos relativos à arte, psiquiatria e expressão plástica, especialmente no seu livro *Bildneri der geisteskranken* (1922/1984). O termo *Bildneri*, explorado por Prinzhorn na introdução do referido livro, é um dos elementos centrais para compreendermos nosso tema em questão:

Dado que as obras de que tratamos assim como os problemas que elas levam a abordar não são matéria de julgamentos de valor, mas são visados de um ponto de vista psicológico, nos parece pertinente empregar o termo riquíssimo de sentido-ainda que não muito corrente- “Bildneri”, para um domínio quase desconhecido fora da psiquiatria. Designa-se com esta palavra tudo o que os doentes mentais produzem (Prinzhorn, 1922/1984. p. 54 citado em Bathélémy, 2012. p. 91)

Para Prinzhorn, a *Bilden* possibilita outro processo, a *Gestaltung* (que significa dar forma, construir, configurar, delinear) e que ele utilizou para pensar a expressão plástica, não só no contexto de tratamento psiquiátrico. Para ele, o processo da *Gestaltung* parece ser parte de todos os homens, pois, “Em sua essência, este seria o mesmo, tanto no desenho mais magistral de Rembrandt quanto na mais miserável garatuja de um paralítico, a saber, a expressão de fatos psíquicos.” (Prinzhorn, 1922/1984, p. 50 citado em Barthélémy, 2012. p. 91).

Portanto, a expressão plástica, nessa perspectiva, é a expressão do mundo singular da pessoa, ou seja, o modo de ser de cada uma e que influencia no processo de percepção, organização e formação de uma imagem:

Nós desejamos, antes de tudo, elucidar o processo de “Gestaltung” do ponto de vista psicológico. É-nos necessário, em primeiro lugar, atentarmos para o fato de que já na formação intuitiva do processo perceptivo entram em jogo muitos fatores que têm sua origem na personalidade do sujeito e levam sua marca. Tais fatores

podem inibir ou estimular a imagem visual que está se constituindo; em todo caso, eles contribuem para sua determinação. Trata-se de forças em parte enraizadas no próprio indivíduo, de sua “marca”, como se diz, na qual as disposições afetivas se misturam ao talento expressivo em geral e a numerosas influências exercidas ao longo do desenvolvimento. (Prinzhorn, 1922/1984, p. 90 citado em Barthélémy, 2012. p. 92)

Em uma análise de dez pacientes portadores de sofrimento mental, Prinzhorn expõe detalhadamente a história de vida, relatos dos pacientes, trechos dos prontuários do hospital, além de um acervo de imagens com explicações acerca dos temas trabalhados por cada paciente, assim como as características das suas expressões (Prinzhorn, 1922/2011).

Para ele, a experiência psíquica presente na formação expressiva plástica, foi possível de ser compreendida a partir da experiência dos seus pacientes, com os quais pôde compreender como a formação da imagem brota do mundo psicológico e da vida de quem produz a imagem. Assim, o movimento de dar forma às imagens e sentimentos situa-se na necessidade humana de comunicação, expressão (Barthélémy, 2012; Prinzhorn, 1922/2011).

No cenário brasileiro, mas com reconhecimento que superam nossas fronteiras, temos Osório Cezar⁵ que foi psiquiatra, músico e profundamente comprometido com a arte e a questão do respeito às pessoas com transtornos mentais graves. Identificava-se com o comunismo, tendo escrito, inclusive, trabalhos acerca deste tema. Fazia parte do círculo de artistas da vanguarda moderna no Brasil. Tendo sido casado com Tarsila do Amaral influenciou-a no contato com as questões das causas operárias.

Atuou como psiquiatra do Hospital de Juquery, em São Paulo, e buscou desenvolver trabalhos e pesquisas que foram na contramão do modelo vigente de Psiquiatria no Brasil e no mundo. Para ele, não era necessária a distinção entre o trabalho artístico dos seus pacientes e dos renomados artistas, por isso, chamava de arte o que era realizado pelos internos do hospital. Enfatizava, sobretudo, que a necessidade de expressão estética nessas pessoas não tinha uma qualidade mecânica, mas rica em interesse, uma qualidade mesmo de muito apreço por suas expressões, sua arte.

Considerando a importância do autor Osório Cezar para a referida pesquisa, passaremos a apresentar e discutir algumas de suas contribuições, indicando sempre o ano da referência, já que consultamos algumas obras deste. Este autor refletiu e descreveu a amplitude de “estilos” possíveis

⁵ Nas referências bibliográficas que usamos em nossa pesquisa, percebemos uma alteração ortográfica no nome deste autor, em um trabalho original do mesmo datado de 1934, ao qual tivemos acesso, o nome do autor está escrito da seguinte forma “Osorio Cesar”, enquanto em outros dois artigos dos anos de 1924 e 1956, que foram republicados na Revista Latino americana de Psicopatologia Fundamental de março de 2007, Volume 10, nº 01, seu nome foi escrito como “Osório Cezar”. Esclarecemos que se trata do mesmo pesquisador que atuava como psiquiatra no Hospital de Juquery, em São Paulo.

nas obras dos pacientes, tendo algumas revelado um estilo mais clássico, perceptível pelas “concepções” e composições harmoniosas, originais e “agradáveis”. Outras possuíam características de um estilo mais primitivo; com expressões e formas mais “grosseiras e/ ou incoerentes”, conforme Cezar (1924/2007). Segundo ele, chamava-lhe atenção um maior interesse dos pacientes pela expressão plástica, em detrimento de outras linguagens artísticas, embora houvesse aqueles que preferiam a literatura e a poesia. A maior parte dos pacientes do hospital procedia das camadas sociais mais pobres e possuía pouca educação formal. Ao explicitar a realidade socioeconômica de seus pacientes, compreendemos que ele buscava evidenciar a dimensão da vida criativa do ser humano, mesmo em situações precárias de existência, e apontava para um horizonte de tratamento que valorizasse as dimensões saudáveis da vida, ao invés de focar apenas nos sintomas. Entendemos, assim, que seu método já demonstrava uma amplitude importante que não dicotomizou os processos de saúde-doença, vulnerabilidade e capacidade criativa.

Nas produções dos pacientes de Juquery, encontravam-se trabalhos a partir dos quais é possível ilustrar bem como a expressão plástica dos pacientes revelava a historicidade destes, além da capacidade terapêutica que esse tipo de tratamento pode proporcionar. (Cezar, 1924/2007, 1934). Ressalta ainda que, cada período histórico possui um estilo estético que expressa em si seus valores. A ruptura e surgimento de novos motivos ou retomada de antigos temas revelam como a expressão estética está relacionada ao espírito da época, além de apontar como as produções plásticas apresentavam similaridades com diferentes momentos históricos ou tendências artísticas (Cesar, 1934).

A partir da experiência com seus pacientes, Osório Cezar desenvolveu um método para a análise de suas produções, empreendendo um trabalho comparativo das pinturas e esculturas com a arte de diferentes períodos históricos, fazendo menção em certos momentos ao sentido estético africano e em outros momentos à estética moderna e futurista (Cezar, 1924/2007).

Assim, além da compreensão sobre a “orientação” estética da qual se aproxima a produção dos pacientes, buscou uma compreensão a partir do contexto cultural e história de vida destes, desenvolvendo assim, um rico referencial para leitura das produções plásticas dos pacientes e compreensão dos afetos, conflitos e modos de situar-se no mundo, que levaram até o adoecimento.

Outro fenômeno percebido foi a delicada relação de diversas obras dos pacientes com temas religiosos. (Cezar, 1924/2007). Poderíamos pensar que tal relação se explicaria apenas pelo fato que, como é amplamente conhecido na literatura psicopatológica, diversas vezes o conteúdo dos delírios de pacientes psicóticos tem essa temática como elemento central. No entanto, em uma

recente pesquisa, Lisboa (2012) faz um mergulho nos rastros de religiosidade encontrados nos trabalhos de artistas pernambucanos. Segundo ela, tal tema se apresenta de forma caleidoscópica na contemporaneidade, não apresentando um projeto único, tomado por mudanças velozes, que, com influência da tecnologia e da globalização vêm alterando consideravelmente diferentes aspectos de nossas vidas no cotidiano.

Nesse sentido, a autora apresenta a presença da religiosidade nas obras dos referidos artistas como uma manifestação e um cruzamento entre estas dimensões: – arte e religião – que aparecem como enfrentamentos éticos de integração da vida e do sagrado em um momento marcado pela impermanência. Acredita ainda que “Pode-se considerar que a religião e a arte contemporânea demonstram a realidade de nossa época.” (Lisboa, 2002, p, 18), ressaltando que os artistas vivem com profundidade as inquietações de seu tempo, sendo a arte uma resposta a tais inquietações para se entender o mundo. Partindo de tal compreensão, indica que, em nossa época o ser humano pode não mais ter a religião como suporte, mas a espiritualidade continua a ser parte importante de sua existência.

Semelhante compreensão foi pensada por Cesar (1934), ao considerar a presença de simbolismos místicos nas produções dos internos e compará-los com a expressão plástica dos artistas de vanguarda da época. Em suma, ele sublinha como os motivos religiosos, de caráter irracional e primitivo podem ser percebidos nas obras de artistas de renome e nas expressões plásticas dos pacientes. No entanto, enquanto os artistas que não são portadores de sofrimento mental não experimentam obstáculos para o “exercício” dos papéis sociais ao expressarem a irracionalidade e liberdade de sua imaginação, com muitos pacientes acontece exatamente o inverso, em maior ou menor proporção.

Percebemos assim, que em ambas experiências – dos pacientes e artistas de renome, semelhante às considerações da autora há pouco citada –, a expressão dos motivos religiosos/espirituais parecem um apelo para recompor o equilíbrio e a sacralidade da vida ante um mundo impermanente e fugaz.

Também chama atenção como Cesar (1924/2007) assumia uma postura crítica em que buscava compreender de forma ampla o tema do belo nas produções de seus pacientes. Não se limitando a padrões clássicos e realistas, dava ênfase à liberdade criativa, entendendo as expressões mais arcaicas como providas de originalidade e extravagância, acreditava que “A arte para ser genial tem que ser livre” (Cesar, 1924/2007, p.17).

Assim, importa que, para além de sua época, apresentava uma compreensão ampla sobre arte, inclusive, sobre a produção dos internos do hospital. Entendia o conceito de beleza como além de referências e tendências tradicionais, relacionado-a como um modo de revelação

singular da vida. Para ele: “A beleza não é uma manifestação de escola criada para uma manifestação universal. Ela é só uma questão de temperamento.” (1924/2007, p. 7).

Outro autor que desempenha um papel relevante no estudo desta temática é Roger Bastides, psiquiatra francês, em colaboração com Osório Cezar, desenvolveu uma pesquisa onde a expressão plástica dos pacientes serviu para o estudo do sofrimento mental em imigrantes. Nessa experiência, aprofundaram e sistematizaram uma compreensão referente às diversas manifestações artísticas em diferentes “tipos patológicos”, assim como, os diferentes estilos artísticos e expressões em diversas culturas, etnias e civilizações (Bastides & Cezar, 1956/2007).

Esses autores entenderam a loucura como uma forma de desagregação da personalidade, constituída por várias dimensões; tomando como foco a dimensão cultural da personalidade, perceberam que esta é a primeira dimensão a ser comprometida nos pacientes imigrantes, levando à desagregação da personalidade cultural, no processo de adoecimento mental grave de pacientes imigrantes. Tal fenômeno foi estudado a partir das expressões plásticas dos pacientes que foram tomadas como referências para demonstrar como podem ser significativas enquanto método de avaliação/diagnóstico e tratamento.

Assim, ainda segundo o referido estudo, os autores apresentam tais ideias através de estudos de casos que revelam como um conflito emocional somado à experiência da migração e às exigências de adaptação à nova realidade cultural e códigos morais acabam por eclodir no adoecimento. Ressaltamos ainda, que os autores não compreenderam esses fenômenos como em uma relação unívoca ou causalista.

Realçamos também, na referida pesquisa, como dados da história de vida dos pacientes no trabalho de avaliação e tratamento clínico, através da linguagem plástica, foram considerados. Outra dimensão a ser realçada é a compreensão da linguagem plástica como expressão do ser humano, sua personalidade, suas vivências pessoais e culturais, sejam essas vivências de conflitos ou não:

A cultura não é externa ao indivíduo; ela existe pela educação interiorizada e, conseqüentemente, assume colorido variável, de acordo com os indivíduos. A arte, sendo a expressão da personalidade, seja essa personalidade normal ou patológica, a pintura não nos colocará jamais senão em presença da cultura introvertida e mais ou menos deformada pelos problemas do homem que pinta. (Bastides & Cesar, 1956/2007, p.3).

Ainda nessa perspectiva da arte ou expressão plástica como expressão do ser, tal compreensão é endossada quando consideram que:

A arte dos doentes mentais não é mais do que a das pessoas ditas normais- uma simples expressão do ser, que é também uma linguagem. A idéia de um jorro espontâneo, no curso de um segundo estado, ou da loucura, de uma obra de arte

que sairá completamente armada de um cérebro doente não é confirmada pela observação. O próprio fato de que o alienado se exprime em linguagem, por mais estranho que seja, é sinal de que ele não é totalmente alienado. (Bastides & Cesar, 1956/2007, p.4)

Outra importante contribuição consistiu em apresentar uma análise das experiências com os pacientes no Hospital de Juquery que permitiu a elaboração de um método de compreensão das produções correlacionando o sofrimento mental com diferentes tendências artísticas e contextos culturais, em diferentes épocas e sociedades. Assim, diferentes características nas produções se apresentam conforme o estado patológico.

As características as quais se referiram dizem respeito à forma, traço, tema; assim, em um caso acompanhado no hospital foi possível observar um processo de cura em que a produção do paciente realizou um retorno progressivo a uma expressão que se aproximava da estética de caráter naturalista. Frisaram, ainda, que os “estilos culturais” também se revelavam nas produções dos pacientes, sendo possível, ao mesmo tempo, a presença desses dois fenômenos.

Passaremos agora às contribuições de Silveira (1992/2001, 1981), psiquiatra e pesquisadora brasileira, que já citamos anteriormente. Suas reflexões mantêm aproximações com algumas das que foram tecidas até aqui. Ela destacou-se no campo da clínica psiquiátrica e psicológica por ter problematizado estereótipos e aberto horizontes acerca do tema.

Em “O mundo das imagens” inicia suas reflexões abordando a crise e sucessivas tentativas de mudanças paradigmáticas no campo da psiquiatria atual. Chama atenção para a influência de Descartes nas construções que dizem respeito às relações corpo-psíquico na medicina científica, considerando que o corpo, nessa perspectiva, foi tratado como uma máquina complexa e a doença seria decorrente de um mau funcionamento de seus inúmeros mecanismos, sendo a função do médico atuar com meios físicos e químicos para restabelecer os mecanismos de um bom funcionamento. (Silveira, 1992/2001).

Daí a autora passa, então, a uma crítica à supervalorização da razão como característica mais relevante do ser humano na tradição cartesiana, e introduz um pouco sobre a história da loucura que, nesse contexto, revelou-se no modelo biomédico que valoriza e busca explicações causais e o tratamento orgânico através das investigações bioquímicas e anatomopatológicas, em detrimento da compreensão das dimensões psicológicas da doença mental. E, assim, a autora vai diferenciando seu percurso da tradicional psiquiatria moderna.

Nise da Silveira afirma que, em virtude dessa tradição que põe o foco no sintoma e nos processos orgânicos, ao invés da vida psíquica, buscou em outros campos do saber outras possibilidades para compreender o processo de sofrimento e adoecimento. Já em “O mundo do Inconsciente” (Silveira, 1981), afirma que, mesmo os psiquiatras que depositavam alguma atenção

nas produções dos pacientes esquizofrênicos, acabavam se detendo mais no que as produções podiam refletir acerca dos sintomas. Dessa perspectiva corrente, considerou que apenas alguns psiquiatras se diferenciaram, como K. Jaspers com o livro *Strindberg und Van Gogh*, e Hans Prinzhorn no livro *Bildneri der Geisteskranken* de 1922.

Inconformada com agressivos tratamentos como a lobotomia, o eletrochoque e o coma insulínico ou choque hipoglicêmico, que atingiam funções psíquicas importantes, como a memória, a capacidade de comunicação, e que podiam causar lesões cerebrais, Silveira (1992/2001) buscou formas de tratamento que não tivessem como objetivo suprimir os sintomas. Desenvolveu seu trabalho objetivando trazer os sintomas à tona, contribuindo para que os pacientes os ressignificassem e os transformassem. Considerava que os sintomas do sofrimento mental seriam uma forma que o organismo encontrou para tentar curar-se e atingir novo nível de integração, portanto, acreditava que uma efetiva terapia deveria fornecer à pessoa uma atmosfera de apoio emocional, a fim de facilitar a cura. Com esse propósito foi que ela encontrou referências para desenvolver outras formas de tratamento na terapia ocupacional, na arte e em trabalhos pioneiros fora do Brasil.

Ressaltamos ainda, a proposta pioneira da psiquiatra, no que diz respeito ao rompimento com o modelo manicomial. Nesse sentido, ela esteve à frente de seu tempo ao propor o serviço “hospital-dia”, em que os pacientes com um quadro mais estável podiam passar parte do dia participando de sessões de terapia ocupacional (com pintura, modelagem, oficinas diversas de encadernação, dentre outras) e depois podiam retornar aos seus lares.

No contexto institucional, para os pacientes que se encontravam internados, inseriu nas propostas terapêuticas atividades que considerava favorecer o relacionamento com o meio social e o fortalecimento do ego dos pacientes, tais como: festas da tradição popular, atividades recreativas e de lazer, oficinas diversas e atividades de cuidado e beleza. Para ela, tais atividades não visavam a uma recreação ingênua ou de pura distração, mas o “fortalecimento do ego e um avanço no relacionamento social” (Silveira, 1992/2001, p. 17) que contribuiriam para que o paciente se percebesse como pessoa e vivenciasse experiências sociais e culturais, dentro das suas possibilidades e limites circunstanciais.

No entanto, a pintura e a modelagem ganharam destaque no seu trabalho por possibilitarem melhor compreensão sobre o universo do doente e suas vivências desagregadoras, além de serem terapêuticas. As atividades plásticas da pintura e modelagem ajudavam os pacientes a dar forma às emoções e sofrimentos experimentados, tornando-os menos ameaçadores, na medida em que podiam ser expressos e, assim, elaborados. Para a autora, esta se tornou uma estratégia de enorme valor, dada às condições precárias na comunicação verbal com o paciente esquizofrênico

crônico, só possível quando “o processo de cura se achar bastante adiantado. Será preciso partir do nível *não-verbal*.” (Silveira, 1992/2001, p. 16).

Para nós, essa experiência e metodologia que Silveira desenvolveu junto aos seus pacientes, através do “uso” da linguagem plástica para os processos de avaliação e tratamento clínicos, se faz relevante e nos interessa na medida que se aproxima do universo dos pacientes, acolhendo o sofrimento e valorizando o potencial de comunicação ainda presente. Contribuindo, assim, para restabelecer um espaço de abertura para a vida.

Frisamos, ainda, a importância dada em seus estudos à fenomenologia e à psiquiatria existencial, no que tange à compreensão da experiência vivida e da vivência da espacialidade. Para tal, se refere aos estudos de Minkowski e Binswanger no campo da psiquiatria, além de Merleau-Ponty. Tais experiências foram melhor compreendidas por ela a partir também das referências do campo da arte moderna, referências estas que Silveira (1981) relacionou com as experiências dos pacientes, expressas nas imagens pintadas ou modeladas, e que pareciam convergir com a pluralidade de sentidos e possibilidades contemporâneas de experienciar o espaço e outros fenômenos.

Tal busca por caminhos e métodos não agressivos de tratamento levaram a psiquiatra e sua equipe interdisciplinar a explorar o potencial da linguagem plástica e a expressão imagética dos pacientes, este movimento encaminhou-os à construção de encontros voltados para ciclos de estudos sobre mitologia, arte e psicologia junguiana. Essa última acabou tornando-se o referencial da psiquiatra para entender os fenômenos do sofrimento no esquizofrênico e seu funcionamento psicológico. Essa escolha não se deu indiscriminadamente, mas por sua identificação com o psiquiatra suíço, o qual também estudava com profundidade a arte para entender o funcionamento psicológico humano (Silveira, 1992/2001).

A expressão plástica dos pacientes, diversas vezes, trazia com clareza a história de vida destes, no entanto, uma gama de imagens e de sintomas não podiam ser compreendidos considerando apenas a história de vida. Tal influência levou-a a descobrir na psicologia junguiana a noção dos arquétipos⁶, pois muitas das imagens expressas pelos pacientes eram expressões destes temas humanos que “resultariam do depósito das impressões superpostas deixadas por certas vivências fundamentais, comuns a todos os seres humanos, repetidas incontavelmente através dos milênios.” (Silveira, 2011. p. 68).

⁶ Para Silveira (2011) “a noção de arquétipo, postulando a existência de uma base psíquica comum a todos os seres humanos, permite compreender porque em lugares e épocas distantes aparecem temas idênticos nos contos de fadas, nos mitos, nos dogmas e ritos das religiões, nas artes, na filosofia, nas produções do inconsciente de um modo geral-seja nos sonhos de pessoas normais, seja em delírios de loucos.” (p. 69). Assim, os arquétipos estariam relacionados às experiências humanas como o amor, a morte, entre outros temas possíveis.

Um diferencial no trabalho terapêutico desenvolvido pela psiquiatra brasileira está no reconhecimento de que a expressão plástica possui em si mesma capacidade terapêutica, isso significa que o uso da pintura, da modelagem, entre outras possibilidades, possuem não só a vantagem de subsidiar o trabalho diagnóstico do profissional de saúde frente ao sofrimento mental. O trabalho plástico, por si, possibilita a comunicação, despotencializa conteúdos psíquicos ameaçadores e permite àquele que nele se empenha, na medida em que expressa seus “conteúdos”, a transformá-los. (Silveira, 2001).

1.4 A Arteterapia como um campo de interlocução entre clínica e arte

No sentido de continuar apresentando diferentes propostas que fazem uso da linguagem plástica em contextos clínicos, trataremos agora da Arteterapia. Para tal, recorreremos a algumas autoras desta área: no cenário brasileiro tomamos como referência Angela Philippini, psicóloga e arteterapeuta que possui várias publicações sobre o tema e que compreende esse campo como uma possível “disciplina” autônoma, **transdisciplinar** – derivada dos estudos e práticas de arte, Psicologia e criatividade –; também como referência, recorreremos à Alexandra Duchastel, psicóloga e arteterapeuta canadense que propõe uma modalidade denominada por ela de “O caminho do imaginário”, em que constrói uma proposta **multidisciplinar**, centrada no processo, em que considera importante a compreensão do processo criativo como, muitas vezes, mais relevante que o produto final, assim, alia a compreensão clínica em Psicologia às várias perspectivas em arteterapia, associando a linguagem plástica, corporal, escrita, e verbal, além dos sonhos como

elementos importantes para o processo. Essa autora também traça um percurso retrospectivo sobre o lugar da arte, da ciência, e das diferentes linhas da arteterapia, sobre o qual falaremos brevemente – tendo em vista não ser pretensão nossa esgotar o tema em tão curto espaço. Por fim, apresentamos a concepção da psicóloga e arteterapeuta argentina Sara Paín, que também é doutora em Filosofia e Psicologia. Nossa opção em recorrer a esta última pesquisadora teve o objetivo de esclarecer nossa posição em relação ao campo da Arteterapia.

Com o objetivo de esclarecer a respeito desse campo, iniciamos com Philippini (2008) que, como mencionado, considera a Arteterapia como um campo de práticas e saberes abrangente e transdisciplinar, capaz de expandir o potencial de saúde das pessoas, a partir do desenvolvimento da criatividade e da autonomia expressiva. Para ela, frente a uma realidade de tantas disparidades sociais, urge encontrarmos caminhos de co-responsabilização para o desenvolvimento de uma sociedade mais crítica e participativa da realidade da vida em grupo. Assim, a autora cita Cuéllar (sem data), no documento da Unesco “Nossa Diversidade Criadora”, e fala da importância da criatividade como força social e da expressão como caminho para a pluralidade e o diálogo.

Na busca de melhor explicar o processo arteterapêutico, Philippini (2011) reflete a necessidade de resgatar nas pessoas um “reencantamento do olhar”, pois considera que “o olhar *reencantado* poderá ser criativo, utópico, poético, imaginativo, com força de transformação” (p. 51). Assim, enfatiza a força criadora como terra fértil para estimular a saúde.

Tomamos agora as reflexões de Duchastel (2010) para melhor explicitar a compreensão desenvolvida pela Arteterapia a partir da interlocução com a arte. A autora expõe que o potencial da arte, dos sonhos e do imaginário foi explorado como terapêutico pelas sociedades primitivas. As funções religiosas e terapêuticas se confundiam naquela época, pois os homens exploravam a força simbólica das imagens, seja nas pinturas parietais – arte gravada nas paredes das cavernas –, ou pela escultura, tanto como forma de vivenciar a espiritualidade como para celebrar, “dar forma” e lidar com o mistério da vida.

Os egípcios, assim como na Grécia Antiga, atribuíam à arte um sentido importante. E nas tradições xamânicas ameríndias e australianas os sonhos ganhavam atenção e eram compreendidos como importante dimensão da vida humana. Já os monges tibetanos consideravam a arte de construção de mandalas como um importante aspecto de suas práticas formativas.

Deste modo, a autora busca ilustrar como a arte sempre teve papel fundamental no imaginário humano e importante simbolismo no modo como nos relacionamos com o mundo, dando contorno aos sentimentos mobilizados nessa relação, servindo de via para a expressão da vida, possibilitando assim, que o ser humano cuide dessa relação com a vida e com si mesmo. Como sabemos que não é possível definir a compreensão e “função” de um complexo campo como o da arte à função terapêutica, e cremos que não seja esse o objetivo da autora, pensamos que o mais fundamental diz respeito à pluralidade das possibilidades do ser humano dar sentido à sua vida e à realidade, dimensão já discutida no início deste capítulo. É nessa direção que percebemos ser relevante atentarmos para a importância das diversas manifestações artísticas em diferentes tempos, além do modo como estão presentes desde as manifestações eruditas às populares. Entretanto, voltemos às reflexões da autora em questão e mais adiante retomaremos a compreensão que temos acerca do tema no que diz respeito à ação clínica.

Depois de um breve percurso com o objetivo de apresentar o potencial curativo da arte nas tradições de antigas sociedades, e o lugar de menor valor que foi relegado a estas práticas, em virtude da supervalorização da razão pela ciência moderna, a autora avança em suas reflexões para fundamentar sua proposta terapêutica por meio do estímulo ao imaginário e à expressão artística. Argumenta que a psicologia moderna reproduziu a tendência racionalista predominante no modelo moderno de ciência, pois abordou “o psiquismo humano com a mesma grade de análise lógica

utilizada em física ou biologia, ou seja, com a preocupação de classificar as patologias e encontrar uma relação causal para todos os fenômenos psicológicos”. (Duchastel, 2010, p.26).

Diante de tal afirmação, importa lembrar que a Psicologia, enquanto um campo disperso de saberes e práticas, recebeu influências diversas de diferentes campos do conhecimento, assim como esteve ancorada em diferentes paradigmas, não sendo possível enquadrá-la em uma só perspectiva, inclusive porque, como também é abordado neste estudo, sempre existiram compreensões contrárias à hegemonia do pensamento racionalista e à prevalência e inadequação dos métodos das ciências naturais para compreender os fenômenos da existência humana. Tal posição, também defendida pela fenomenologia, dentre outras perspectivas, exerceu importante papel para a emergência de outros olhares para a Psicologia. Assim, retomando Duchastel (2010), percebemos que ela buscou desenvolver uma metodologia que favoreça o deslocamento desse posicionamento engessante, em que a Psicologia se impregnou tradicionalmente, a outro proveniente de movimentos que surgiram como um questionamento à tendência predominante. Tais movimentos por ela citados dizem respeito ao encontro com escolas das terapias através da arte, que nasceram, sobretudo, no cenário americano. Em tal direção, Duchastel destaca três principais tendências, são elas:

- 1) a psicoterapia pela arte;
- 2) a arte como terapia;
- 3) a arte-terapia centrada sobre o processo.

Assim, após apresentar as modalidades mais conhecidas no momento, passaremos a fazer uma breve apresentação de cada escola.

1) A psicoterapia pela arte:

Duchastel (2010) cita Margaret Namburg (sem data) como representante dessa tendência, a autora possuía formação em psicanálise e, posteriormente, em psicologia analítica. Entendia que o inconsciente se exprime mais por imagens do que palavras. Por isso, inseriu em sua prática a expressão artística junto aos pacientes, com o objetivo de permitir a eles que, através das imagens, desenvolvessem a circulação de associações livres, assim como, uma comunicação simbólica entre paciente e terapeuta. No entanto, nessa perspectiva, a linguagem verbal ganhava uma posição de maior destaque. Nela, o cliente seria motivado a refletir sobre a imagem que produziu, encontrando o significado inconsciente existente na imagem.

2) A arte como terapia:

Nesta abordagem, Edith Kramer (1977 citada em Duchastel, 2010) destaca que a criação artística é terapêutica por si mesma e, por isso, atribui mais ênfase na produção artística do que na comunicação verbal, assim: “o cliente não é sistematicamente convidado a dar sentido as

suas imagens. Segundo essa abordagem, o conceito de sublimação é central: a arte permite transformar pulsões e emoções primárias, consideradas como associativas, em atividades mais produtivas socialmente. O arte-terapeuta, antes de tudo, deve ser um artista. Fala-se então da arte como terapia.” (p. 29).

3) A arte-terapia centrada sobre o processo:

Nesta abordagem se situa a própria Duchastel (2010) e, segundo ela, tal tendência teve Elionor Ulman (1987); L. Rhinehart e P. Engelhorn (1982) como representantes. Nessa forma de terapia, busca-se integrar as duas abordagens ou tendências anteriores. Assim, ora o processo de elaboração se dá verbalmente, ora pode ocorrer apenas pela expressão artística. Ulman (1987, citado em Duchastel, 2010, p. 29) aponta que “a psicoterapia pela arte e arte como terapia podem coexistir dentro da mesma sala, ao mesmo tempo, ou no trabalho de um mesmo terapeuta, em momentos diferentes.”

Conforme sistematizada por Duchastel (2010), tal proposta situa-se no trânsito entre arte e psicologia. A perspectiva desenvolvida por ela se inspira, predominantemente, no campo das artes visuais, mas encontra interface também em outras formas de expressão como a dança, o jogo dramático e a música, pois considera que a simples vivência lúdica permite a sublimação e elaboração dos conflitos.

Desse modo, em sua concepção, destaca que a expressão pela arte possibilita um contato com emoções bloqueadas, a compreensão do cliente sobre seus modos de funcionamento que se refletem no próprio modo de expressão e construção plástica, a autora nos diz que:

Essa experiência imediata, no plano da relação terapêutica, oferece a possibilidade de ser surpreendido pelo poder das imagens e descobrir novas facetas de sua personalidade. Assim, aumentamos seu “vocabulário” de reações a diferentes situações da vida. (Duchastel, 2010, p. 32).

A autora relaciona o trabalho arte-terapêutico com o que Winnicott pensava em relação ao jogo lúdico e criativo como forma de comunicação não verbal entre terapeuta e cliente, semelhante ao que acontece entre a mãe e a criança. Para ela “A atmosfera lúdica permite repelir as fronteiras do refluxo, penetrar mais adiante nos mistérios do inconsciente e, assim, acordar e curar velhos sofrimentos.” (p. 33). Assim, os recursos artísticos poderiam ser uma forma de nos conectar com a riqueza de nosso imaginário e de dar forma ao processo criativo.

No entanto, embora a autora enfatize o processo criativo, lúdico e expressivo como terapêuticos, chama atenção para a importância de dimensões como a ética, o acolhimento, um sólido vínculo terapêutico, além da necessidade de supervisão clínica e uma formação profissional que siga critérios mínimos e, ainda, a experiência de estágio e a adesão a uma associação

profissional. O processo terapêutico, nesse sentido, é construído por uma rede de aspectos que o possibilita.

Outro aspecto importante dessa proposta está em chamar atenção não só para o “produto” final do trabalho expressivo, mas para o processo de criação da imagem; a linha, a forma, a cor e o que a pessoa sente no processo são indicativos da personalidade, dos conflitos, bloqueios, pois às vezes simbolizam mais que o todo da imagem, mais do que seu tema ou conteúdo.

Além do que já foi exposto, essa proposta incentiva que a pessoa busque nas diferentes manifestações do seu imaginário pistas sobre si; os sonhos e imagens mentais são muito importantes no processo de autoconhecimento e resolução de conflitos dos que se propõem a essa perspectiva terapêutica. A expressão plástica se apresenta, então, como mais uma forma de trabalhar terapeuticamente a linguagem poética e misteriosa dos sonhos e imagens mentais, aprofundando e compreendendo seus significados. Também a escrita dos pacientes pode ser uma ferramenta importante nesse processo, para melhor apropriação e compreensão, permitindo também a associação e registro do próprio paciente sobre emoções, lembranças e reflexões que os sonhos e imagens suscitam. Com o mesmo objetivo, outras formas de escritas de si mesmo são estimuladas nessa proposta.

Para finalizar, vejamos a proposta de leitura de imagens de Duchastel (2010). A autora explica em seu livro que decodificar a mensagem existencial dos nossos sonhos, de nossas produções artísticas, de nossas imagens mentais e do corpo constitui-se como um processo significativo e perigoso, pois é necessário fugir à tentação das interpretações pré-fabricadas e precoces. Ela compartilha seu entendimento e experiência quando considera que a interpretação de imagens:

É uma arte sutil, feita de uma sábia mistura de experiência clínica, conhecimentos teóricos em avaliação psicodiagnóstica pela arte, e intuição. (...) O terapeuta deve então levar em consideração um conjunto de fatores complexos, assim como o contexto de criação de imagens, para estabelecer sua avaliação. (2010, p. 198)

Desse modo, com um objetivo didático, sistematizou alguns fatores que podem ajudar no processo, tais como:

- a) o número de imagens: é importante que haja uma série de produções expressivas a fim de compará-las e entender a continuidade de sentidos que elas possibilitam;
- b) o estado do cliente: idade, sexo, religião, condições de saúde física e mental, assim como as condições de vida do momento podem influenciar tanto o conteúdo, como a construção da imagem.

Ou seja, é necessária adequada contextualização do que foi produzido plasticamente em relação à outras informações sobre o paciente;

c) o contexto de criação onde a produção se realizou;

d) o terapeuta: seu modo de ser, sua experiência e formação, assim como a qualidade da relação terapêutica, terá repercussões na produção expressiva.

Para dar relevância à complexidade da leitura e compreensão das imagens, a autora nos diz que:

Um grande número de coisas faz parte da mensagem e tem uma importância capital na interpretação de uma imagem: o que é dito, a atitude não verbal, a postura, os movimentos involuntários, a respiração, os suspiros, a intensidade dos traços, a rapidez da execução, a escolha do suporte ou do meio, a concordância entre o que é dito e o que é feito etc. (p. 200).

Com muita sensibilidade, Duchastel atenta para a questão de que o processo e a própria mudança trabalhada terapêuticamente com os pacientes necessita de tempo. E rumo para uma compreensão de que trabalhar com os significados através de imagens é também adentrar por caminhos do imaginário, por isso, estimular novas formas de expressão, ou novas faces para imagens já trabalhadas pode se mostrar como uma possibilidade de aprofundamento.

Destacamos também, a significativa contribuição da autora ao trazer para o campo terapêutico elementos provenientes de estudos das artes plásticas, no sentido de ajudar na compreensão das produções expressivas de valor terapêutico. Para ela, a observação das qualidades formais da imagem, como a regularidade dos traços, curvas, retas, as sombras, a luz, entre outras, que compõem o todo da imagem podem oferecer informações importantes sobre o processo, além, é claro, do conteúdo simbólico da imagem.

Ela aproxima a terapia pela arte do mesmo modo que Niff (1992 citada em Duchastel, 2010), considerando este tipo de prática terapêutica como uma manifestação moderna, ao modo dos antigos xamãs, pois assumem a mesma função de cura, uma vez que protegido pela relação terapêutica:

A simbologia de nossas imagens íntimas desencadeia um processo de transformação profundo e revela mensagens existenciais que podem mudar nossa vida. Ainda é preciso tomar o tempo de decodificar os ensinamentos de sabedoria do imaginário e ter coragem de passar à ação. É o comprometimento que nós tomamos em relação à nossa própria psique que nos assegura a cura. (Duchastel, 1992, p. 220).

Para nós, é evidente a contribuição da Arteterapia e ela se mostra, como outras perspectivas e iniciativas, como uma das formas relevantes de intervir e cuidar de pessoas que demandam compreender e se apropriar de suas experiências para construir novos sentidos em suas

vidas e permitir, assim, o tecer de outras experiências e modos de se situar no mundo. No caso da Arteterapia, tal processo se daria pelo debruçamento e entrega ao fazer plástico que permite a construção destes novos sentidos e a emergência de símbolos que ofereceriam o “material” imaginário, imagético para a transformação das experiências e da trajetória de vida, semelhante ao modo como se pensa e trabalha clinicamente com os sonhos, as fantasias, e o brincar. Vale ressaltar que para este campo há uma importante ênfase na a produção plástica, em vez do foco na linguagem verbal, como forma de materializar e transformar aspectos psíquicos importantes.

A fim de melhor esclarecer nossa compreensão a respeito da arteterapia, introduzimos brevemente a reflexão que Paín (2009) faz acerca dessa área, concordamos com ela quando considera que para esta perspectiva clínica a escolha pelo termo arte é tomada como uma metáfora, pois “aquele que frequenta o ateliê não se compromete com um aprendizado sistemático das regras do ofício, nem com a criação de idéias plásticas cuja coerência estética seja completa e socialmente reconhecida” (p. 12). Entretanto, a autora reflete que os critérios para considerar um objeto como obra de arte são flutuantes – por isso a idéia da escolha do termo arte como uma metáfora –, diz ainda que na contemporaneidade a não submissão da obra a regras rígidas poderia tornar mais compreensível a escolha do referido termo para falar sobre uma perspectiva terapêutica.

Todavia, como nosso enfoque neste trabalho não esteve na Arteterapia e como não nos aprofundamos em discussões a respeito da arte, que pela sua complexidade merece melhor aprofundamento, de modo que poderia se constituir por si só como um tema de pesquisa, pois se caracteriza como um campo em que os territórios e limites se fundem em alguns momentos. Além do mais, como já exposto anteriormente neste capítulo, pensamos que no que corresponde à questão clínica, a expressão plástica de pacientes ou usuários poderá ou não alcançar reconhecimento ou qualidade artística, como no caso dos mais conhecidos pacientes de Nise da Silveira.

Portanto, importa destacar como a expressão plástica se constitui como uma rica experiência que possa contribuir com o processo de cuidado no contexto clínico. E é esta questão que nos interessa e nos guiou durante o processo de pesquisa que ficará mais clara adiante.

1.5 As Oficinas de Criatividade: um olhar fenomenológico existencial para uma modalidade de trânsito entre o trabalho clínico e psicoeducativo

As Oficinas de Criatividade se caracterizam como uma modalidade de prática psicológica que busca atender a contextos e demandas diversas em que os psicólogos estão inseridos, tem se mostrado como uma valiosa estratégia de oferecer atenção psicológica a grupos

em instituições diversas, comunidades, escolas, além de favorecer o trabalho com aspectos importantes que os recursos pedagógicos convencionais não abrangem em processos educativos e formativos, como as emoções e crenças. Para isso, lança-se mão de recursos expressivos de natureza artística, como: pintura, modelagem em argila ou outros materiais, desenho, construção de cenários e encenação, colagens, dança, além do contato com atividades do cenário cultural (como exposições, festivais de música, cinema, fotografia, teatro) e leitura de textos, livros, poesias, e a possibilidade de ver filmes. (Cupertino, 2001, 2008)

Segundo Cupertino (2006), podemos pensar as Oficinas de Criatividade como uma modalidade recente de prática psicológica, situada entre a Psicologia e Educação. Constitui-se como uma prática que busca favorecer a experimentação de diversas formas de expressão, o autoconhecimento, o contato com o outro e a inserção social com base em uma ética onde a diversidade e a divergência são valorizadas em uma atmosfera de respeito.

Tal proposta foi concebida como uma iniciativa de incentivo ao desenvolvimento da criatividade de alunos com altas habilidades, e alunos do ensino fundamental, atendidos em cursos extracurriculares em uma instituição de ensino superior de São Paulo. A intenção era oferecer um contato dos participantes consigo mesmos, estimulando e valorizando a expressão dos afetos e o amadurecimento dessa dimensão tão importante, em vez apenas das capacidades intelectuais, comumente mais enfatizadas nas escolas.

A proposta foi estendida aos estudantes do próprio curso de Psicologia como possibilidade de contribuir no processo formativo destes. Para os alunos de Psicologia, o objetivo era ofertar um espaço de exploração da própria experiência e a reflexão frente uma ciência tão diversa e dispersa em saberes e fazeres, tendo em vista a responsabilidade ética que é demandada do psicólogo (a), no mercado de trabalho, ao atuar em uma época de tantas transições, fragmentações e possibilidades que têm impacto direto sobre a vida das pessoas. (Cupertino, 2001).

Nesse aspecto, a criatividade era tomada como o carro chefe do trabalho que ia tomando forma, no entanto, até chegar a uma compreensão de criatividade mais aberta, além de outros pontos importantes que precisavam ser levados em consideração nos trabalhos educativos e terapêuticos que se desenvolviam, Cupertino (2001) descreve que realizou um processo que incluiu uma revisão crítica das teorias e perspectivas tradicionais sobre o tema, e que exerciam certa influência sobre ela.

Tais perspectivas correspondiam basicamente à Psicologia da criatividade moderna, de caráter experimentalista e cientificista, que buscava desenvolver a criatividade por meio do treinamento, e que tinha como principal representante Alex Osborn. E, ainda, por uma revisão da influência que guardava da Psicologia humanista e que tinha Rollo May e Abraham Maslow como

representantes, no que tange ao tema criatividade. A primeira vertente possui uma ação mais diretiva no que se refere ao estímulo à criatividade; enquanto a segunda, assume uma atitude não diretiva, contudo apresentavam semelhante postura ao conceberem a criatividade como uma capacidade potencial, inerente a todos os seres humanos, não sendo privilégio das mentes mais geniais.

Todavia, foram se apresentando uma série de questões como: quais critérios são relevantes para avaliar uma “atitude” ou um produto criativo? Como também: qual o alcance que a criatividade pode chegar a ter? E, ainda, quais as repercussões e desdobramentos dessas questões no que se referia à própria proposta das oficinas, sejam em contexto terapêutico ou educativo.

Essas questões apontavam um descompasso entre o que as teorias traziam e as experiências e necessidades que se apresentavam, pois as atividades vinham sendo conduzidas na perspectiva do treinamento da criatividade, e a crença no potencial de desenvolvimento da criatividade dos alunos, no entanto, ficavam vagas as referências para avaliar tal desenvolvimento. Afinal, apenas a produção de elementos criativos bastaria? Assim, foi se mostrando a necessidade de ampliar a compreensão, pois o objetivo era de que tanto os estudantes de Psicologia como clientes e usuários pudessem, na verdade, experimentar a ampliação de sua relação com o mundo de forma crítica e implicada.

Tendo em vista a busca por uma trilha para o desenvolvimento dessa proposta que visava tocar em dimensões dos participantes para além da racionalidade, refinando o pensamento criativo e, desse modo, enriquecendo as possibilidades compreensivas sobre si e, no caso dos estudantes do curso de psicologia, deixando mais fértil a própria relação com a prática psicológica.

Nessa direção, o encontro com o pensamento heideggeriano e de outros pensadores, como Lévinas, Walter Benjamin, Pierre Lévy, Michel Serres e alguns mais, abriu espaço para a construção de um trabalho de prática e pesquisa que favorecesse a reflexão através de um mergulho na experiência que se apresentava no desenvolvimento da modalidade de prática psicológica que emergia. De modo que, partindo dela, foi possível chegar a algumas considerações a respeito da proposta, ela enfatiza que, após todas estas revisitações e recomposições “a Oficina de Criatividade se traduz como um exemplo exagerado das vicissitudes do fazer psicológico”. (Cupertino, 2001, p. 164). Ou seja, uma experiência em que se entremeiam possibilidades diversas acerca do existir humano, da fugacidade pertencente a este existir em uma época vertiginosa.

Nesse sentido, a dimensão da criatividade foi tomando outros sentidos e incluindo uma reflexão crítica sobre questões que circundam a própria existência, sendo o horizonte filosófico heideggeriano importante para pensar o que se mostrava na experiência. Assim, passou a uma postura de compreensão da própria existência como um processo contínuo de ter que cuidar de ser,

como também contribuiu no sentido de pensar a dimensão da linguagem de forma ampla abrangendo nela aquilo que ultrapassa a dimensão do representável, uma linguagem que não é mero instrumento, mas que retira do ocultamento os sentidos da própria existência. (Cupertino, 2001). Compreensão esta permitida pela lacuna entre o que o saber forjado nos moldes vigentes da ciência tradicional parecia não apreender a respeito da realidade e necessidade experimentada junto aos participantes das oficinas e do tema da criatividade, tão mencionada e desejada, mas, na percepção da autora, ausente nas vivências dos participantes e do modo como inicialmente conduziu o trabalho.

Destarte, tais acontecimentos acabaram por encaminhar a pesquisadora para um entendimento de que não seria possível lidar com tal tema de forma rígida. Portanto, as vicissitudes se constituíam como parte do próprio processo de trabalho, do mesmo modo que para os estudantes que mergulhavam na experiência das oficinas que, como psicólogos precisariam estar abertos ao novo em suas práticas, assim também ocorreria com os pacientes e usuários ao mergulharem nos processos de cuidado de si e elaboração das situações desalojadoras e de sofrimento.

Desse modo, as Oficinas de Criatividade passaram a ser concebidas como um espaço de contato com as experiências daqueles que dela participavam e de elaboração destas por meio de uma aproximação com as situações/temáticas trabalhadas onde fosse possível um afastamento da racionalidade e uma aproximação sensível, facilitada pelas linguagens artísticas, que poderiam impulsionar novos sentidos ao se trabalhar através do estranhamento e da ruptura com o que se apresentava comum, deixando emergir, assim, a noção de criatividade para a vida e desta modalidade de prática como um espaço de acolhimento que contribui para um **habitar confiado**, um **aprender “com”**. (Cupertino, 2001; 2012). Ressaltamos esta modalidade:

Como um campo para experiências, como um campo no qual possamos fazer e refazer a partir de uma experiência. Não aquela rançosa e congelante, a do desapontamento progressivo em direção à totalização e às impossibilidades, mas a outra, vívida e transformadora, a experiência do diferente. (Cupertino, 2001, p. 213- 214).

A autora destaca que, nas oficinas, o uso de recursos expressivos de natureza artística pode ser: plástico, cênico ou corporal. Comumente, trabalha-se com encontros grupais, em um dado recorte temporal, refletindo sobre temas que vão sendo inseridos e planejados ao longo dos encontros, de acordo com o fio condutor das oficinas anteriores. (Cupertino, 2008).

Durante as atividades, os participantes são convidados a se expressarem sobre algum tema através dos recursos expressivos, e logo após há a possibilidade de reflexão pessoal sobre os temas tomando as expressões realizadas, a troca de pontos de vista e a valorização dos sentimentos. Vemos, então, uma possibilidade de expressão e suspensão da fala racional e a ampliação da

experiência estética que é entendida pela autora como o que pode ser apreendido em sua gratuidade, com construção gradativa de significados e soluções para as situações do cotidiano. (2001, 2008, 2012).

Como mencionamos, essa modalidade de prática vem se apresentando como alternativa para demandas que o modelo clínico tradicional de atendimento contínuo, longo e individualizado não satisfaz. Por isso, tem se consolidado em diferentes experiências, alcançando uma qualidade terapêutica para diferentes formas de sofrimento ou suporte psicossocial para diferentes necessidades. (Cupertino, 2008; Bernardo, 2008; Melhem, 2008; Gomes, 2008).

Halpern-Chalom (2008) enfatiza uma compreensão das Oficinas de Criatividade como uma proposta vivencial que permite a ampliação da abertura e fluidez das pessoas frente à existência. Essa autora destaca que, em uma sociedade tecnológica, que supervaloriza o conhecimento produzido a partir de modelos rígidos de uma ciência que se empenha na busca de saberes universais, tem se tornado comum ver pessoas buscarem respostas para suas questões ou para o desalojamento constituinte da existência em profissionais providos do saber técnico-científico.

Segundo sua visão, essa situação tem se configurado como fenômeno contemporâneo em que espaços de troca e elaboração de experiências perdem lugar para o saber segmentado, conceitualizado e sistematizado em estatísticas. Situação esta que pode contribuir para ampliar a solidão e a fragilidade de referências que subsidiem os sujeitos a lidar com seus problemas.

Assim, Halpern-Chalom reflete essa modalidade de prática psicológica como estratégia de aprendizagem vivencial, aprendizagem que parte da experiência e que, por isso, pode se tornar significativa, agenciadora do desenvolvimento pessoal. Isso porque permite um olhar para os sentimentos, crenças, preconceitos, memórias, a história pessoal, ao mesmo tempo em que podem encontrar novos sentidos ao olhar para eles de forma singular. Também Cupertino (2001) diz que, ao pensar tal proposta, intencionava criar um espaço em que fosse possível às pessoas dirigirem o olhar para si mesmas, assim como um trabalho de exploração das ramificações de sentidos despertadas pelas observações dos demais participantes.

Percebemos que todas essas considerações até então realizadas acerca das oficinas acontecem na ou a partir da confluência entre o compartilhamento de experiências, da experiência de expressá-las com linguagens que fujam ao encadeamento lógico ou causal e que atravessem a dimensão afetiva. Para tal busca-se, partindo de uma consigna dada, levar os participantes à situações inusitadas, com recursos expressivos que, muitas vezes, há anos não faziam uso ou que até então não tinham experimentado, e como já mencionado, possam, através de suas expressões por meio de colagens, pinturas, modelagens, encenações, entre várias outras formas, olhar para o modo como falam de si, o que elencaram para ser trabalhado, percorrendo pela experiência ali

deflagrada e sobre esta refletir, ouvir, aprendendo em relação a si ou às situações da vida, a partir dos próprios horizontes ou dos demais participantes.

Tais experiências seriam propiciadoras para o desenvolvimento da criatividade na medida em que impulsionam para o inusitado ou para o que vamos considerar aqui um “apurar de sentidos”, ao olhar para as experiências e situações cotidianas por outras perspectivas, ampliando o próprio leque de compreensão acerca de si e do mundo.

Desse modo, deseja-se levar a pessoa à necessidade de resgatar sua criatividade na medida em que precisa responder uma necessidade de expressar-se de modo não convencional, cultivando a imaginação e a diversidade.

Chegamos agora ao final deste capítulo, em que traçamos um panorâmico olhar sobre a diversidade de pesquisas e práticas sobre a presença da linguagem plástica em diferentes contextos clínicos. Nossa intenção foi contribuir para revelar a riqueza de trabalhos desenvolvidos em um recorte temporal que podemos considerar abrangente, priorizamos elencar pesquisadores/clínicos que tiveram, ou têm, atualmente, importante influência no tema em questão e, por isso, contribuíram para o desenvolvimento de reflexões e trabalhos posteriores. Assim, passaremos a tratar mais proximamente sobre a ação clínica, enfatizando o olhar fenomenológico existencial como aquele que norteia nossa compreensão. Para, mais adiante, tecermos nossas reflexões sobre o tema a partir do referido referencial clínico.

2. REFLEXÕES SOBRE A AÇÃO CLÍNICA EM DIALÓGO COM O PENSAMENTO DE HEIDEGGER

O presente capítulo pretende trazer algumas reflexões sobre a ação clínica em diálogo com o pensamento de Heidegger. Embora estejamos cientes de que esta é uma tarefa complexa, tanto em relação à ação clínica na Psicologia quanto ao pensamento fenomenológico existencial, o que pretendemos é traçar um breve panorama sobre o tema e levantar algumas questões, com cuidado para não cairmos na armadilha de apresentarmos conclusões precipitadas e ingênuas e até mesmo prescritivas.

Para tal, à luz do pensamento de Martin Heidegger, apresentaremos algumas reflexões sobre a predominância do pensamento técnico e representacional e sua vinculação ao modelo científico tradicional, na tentativa de entender um pouco as ressonâncias na constituição da Psicologia como ciência, considerando o “esquecimento do ser” pelo pensamento ocidental e sua influência nos diversos modos de estar no mundo no momento contemporâneo.

2.1 A questão do esquecimento do Ser no pensamento ocidental

Martin Heidegger, filósofo e pensador alemão, que inicialmente se dedicou à fenomenologia ainda como assistente de Edmund Husserl, posteriormente ampliou suas reflexões, voltando seus esforços para pensar um tema fundamental no campo da filosofia; a questão do Ser e sua historicidade, questão esta que se desdobrou de modo a desaguar em outras importantes questões que mais tarde trataremos.

Em “Ser e tempo”, Heidegger (1927/1995) aborda a complexa problemática da questão do Ser, refletindo como tal questão foi sendo compreendida pelo pensamento metafísico⁷. Para esse pensador, tal modo de pensar está relacionado ao esquecimento do modo originário de pensar o Ser, presente nos gregos antigos, destacando como tal questão foi trivializada tornando-se o tema mais abordado e alvo de definições e distorções. No entanto, nas palavras de Heidegger, o Ser “prescinde de definição”.

Segundo ele, isso significa que, se para os antigos a questão do Ser esteve encoberta e, por isso, podia manter o pensar sobre tal de forma inquietante e longe de esgotá-lo, em nossa

⁷ Modo de pensar que se estruturou no Ocidente e teve repercussão no pensamento moderno, em que a racionalidade foi tomada como forma de acesso fidedigna para conhecer as coisas. Tal modo de pensar tem como marcas a representatividade, a conceituação e a mensuração, marcas que se tornaram as “referências” para o método científico, forma de compreensão sobre a vida considerada como uma das mais relevantes em nosso tempo.

tradição o “erro” estaria em nossa vã crença de tentar chegar a definições. As interrogações acerca do Ser estão entre as mais investigadas ao longo do tempo, mas, constituiu-se também, a mais obscura e indefinível questão, pois não pode ser equiparada aos entes⁸.

Desse modo, Heidegger (1927/1995) destacou como tal questão carece ser pensada, assim, também, como o modo que é interrogada, pois na medida em que toda questão é um perguntar, um procurar por algo, já neste movimento de procura pelo sentido daquilo que queremos compreender está guardado o que buscamos. No entanto, se perguntamos pelo que algo é - neste caso o Ser - já caímos na armadilha de respondermos através do aprisionamento dos conceitos.

Assim, a proposição heideggeriana de outro modo de interrogar a respeito do Ser está vinculada à crítica e proposta de desconstrução do modo de pensar metafísico que marcou a história do pensamento ocidental. Segundo Michelazzo (1999), a tarefa da metafísica se “expressa na sua própria etimologia- *meta* (além) e *ta physiká* (ente natural) -, isto é, a metafísica deveria ter-se constituído naquele modo de pensar que deveria transpor, ir além do ente, para investigar o ser.” (Michelazzo, 1999, p. 28).

Refere ainda que podemos compreender que tal tarefa revela um dos traços constitutivos do paradigma metafísico; uma ruptura na unidade originária, ou seja, uma separação das nuances do movimento fenomênico do Ser - o velamento e desvelamento que eram compreendidos para os pensadores originários como parte de um mesmo processo -, passando a uma polarização dos contrastes de tal movimento que levou a um abismo entre Ser e “ente”:

(...) a aparência se viu declarada simples aparência e assim rebaixada. Concomitantemente o Ser se desloca, como idéia, para um lugar supra-sensível. O hiato, chorismos, se abriu entre o ente apenas aparente aqui em baixo e o Ser real em algum lugar lá em cima (Heidegger, 1978, p. 132, citado em Michelazzo, 1999, p. 38).

Acreditamos ser importante ressaltar que, para os pensadores gregos originários a aparência das coisas constituía um modo de ser da “realidade”; a *phýsis* era parte dela e, também, o próprio Ser estava presente em tudo. O movimento de encobrimento e brotação/ desvelamento pertencia a esta concepção e, assim, a permanência e a impermanência faziam parte da realidade que, naquela época era denominada *aletheia*. Tais noções se relacionavam, ainda, ao *logos* que tinha o sentido de colher, recolher e unir, e ainda não tinha o significado atual de “falar”, muito menos de discurso lógico. Assim, para os pensadores originários, o *logos* estava relacionado ao desabrochar do Ser e, nesta direção, pode ser relacionado à linguagem. (Michelazzo, 1999).

⁸ Segundo Heidegger (1927/1995), “ente” é tudo que nomeamos e entendemos. Entes são as coisas do mundo e nós mesmos também o somos, embora em nós habite o Ser, como veremos melhor mais adiante.

Para facilitar a compreensão da complexa questão da “realidade” e do Ser, arduamente tratadas pelos filósofos ao longo de séculos, e, portanto, impossível de serem apresentadas com profundidade em um curto espaço de tempo, nos remetemos ao modo como tal questão repercute na Psicologia. Para atingir tal objetivo, trazemos para dialogar Pompéia e Sapienza (2004), que, ao tratarem da relação entre arte e existência, discutem como a linguagem tem a capacidade de trazer à realidade aquilo que apenas se caracterizava como possibilidade de vir a ser, nos remetendo às obras literárias ou, por exemplo, à escultura de um artista, falamos de experiências humanas que, embora não tenham sido “reais”, dizem respeito a todos nós, pois falam de nossos dramas, medos, sonhos, desejos. De semelhante modo, ao falarem da questão do desejo e do sonho os apresentam como uma realidade que, embora não seja palpável ou factual, possuem a capacidade de desdobrarem-se em realidade. Ou seja, mesmo quando não “concretizados”, nossos sonhos e desejos revelam nossa relação com a vida, com as pessoas, com as condições sociais em que estamos imersos.

Desse modo, estamos buscando refletir sobre como os autores supracitados realizaram um esforço de pensamento para despertar nossa atenção para como, ao longo da história do pensamento no Ocidente, fomos perdendo a capacidade de perceber a realidade em sua pluralidade e profundidade, perdendo o contato com o mistério da existência, uma vez que o modo como passamos a abordá-la tornou-se uma busca incessante para compreendê-la por meio da exatidão, da certeza, e o pensamento científico foi forjado em meio a esse processo. Tal modo de pensar impregnou os diversos campos do saber, impregnou até mesmo a vida cotidiana. Esses fenômenos tiveram implicações que dizem respeito não só a estruturação do pensamento, ao longo do tempo, mas do nosso modo de ser, de agir no mundo. Contudo, para nós, o que importa destacar é como tais críticas podem servir para nos aproximar de um modo de pensar que resgate dimensões importantes sobre a compreensão da existência, tema que muito interessa aqueles que se propõem ao trabalho clínico.

Retomando as considerações de Michelazzo (1999) verificamos que os pensadores originários não eram nomeados como filósofos – que em nossa tradição são considerados como aqueles que pensam sobre as coisas –. Não havia, também, a distinção entre ser e pensar, nem a oposição que encontramos em termos modernos como: material e espiritual, imanente e transcendente, realista e idealista, subjetivo e objetivo, entre outros.

Percebemos, então, como o pensamento metafísico se afastou deste modo originário de compreender. Gradualmente foram acontecendo inversões do sentido das noções fundamentais a esse modo de pensar. A *phýsis* foi sendo tomada no sentido de “natural” e “físico”, que por sua vez foram tomados como opostos ao psíquico, ao anímico, ou seja, ao vivente. Temos ainda, que o

sentido de *phýsis* foi aproximada da noção de *Idéia* – única forma de aparecimento do ser – onde o movimento de ocultamento dos fenômenos não tinha a mesma “relevância” que o movimento de aparecer, uma vez que o conhecimento foi tomado como a capacidade de apreensão pelo conceito, pelo controle –, assim como o pensar tomou a dimensão de *ratio* (entendimento, razão).

Todas essas distorções do sentido originário/ etimológico desaguarão em uma concepção em que a verdade (*alétheia*) tornou-se exatidão (*orthótes*). Michelazzo (1999) nos diz que essas transformações foram lentas e pequenas, mas provocaram mudanças importantes, a ponto de estruturar uma forma de pensamento que repercutiu na história do ocidente – a tradição do pensamento metafísico. E que, por sua vez, provocaram a desconsideração em relação a dimensões da realidade como as que mencionamos anteriormente, quando nos remetemos aos exemplos da arte, do sonho, do desejo.

Podemos encontrar em Heidegger (1927/1995) a compreensão de que tais mudanças caminharam rumo a uma “ênfase” no percurso da filosofia que levava mais a um esforço para compreender os entes, em vez do Ser, na medida em que buscou apreendê-lo através da representação, do conceito, da mensuração. Tal empreendimento, já podia ser visto no pensamento de Platão e Aristóteles, onde a lógica levaria ao entendimento de determinadas dimensões do ser dos entes.

Michelazzo (1999) destaca que todo esse complexo e gradual processo se deu com o declínio do Mundo Antigo, o surgimento do Mundo Clássico e Medieval até chegarmos à Modernidade, onde se consolidou ainda com mais força uma compreensão da realidade em uma perspectiva dual. Para Heidegger (1927/1995), a tradição metafísica forjou em nós um modo de pensar e ser que nos afasta da “essência” de nossa existência no mundo e das dimensões ontológicas que constituem nosso modo de ser no mundo. Isso porque, nosso modo de estar no mundo se encaminhou para um modo de ser circunscrito pelo desejo de controle em relação ao próprio ser humano e ao mundo. Assim, através do modo de pensar hermenêutico, o filósofo buscou tratar a questão do Ser a partir de uma crítica radical ao modo como ele foi compreendido ao longo da história da filosofia, assim como suas ressonâncias nas sociedades e na produção do conhecimento. Nesse sentido, a ênfase dada por seu pensamento, indica para a necessidade de uma re colocação da questão do Ser, é essa questão que abordaremos a seguir.

2.2 *Dasein*: possibilidade para outro modo de compreender o Ser

Nessa direção, Heidegger (1927/1995) propõe que resgatemos o sentido do Ser, esquecido na tradição ocidental. O humano seria o único ente no qual o Ser habita, pois apenas ele pode interrogar-se acerca da própria existência. Por isso, retomar tal questão a partir da existência humana é o caminho percorrido por esse pensador e sobre o qual nos debruçaremos agora. Considera o ser humano como “ser-no-mundo” e a existência humana é compreendida como um poder-ser.

Faz-se necessário, então, caminharmos por algumas questões fundamentais discutidas na analítica da existência, desenvolvida em “Ser e tempo” (1927), quando o pensador, com o objetivo de apresentar outro modo de pensar a existência humana, propôs o termo alemão *Dasein* para pensar o caráter peculiar e distinto da existência humana. *Dasein* diz respeito à compreensão do ser do homem enquanto ser-aí (DA= aí e SEIN= ser). Assim, a constituição fundamental do existir humano consiste em meras “possibilidades” de apreensão do sentido daquilo que lhe vem ao encontro. Nessa direção, apresenta o homem como o único ente para o qual “ser” está sempre em questão, cuja existência encontra-se sempre projetada para o “aí”. A dimensão do “aí” constitui o espaço de abertura, o mundo, em que o Ser foi lançado e pela qual também tece a trama de sentidos da existência. Temos, então, que esse estar lançado no mundo também pode ser nomeado como **mundanidade** do *Dasein*, que se caracteriza como um dos existenciais. Tais reflexões remetem, ainda, à questão da **co-existência** e **co-originalidade** do *Dasein*, conforme aponta Almeida (1999, p. 47):

Não é possível ao homem ser sem mundo, na medida em que sempre precisa de um aí para responder aos apelos dos entes que lhe fazem frente. Esses entes, quer sejam algo, outros ou si mesmo, nunca surgem enquanto um em si, mas no seio de uma trama de relações significativas, a qual se constitui no próprio mundo.

Assim, tal compreensão põe o ser humano em lugar privilegiado – ou de grande responsabilidade – em relação aos demais entes. Como também lhe põe sempre frente à sua existência que se dá em um movimento de liberdade, vulnerabilidade e finitude, considerando como tarefa humana cuidar de existir, uma vez que sua existência não é pré-determinada. Tal indeterminação que passa a conferir ao ser humano esta condição de possibilidades, encaminhando para uma compreensão da existência humana como abertura, um estar lançado no mundo como pro-jeto. Como também, um estar afetivamente disposto e constituído pela possibilidade de fugir de si mesmo.

O humano compreendido como *Dasein* seria uma abertura em que a possibilidade de vir a ser está sempre em jogo. (Heidegger, 1927/1995). Tal condição humana de ter sempre seu Ser projetado em relação ao mundo implica a compreensão do “cuidado” ou “cura”⁹ como na base da constituição humana. Nesse sentido, o **cuidado** (*Sorge*) é um dos existenciais constitutivos do existir humano, não podendo ser compreendido como uma atitude isolada do ser humano consigo mesmo. Assim: “o homem não tem cuidado, é o cuidado.” (Almeida, 1999, p.46).

Vale aqui nos determos na fábula de Higino, a qual Heidegger (1927/1995, p. 263) descreve e toma como referência para ilustrar esta dimensão:

Certa vez, atravessando um rio, “cura” viu um pedaço de terra argilosa: cogitando, tomou um pedaço e começou a lhe dar forma. Enquanto refletia sobre o que criara, interveio Júpiter. A cura pediu-lhe que desse espírito à forma da argila, o que ele fez de bom grado. Como a cura quis então dar seu nome ao que tinha dado forma, Júpiter a proibiu e exigiu que fosse dado o nome. Enquanto “Cura” e Júpiter disputavam sobre o nome, surgiu também a terra (*tellus*) querendo dar o seu nome, uma vez que havia fornecido um pedaço de seu corpo. Os disputantes tomaram Saturno como árbitro. Saturno pronunciou a seguinte decisão, aparentemente eqüitativa: “Tu, Júpiter, por teres dado o espírito, deves receber na morte o espírito e tu, terra, por teres dado o corpo, deves receber o corpo. Todavia como foi cura quem primeiro a modelou, que ela a tenha enquanto a figura viver. Como, no entanto, sobre o nome há disputa, ele deve se chamar ‘homo’, pois foi feito de húmus (terra).

Portanto, o cuidado (*Sorge*) tem um sentido ontológico, revelando-se na existência de dois modos: “ocupação” (*Besorgem*) e “preocupação” (*Fürsorge*). O primeiro modo não corresponde às relações entre os seres humanos, diz respeito aos entes que lhe vêm ao encontro “dentro” do mundo, ou seja, os objetos e utensílios fabricados para os quais o sentido está dado e com os quais nos ocupamos. Quanto ao segundo modo, a “preocupação” (*Fürsorge*), está relacionada à forma como os seres humanos lidam com seus semelhantes, diz respeito ao encontro humano e está fundamentada na constituição ontológica do *Dasein*, pois tem relação com a amplitude das possibilidades de ser. Heidegger destaca dois principais modos em que a “preocupação” se manifesta onticamente: a primeira se dá de maneira deficiente, pois a convivência entre os humanos acontece por meio da indiferença, do não sentir-se tocado ou mobilizado pelo outro, do privar o outro de sua capacidade de escolhas. Segundo as palavras do próprio Heidegger (1927/1995, p. 173- 174):

⁹ Em diferentes traduções encontraremos menção à “cura” e “cuidado” para designar o mesmo termo e a mesma reflexão de Heidegger, ambas as palavras se originam, no alemão, da palavra *Sorge*. Aqui daremos preferência ao uso da palavra “cuidado” para tratar da reflexão do pensador sobre esta dimensão ontológica da existência humana.

Pode, por assim dizer, retirar o “cuidado” do outro e tomar-lhe o lugar nas ocupações, *substituindo-o*. Essa preocupação assume a ocupação que outro deve realizar. Este é deslocado de sua posição, retraindo-se, para posteriormente assumir a ocupação como algo disponível e já pronto ou então se dispensar totalmente dela.

Nessa perspectiva, a preocupação, acontece por meio da dependência e da dominação. Mesmo que muitas vezes esse estado de dominação esteja velado para o dominado, por isso, Heidegger nos diz que a preocupação substitutiva, que restringe o cuidado do outro, está presente nas vidas das pessoas, sobretudo na convivência cotidiana.

A segunda manifestação da preocupação acontece onticamente por meio da antecipação libertadora. Nesse modo de cuidado, a convivência entre os humanos acontece de modo a não limitar as possibilidades do outro em responsabilizar-se, mas em se antepor em sua possibilidade existencial de ser, não para restringir sua capacidade de cuidar e encaminhar a própria vida, mas de lhe devolver essa possibilidade. Segundo o autor:

Essa preocupação que, em sua essência, diz respeito à cura propriamente dita, ou seja, à existência do outro e não a uma *coisa* de que se ocupa, ajuda o outro a tornar-se, *em* sua cura, transparente a si mesmo e *livre para* ela. (Heidegger, 1927/1995, p. 174).

Assim, vale ainda ressaltar que entre essas duas principais e extremas formas de manifestação da preocupação (*Fürsorge*), no modo substitutivo e o modo antecipador, existem inúmeras outras combinações possíveis e é por elas que se dão a convivência cotidiana entre os seres humanos. Tais considerações implicam dizer que, a todo o momento, o ser humano está a cuidar, isso por não ter sua vida determinada apenas biologicamente, podendo assumir a possibilidade de exercer um papel ativo no que diz respeito às significações dadas às condições de sua existência e às experiências nelas tecidas, mesmo em situações de restrição – como situações de doença, por exemplo – as significações atribuídas serão singulares. O modo como age, como fala, como sente, como sofre ou ama, o que pensa, o modo como conduz sua vida e lida com tudo que lhe convoca, tudo isso corresponde ao cuidado na dimensão ôntica que se faz possível pela condição ontológica da indeterminação e da finitude da vida.

Tendo considerado que dada a constituição existencial do *Dasein*, o humano é constitutivamente poder-ser, todos os existenciais possuem esse caráter de abertura e possibilidade. Diante de tal pressuposto, a “**compreensão**” (*Verstehen*) e “**disposição**” (*Befindlichkeit*), constituem ontologicamente e, portanto, originariamente o ser-aí. O termo compreensão não diz respeito a algo do campo intelectual, e sim de uma disposição afetiva, pois para Heidegger (1927/1995) elas estão intrinsecamente ligadas, já que “toda disposição sempre possui sua compreensão, mesmo quando a reprime. Toda compreensão está sempre sintonizada com o humor”

(p. 198). Assim, o ser humano está sempre compreendendo sua própria existência e sua relação com o outro, o mundo e lhes atribuindo uma rede de sentidos.

Pelos possíveis “desdobramentos” ônticos dos existenciais da disposição afetiva e da compreensão, podemos experimentar o mundo e compreendê-lo, uma vez que elas, ontologicamente, nos caracterizam como abertura originária. Assim, através do desvelamento do nosso humor e da compreensibilidade já nele existente, podemos genuinamente chegar ao modo como estamos sendo no mundo e cuidando da nossa existência, sendo também através da **linguagem** que podemos revelar e apreender nossa afinação com o mundo. Em uma perspectiva ôntica, tais modos de abertura do ser humano possuem importância fundamental, pois deflagram como a existência humana não é constituída apenas por aquilo que acontece factualmente. Através dos nossos mais diversos humores, desejos e imaginação é que damos status de realidade ao que não pode ser apreendido objetivamente, assim como podemos criar, assim como podemos interferir no mundo, inclusive aquilo que já se antecipava à nossa existência.

Daí, nossa realidade mais própria pode ser entendida não como a simples sucessão de acontecimentos, mas como o modo singular que a compreendemos, sentimos nossas experiências, não apenas cognitivamente, mas também afetivamente. Nesse horizonte, destacamos como a linguagem é capaz de velar e desvelar esses humores os quais mencionamos brevemente, e também a compreensão sempre conservada neles. Importando ressaltar que a linguagem diz sobre nossa relação com o mundo de diferentes formas, contudo em breve retornaremos a tal questão.

É possível notar que na analítica da existência, empreendida por Heidegger em “Ser e tempo”, os existenciais e existenciários não assumem a tradicional perspectiva da dicotomia, tão cara à tradição metafísica, muito pelo contrário, co-existem. Só na unidade desses múltiplos aspectos nos aproximamos da compreensão acerca da existência e, ainda assim, tal compreensão, a todo o momento, sofre mudanças, ganhando novas nuances antes não percebidas. Esse fenômeno que nos atravessa quando pensamos a existência nesse movimento se dá porque só o apreendemos quando nos remetemos à nossa própria existência para pensar sobre o Ser. Contudo, demoremo-nos um pouco mais na linguagem. Este existencial tem, na interpretação, no discurso e na proposição, possíveis desdobramentos ônticos que, por sua vez, estão sempre ligados à disposição afetiva e à compreensão. Segundo o autor, todo discurso “é a articulação ‘significativa’ da compreensibilidade do ser-no-mundo, a que pertence o ser-com, e que já sempre se mantém num determinado modo de convivência ocupacional.”. (Heidegger, 1927/1995, p. 220).

A própria convivência já é, em si mesma, discursiva, quando provoca, quando avisa, quando é propositiva, ou quando se faz discursos. O silêncio e a escuta constituem, assim,

possibilidades do discurso e, mais amplamente, da própria linguagem. Sendo eles também reveladores da rede de sentidos em que está lançado o *Dasein*.

Importa, também, apresentar outro existencial da condição ontológica do *Dasein*: a **angústia**. Esta se desvela como uma das aberturas privilegiadas para o ser humano em suas possibilidades de vir a ser, convocando-o do modo de ser decadente em que se encontra fechado às possibilidades próprias da sua existência – vivendo de modo **impróprio, inautêntico**, e em uma fuga de si mesmo. Contudo, o que chama atenção é que, aquilo do qual se foge é exatamente aquilo o que se busca. Apenas quando em contato com o que a angústia lhe “anuncia” e convoca, é que o ser humano pode chegar a ser de um modo mais aberto às suas possibilidades, ou seja, situando-se no mundo de modo mais **autêntico, mais próprio**.

Assim, a angústia ao colocar o ser-aí diante do “nada”, pode também reconduzi-lo ao encontro da sua totalidade enquanto ser de possibilidades, afastando-o da superficialidade objetivante do cotidiano. Nesse sentido, a angústia não tem um objeto real, nem saída racional possível, faz parte de nossa vida e aponta-nos para o “nada”, que representa a abertura do ser-aí, espaço vazio, no qual o ser-aí pode aparecer. É através dela que podemos entrar em contato com o ser-aí, apesar de ser uma experiência que não é possível de representação, remetendo o ser para sua falta de fundamento (ser-para-a-morte). O ser humano pode viver projetando-se na direção do “nada” enquanto possibilidades (autenticidade/propriedade) ou pode agarrar-se a “entes/verdades absolutas” na busca de uma não experiência do vazio, assumindo diversos dispositivos do cotidiano, como os vinculados às atitudes de consumo, estimuladas pela mídia (inautenticidade/impropriedade). No entanto, a angústia retorna, apontando, quando conseguimos acolhe-la, para a possibilidade de criação com a emergência de outra fala, já que a fala do cotidiano (o falatório, a tagarelice impessoal) é constituída para representar os entes simplesmente dados, não abrindo-se para o sentido da experiência desencadeada e sentida na angústia.

Portanto, temos que, no modo mediano e cotidiano, o ser humano pode não implicar-se na realização de uma dada possibilidade e, como vimos esse não assumir sua tarefa de cuidar de ser pode estar relacionado a um modo deficiente da preocupação (*Fürsorge*), ou mesmo às necessidades e limites impostos em dadas circunstâncias da vida de alguém. São em situações como essas que a angústia assume “desdobramentos” ônticos que podem ser identificados por diferentes formas de humor, tais quais: o medo, a ansiedade. Tais estados de humor revelam exatamente a impossibilidade das possibilidades, como o fim de um relacionamento amoroso, a morte de alguém, a não realização de algo para o qual alguém se preparou, como também pode revelar o temor em lidar com as situações, assumindo umas e tendo que abdicar de outras, dentre tantas situações possíveis.

Assim como a angústia, a **culpa** se constitui como outro existencial que desvela o próprio ser-no-mundo e as possibilidades ainda em ocultamento que podem vir a se “concretizar” na vida de alguém. Nessa perspectiva, enquanto dimensão ontológica, a culpa é originária, pois nos mostra a finitude da nossa existência, nos revela a impossibilidade de termos “concretizado” parte de nossas possibilidades. O sofrimento experimentado através de sentimentos como: remorso, sentimento de débito e arrependimento em não ter realizado algo que se apresentava como uma demanda ou um desejo são manifestações ônticas desse existencial fundamental do *Dasein*, que diante de sua condição de finitude não pode chegar a realizar todos os seus projetos, e tende a permanecer em um modo mediano e impróprio.

Desse modo, a culpa não pode ser reduzida ou removida, e semelhante ao que acontece com a angústia, ela apenas nos conduz e nos abre para nossas mais genuínas possibilidades e limitações. Essa culpa originária, da qual nos fala Heidegger em sua analítica da existência, não tem conotação moral.

Entretanto, quando tomamos como fio condutor a analítica da existência para nutrir nosso olhar e reflexões clínicas, podemos perceber o que Boss (1997) explicou em um artigo de introdução à *Daseinsanalyse* em relação às manifestações ônticas da culpa. Ele nos diz que quando a mesma, por vezes, se apresenta por meio de sentimentos culposos exacerbados podem acabar por conduzir a pessoa ao fechamento e à restrição de suas possibilidades de vida, em vez de impulsionar ao cuidado antecipador e libertador, do qual há pouco falamos. Boss reflete que quando a culpa, em sua manifestação ôntica, leva a pessoa a um retraimento grave de suas possibilidades genuínas de vida, podemos aproximá-la do modo de ser neurótico. Semelhante a essa interpretação de Boss, também Pompéia e Sapienza (2004) destacam diferentes faces que esse existencial assume no nosso cotidiano, como em sentimentos de remorso, medo, vergonha, entre outros possíveis, que indicam como nossos atos e omissões têm implicações importantes em nossas vidas e nas dos outros. E, assim, tais sentimentos nos mostram que diversas vezes as coisas não foram como deveriam ter sido.

Retomando a compreensão da analítica da existência, tal qual Heidegger (1927/1995) a fez no campo da filosofia, é possível perceber que o que angustia ou gera culpa não é apenas a totalidade das possibilidades de vir a ser, ou aquilo que não encontrou abertura para se “concretizar”, mas a proximidade da impossibilidade de qualquer possibilidade – a morte – que poderá ser experienciada pelo ser humano de diversos modos. Temos assim que a angústia, a culpa e os humores derivados delas estão sempre relacionados ao ser-para-morte do ente humano, pois o encaminham para uma compreensão a respeito de suas possibilidades de de-cisão frente às

possibilidades, levando-o a ter que cuidar do seu existir, seja através do sentimento de débito, seja pelo temor de que algo aconteça desfazendo a continuidade do viver das possibilidades.

No entanto, seja pela apropriação dos horizontes para os quais a angústia e a culpa apontam, ou no modo mediano e cotidiano da impropriedade e da decadência, o ente humano está sempre cuidando do seu existir, pois a autenticidade e inautenticidade são parte de nossa condição ontológica. Nesse movimento de ter que cuidar de ser, estabelece-se uma intrínseca relação com outras dimensões, a saber: a **temporalidade**, a **espacialidade** e a **historicidade**. Essas dimensões dizem respeito ao modo de se situar no mundo em que ineroxavelmente se entrelaça a existência, não dizem respeito à questão do tempo, do espaço e da história como pensadas tradicionalmente pela metafísica, em uma perspectiva linear, mas como as “condições” da teia de sentidos em que cada ser humano veio lançado ao mundo e como se “desloca” existencialmente nela. (Heidegger, 1927/2000).

O caráter temporal do *Dasein* solicita, primordialmente, uma crítica ao modo como tempo na tradição metafísica foi considerado – como uma simples sucessão de instantes ou agoras –, na analítica da existência não importa simplesmente considerar o tempo, mas como nossa existência se relaciona e se entrelaça a ele.

Nossa condição de estarmos lançado num mundo para cuidar de ser também está implicada com o modo como somos na medida em que o tempo passa. Contudo, o que fomos no passado não se dissolve, se mantém naquilo que hoje somos, assim como se relaciona com nossas escolhas, limites e possibilidades anteriores. O modo como ainda poderemos vir a ser dependerá de como no “hoje” nos posicionaremos, influenciando no que seremos ou não seremos no porvir. Nessa via, a temporalidade mantém relação com nossa finitude e nossas possibilidades, pois nos aproxima da morte, como também de nossas possibilidades mais autênticas e das mais próprias. Entretanto, como destacam Pompéia e Sapienza (2004), essa aproximação com possibilidades mais próprias não se dão de forma cumulativa, pois como já havíamos destacado a autenticidade e propriedade não assumem um caráter moral. De modo que, ao refletirem sobre a questão do tempo no plano da existência, mencionam que a maturidade nos vem de forma transitória, com “lapsos de serenidade” alternados com “momentos de impropriedade”. Fica claro, então, que a temporalidade se relaciona não apenas com o tempo, mas com o modo como o compreendemos e experimentamos.

De semelhante forma, a espacialidade está presente em nosso movimento de “deslocamento” com os entes, não apenas aqueles disponíveis pela instrumentalidade, mas também pelo modo que nos relacionamos com os demais humanos; como nos aproximamos ou distanciamos, não geograficamente, mas afetivamente. De modo que é possível que mesmo a milhares de quilômetros encontremo-nos próximos de alguma situação ou alguém e até mesmo os

entes intra-mundanos podem assumir para nós um colorido especial em virtude de estarem lançados numa rede de sentidos que nos lembrem algo ou alguém. Destarte, a espacialidade des-vela nosso humor, e nossa compreensão frente ao que nos convoca.

Por fim, no que tange a historicidade, importa ressaltar que não condiz com as definições tradicionais de história como um campo de estudo dos fatos. Novamente insistimos em chamar atenção para a singularidade da experiência e do modo como somos no mundo – possibilitado pelas manifestações ônticas da disposição afetiva e da compreensão –. A historicidade de cada pessoa, por mais semelhantes situações que possam vir a comportar, terá sempre um caráter único, particular.

A questão da historicidade aponta, ainda, para nossa destinação, sendo importante retomarmos a crítica que, em “Ser e tempo”, Heidegger fez em relação à própria trajetória que o pensamento tomou no Ocidente e que teve repercussões no nosso modo de ser e agir no mundo, questão essa que ganha ainda mais refinamento e nuances nos seus escritos tardios.

Longe de termos esgotado os temas trabalhados na analítica da existência, desenvolvida em “Ser e tempo” por Heidegger (1927/1995/2000), daremos continuidade à exposição de outras questões trabalhadas por ele mais tardiamente a fim de melhor fundamentarmos as reflexões que pretendemos traçar acerca da clínica.

2.3 O pensamento tardio de Martin Heidegger: uma breve abordagem sobre algumas importantes questões

Traçaremos agora um caminho rumo a algumas questões, que Heidegger desenvolveu na fase mais tardia do seu pensamento. Compreendemos que elas são importantes na medida em que aprofundam e dão novas nuances às reflexões por ele trabalhadas ainda em sua analítica da existência, no entanto, veremos que o autor avança de modo a relacioná-las com a ciência, a arte. Acreditamos que tal compreensão que abordaremos apenas brevemente, dada sua complexidade, leva-nos a um enriquecimento das nossas possibilidades de pensar o ser humano, inclusive no âmbito da psicologia, podendo contribuir para pensar a ação de clínica a partir de outros parâmetros.

Em “A questão da técnica”, Heidegger (1954/1997) a questiona, a fim de chegar a uma compreensão sobre sua essência, pois para ele o que está em sua origem não diz respeito apenas à técnica em si, pois há algo mais fundante que fez com que a buscássemos – em todas as variações que ela tenha tomado ao longo do tempo –. Assim, buscaremos refletir sobre as faces que esta vem assumindo ao longo do tempo, sobre o que se encontra em sua origem e que, de forma relevante, pode nos oferecer pistas para pensar acerca da própria existência humana.

Assim, consideramos importante ressaltar algo que esse pensador nos diz: o fato de que tal questionamento sobre a técnica e suas implicações na questão da existência ser, por si mesmo, e antes de tudo, uma experiência com a linguagem e com o pensar, ambos pertencem ao próprio caminhar rumo ao questionamento em foco, e são imprescindíveis para chegarmos a respondê-lo. Adiantamos que a importância dessa reflexão é crucial, tendo em vista que ela toma proporções importantes no pensamento de Heidegger, como também se mostra como uma das bases para a questão na presente pesquisa.

Como há pouco mencionado, a origem e “essência” da técnica não tem nada de técnico. Por isso, uma restrição aos instrumentos técnicos ou a negação veemente deles nos afastam de uma experiência e compreensão acerca do que está em questão. É corrente a afirmação de que a técnica é um meio para se chegar a um determinado fim e, ao mesmo tempo, uma atividade humana, Heidegger (1954/1997) nos diz que estas duas conotações se complementam apontando que a própria técnica é um instrumento, do latim *instrumentum*. Nesse sentido, tal concepção seria válida tanto para a técnica mais artesanal como para a técnica moderna?

Para os gregos, a noção de “causa”, que aparece implícita na concepção corrente da técnica enquanto meio para chegar a determinado fim, assemelhava-se mais com o ofício do ourives, significava “deixar vigor” (p.15), como também trazer algo à luz: “Técnica é uma forma de

desencobrimto. A técnica vige e vigora no âmbito onde se dá descobrimento e des-encobrimto, onde acontece ἀλήθεια, verdade.” (Heidegger, 1954/1997, p. 18). Por sua vez, a palavra “técnica” (*téchne*) em grego se origina da mesma palavra que designa tanto o fazer artesanal como o fazer das belas-artes; τέχνη. Portanto, a produção possibilitada pela técnica teria um sentido poético e diz respeito a chegar ao desocultamento de uma verdade – no sentido de *aléthea*. Assim, a técnica originariamente diz respeito a um processo que faz com que algo possa vir a ser, está relacionada com um modo de facilitar encaminhamentos, criar e transformar uma realidade. Como nos ofícios dos antigos artesãos, em que o modo que criavam ou transformavam algo estava relacionado a todo o processo, desde o contato com a matéria prima até a finalização de um objeto, por exemplo. A técnica, sob essa ótica, tem o significado de deixar algo fluir ou aparecer, de modo que algo que se encontrava ainda na condição de projeto pode ser realizado.

Nessa direção, importa retomar o pensamento grego e compreender a causalidade como deixar vir à presença – *poiesis* – produzir como deixar trazer o que se apresenta, retirando-o do velamento, despertando possibilidades. A *poiesis*, como trazer a luz, estaria relacionada à verdade, enquanto *aletheia*- desvelamento – seria diferente da verdade em uma perspectiva unívoca.

Entretanto, as concepções de “causa” e “verdade” passaram por tantas vicissitudes que seus sentidos já não têm o mesmo vigor que teve para os pensadores originários, do mesmo modo, a própria técnica parece ter seguido tal caminho. Ela também é um desencobrimto, mas de outro modo. Na modernidade, a técnica alcança uma dimensão de exploração, quando não de expropriação da força e energia da natureza com o objetivo de armazená-la.

Com o propósito de demonstrar a diferença entre esta última e a técnica artesanal, Heidegger nos concede o exemplo das jazidas de carvão e minérios, e do campo lavrado pelo camponês. Em ambos os exemplos, o trabalho da ação humana em relação ao solo acontece; mas, no primeiro caso, há uma expugnação das forças da natureza; enquanto no segundo, o camponês cuida pelo trabalho e confia à terra o crescimento da semente, ou seja, não a explora e retorna ao mistério do encobrimto e da espera para que a vida possa brotar. Percebemos, então, a diferença entre essas duas formas de desencobrimto; uma explora, domina, retira e armazena. Enquanto a outra cuida e espera em uma relação de pertença e respeito.

Contudo, o que chama atenção é que Heidegger nos convida a pensar que não só a natureza encontra-se desafiada pela técnica moderna a dis-por-se, mas também o próprio ser humano, pois uma vez que ele é quem se disponibiliza a realizá-la também parece estar entremeado por tal modo de agir:

O homem da idade da técnica vê-se desafiado, de forma especialmente incisiva, a comprometer-se com o desencobrimto. Em primeiro lugar, ele lida com a

natureza, enquanto o principal reservatório de reservas energia. Em consequência, o comportamento dis-positivo do homem mostra-se, inicialmente, no aparecimento das ciências modernas da natureza. O seu modo de representação encara a natureza, como um sistema operativo e calculável de forças. (Heidegger, 1954/1997. p. 24)

Desse modo, o objetivo mais importante ao pensar a técnica é o de questionar e ressaltar também como tem sido nosso relacionamento com sua essência. Se no sentido originário o fazer e a relação humana com as coisas a caminho da produção resguardava, ao mesmo tempo, uma ação e uma espera de modo que a produção era concedida pela natureza, e esta não sofria uma alteração. No sentido atual, a técnica e atitude humanas transformam, controlam e armazenam a natureza, não havendo um respeito e uma relação de pertença entre a natureza e o humano, pois este se assenhora daquela.

Assim, podemos chegar a perceber que uma das questões centrais em relação ao nosso tempo e ao desenvolvimento tecnológico está muito mais relacionada à destinação do modo de ser-no-mundo do ente humano. Tal compreensão parece ter adquirido ainda mais consistência em “Serenidade”, onde Heidegger (1959/2000b) percorre caminhos em que parece traçar uma reflexão ética pensando a existência tecida em uma relação de serenidade com o mundo. Tais reflexões têm origem em um discurso proferido em uma celebração de homenagem ao compositor alemão Conradin Kreutzer.

Valorizando o ensejo da ocasião, o autor nos provoca a pensar se a melhor forma de prestigiar um artista não seria nos entregando à obra deste, isso porque na obra o próprio artista está presente. Assim, põe em relevo a questão: o ato de pensar já residiria, também, na própria criação e celebração artística? Tal indagação intencionava ampliar nossa reflexão acerca do ato de pensar e nos alerta sobre como diversas vezes somos pobres de pensamento. Mesmo aqueles que em suas funções se dedicam às atividades em que o pensar se faz extremamente necessário também estão sujeitos a tal fenômeno, pois vivemos uma época em que prevalece a informação em detrimento da reflexão.

Entretanto, o que ele propõe não é uma superação ingênua do modo de pensar representativo e calculante, modo este que prevalece na ciência e ocupa também nosso cotidiano, convocando-nos, assim, para a necessária serenidade de lidar com um novo tempo que solicita de nós a convivência com a técnica e todos os dispositivos a ela inerentes, como também com aquilo que nos torna humanos e que não pode ser alcançado pelo pensamento que calcula.

Heidegger (1959/2000b) já refletia que a evolução técnica aconteceria tão rapidamente, de modo que em todos os domínios da existência ela estaria presente, a ponto de fugir do nosso controle e interferir na nossa capacidade de reflexão e decisão. Assim, a predominância e influência

dos aparatos técnicos e do pensamento que calcula, embora seja parte do espírito de nossa época, não tem a ver apenas com o fato do nosso mundo ter se tornado mais técnico, mas com o fato de nós mesmos “ainda não conseguirmos, através do pensamento que medita, lidar adequadamente com aquilo que, nesta era, está realmente a emergir.” (Heidegger, 1959/2000b, p. 21).

Assim, ele nos encaminha para uma compreensão que não pretende negar a realidade de nosso tempo e a evolução para um modo de pensar representacional e calculante, mas chama nossa atenção para que não nos restrinjamos a tal modo, portanto ele propõe que nos reaproximemos de uma perspectiva que foi comum aos antigos e que, em muito, pode nos ajudar; “*a serenidade para com as coisas (die Gelassenheit zu den Dingen)*.” (p. 24). Tal perspectiva, diz respeito a um modo de pensar pelo qual possamos dizer “sim” e “não” aos objetos técnicos e ao pensamento que calcula. Assim:

A serenidade em relação às coisas e a abertura ao mistério dão-nos a perspectiva de um novo enraizamento. Que um dia poderá mesmo conseguir recordar, de uma nova forma, o velho enraizamento, que agora se desvanece rapidamente. (p. 25).

Depois de exposta a compreensão sobre a reflexão como um modo de pensar, Heidegger retoma o ensejo de seu discurso e diz que, quando conseguirmos retomar nossa capacidade de refletir, de sermos serenos, poderemos alcançar um novo solo – em que a técnica não tome conta de nós – e, assim, nesse novo solo a criação e arte poderão nos levar a novas raízes.

Igualmente, essas questões, elaboradas de forma profunda, acerca de nossa época e da necessidade de buscarmos novos rumos e novo solo, parecem encontrar pontos de interseção com as reflexões que o autor fez em outras de suas obras mais tardias como: “A caminho da linguagem” e “A origem da obra de arte”. Iremos agora trazer algumas proposições elaboradas por Heidegger nessas duas obras, uma vez que as consideramos importantes para fundamentar nossas reflexões na pesquisa desenvolvida.

Em “A Caminho da Linguagem”, Heidegger (1959/2012a) se debruçou sobre a linguagem trabalhando-a de forma original, colocando-a como ponto central de suas elaborações e retoma questões já tratadas em outras de suas obras. Entre suas reflexões está posta em destaque a noção do humano como um ser falante. Enquanto sonha, quando acordado, enquanto silencia, lê, ouve, ou “nada faz”, a todo tempo o ser humano está falando. Assim, ele adentra na linguagem mostrando sua relação intrínseca com o humano.

A linguagem, nesse sentido, concede-nos nossa humanidade. E, portanto, só é possível falar dela por e pela linguagem. Ao longo do tempo, ela foi compreendida como instrumento, como forma de representação do mundo e das coisas, perspectiva que está diretamente ligada à tradição metafísica e à hegemonia do pensamento técnico no Ocidente. A linguagem, nessa direção, estaria

inserida no campo das representações universais e é “usada” para fazer o mesmo em relação às coisas e fenômenos do mundo, e o modo de lidar com ela se dá em termos de provocação, manipulação e “essencialização”, da mesma forma que acontece com a existência.

Em sentido contrário a este que prevalece em nossa tradição, o filósofo conduz-nos em um caminho onde, pela linguagem, não se pretende um afastamento dela transformando-a em processo mecânico. Caminhando pela própria linguagem e o existir, faz-se necessário realizar uma experiência com a linguagem. Isso significa uma íntima relação com nós mesmos, enquanto seres falantes:

Não queremos assaltar a linguagem para obrigá-la a cair nas presas de representações já prontas e acabadas. Não queremos alcançar um conceito da essência da linguagem capaz de propiciar uma concepção da linguagem a ser usada por toda parte e, assim, satisfazer todo o esforço de representação. Fazer uma colocação sobre a linguagem não significa tanto conduzir a linguagem mas conduzir a nós mesmos para o lugar de seu modo de ser (...) (Heidegger, 1959/2012a, p. 8).

A “essência” da linguagem aqui tem relação com um vigor, uma presença, um modo de ser, um desabrochar. Só é possível compreender esse fenômeno habitando na própria linguagem. Isso porque, como humanos somos linguagem, habitamos nela e ela nos habita. A linguagem, assim como a própria existência, pode ser compreendida num sentido poético, já que não pode ser apreendida pela cadeia do pensamento puramente racional, pois habita no que tange ao campo do sagrado, do mistério, do figurativo, da arte.

Assim, a linguagem fala através e no desvelamento de sentidos que estão sempre fluindo. Refletir sobre a linguagem, fragmentando-a ou os sentidos por ela desvelados é cair nas malhas de uma linguagem representacional. Pensamos, então, que é necessário habitar junto ao que é dito, “o que procuramos se encontra, portanto, na poética do que se diz” (p. 14). Para ele, o “o dizer confia o mundo para as coisas; abrigando, ao mesmo tempo, as coisas no brilho do mundo. O mundo concede às coisas sua ausência. As coisas são gesto de mundo. O mundo concede coisas.” (p. 18- 19).

Considerando que, pela linguagem abrigamos e damos suporte a nosso ser-no-mundo, Heidegger nos encaminha a um retorno ao sentido originário das palavras “suportar” e “dar suporte (*bern, barën*) que significam portar, porte, gesto. Delas provêm as palavras *gebären* e *Gebärade* que, por sua vez, significam gestar, gesto, gestualidade. Assim, a linguagem evoca as coisas e estas são “gesto de mundo”. (Heidegger, 1959/2012a, p.17).

Segundo o autor, sua intenção, mas era pensar a linguagem em sua orientação poética, capaz de evocar “um mundo” ao recolher em si tudo que concerne ao existir, recolhimento este das

coisas do mundo que, através da evocação pela linguagem, gera uma experiência de intimidade, na medida em que “o dizer confia o mundo para as coisas” e, sendo como gestos que gerando as coisas retiram-nas do desvelamento.

Assim, percebemos que as pistas oferecidas antes por Heidegger (1954/1997) a respeito da linguagem como relevante, ao pensar e questionar a técnica, aqui ganha mais vivacidade quando ele demonstra e trabalha mais detalhadamente a dimensão da linguagem e sua relação com o Ser, convocando nossa atenção para o caráter poético existente entre eles e para como este caráter se perdeu nas diferentes épocas, chegando até nosso tempo. (Heidegger, 1959/2012a).

Cabe aqui aproximarmos as reflexões que já havíamos realizado para abriremos terreno para, mais adiante, pensarmos no campo da clínica algumas importantes reflexões. Vimos que na analítica da existência, homem e mundo são co-originários e coexistentes e que a linguagem se constitui como possibilidade de des-velar essa relação e, de algum modo, sua ação no mundo. Assim como vimos que nas suas ponderações sobre a linguagem enfatiza aquilo que lhe é mais característico e próprio – o caráter poético e não meramente instrumental. Ora, diante dessas articulações fica mais clara a sua afirmação de que a linguagem mantém relação com a dimensão da gestualidade e do gestar as coisas para o mundo. Sabe-se que coisas são os entes e que a eles estamos sempre referidos pela espacialidade, em uma dada disponibilidade afetiva e rede de significações, assim como sabemos que é necessária a presença humana para conferir sentido ao mundo e que esses sentidos não são como conceitos que emprestam uma pura definição ou causalidade para as coisas.

Nessa direção, poderíamos compreender como nossa presença no mundo pode ser tomada como uma experiência que de tão singular assemelha-se à própria experiência poética. Cada pessoa, coisa, idéia, desejo, sonho revelam nossa capacidade de viver de modo único e especial, mesmo nas situações mais adversas de solidão e sofrimento estamos afetivamente dispostos, afetando e sendo afetados. Conhecendo o mundo e dando a conhecer de nós, como também gestando as possibilidades daquilo que seremos e do que está ao nosso entorno.

Desse modo, abre-se para nós, mesmo em tempos de prevalência da racionalidade científica e técnica, o resgate de uma de nossas realidades mais próprias; a dimensão do que aqui ousaremos nomear como ética-poética-estética e que nada mais é do que aquilo que sempre nos constituiu enquanto humanos; a capacidade de sermos seres que desejam, sonham e, assim, se antecipam para suas possibilidades de vir a ser. Seres os quais a própria vida diz de si e de seu contexto, de seu tempo.

Com o intuito de avançar em nossas considerações a respeito do pensamento tardio do autor em questão, e de desenvolvermos nossas considerações, passamos agora ao seu trabalho sobre

“A origem da obra de arte”, pois através desse ensaio ele chega a uma elaboração ainda mais refinada sobre a questão que recebeu permanentemente sua atenção: o Ser. (Heidegger, 1977/2010).

Tal reflexão parece contraditória em se tratando de um trabalho a respeito da arte, todavia ela serve para que cheguemos exatamente a pensar que o sentido da arte não está em si mesma, mas na sua relação com aquele que cria, aquele que aprecia, e com os sentidos concedidos por ambos à obra. Obviamente os sentidos doados estarão sempre sintonizados com o horizonte compreensivo de quem os concede, por isso a fruição é uma característica da arte, assim como as possibilidades de vir-a-ser estão na condição ontológica humana.

Assim, ele estabelece uma pertença entre a existência e a arte. A obra de arte acaba por acolher em si a própria condição do Ser do homem, ela diz também sobre produção de sentidos que se apresentam como possibilidades do existir humano e se aproxima da noção de verdade tal qual pensada pelos pensadores originários:

A verdade, como clareira e velamento do sendo, acontece no que ela é *poietizada* (*aI*). *Toda arte* é, como o deixar-acontecer a adveniência da verdade do sendo como tal, *em essência* poiesis. A essência da arte, em que se baseiam sobretudo a obra de arte e o artista, é o pôr-se em obra da verdade. A partir da essência *poietizante* da arte acontece que ela torna patente um lugar aberto, no meio do sendo, em cuja abertura tudo é diferente do habitual (Heidegger, 1977/2010, p. 183, grifos do autor).

Para Vattimo (1996), nessa fase, Heidegger passou a entender a relação do humano não como “no mundo”, mas em “um mundo”, no sentido de que o Ser passou a ser pensado enquanto historicidade. Isso porque, embora o ser humano encontre este mundo e o modo de ser sempre em uma estrutura já dada, antes mesmo de sua existência, ele também contribui na sua construção. Assim, ele acredita que Heidegger encontra na obra de arte o ponto de referência para descobrir uma atividade do homem que não é só ôntica, mas também ontológica:

(...) o pertencer a um mundo como estar determinado por uma função e, conseqüentemente, por certo significado, não é já o único elemento constitutivo do ser da coisa; ou, pelo menos, não de certo tipo de coisas como as obras de arte (...) a obra de arte caracteriza-se, mesmo na experiência estética mais comum, pelo facto de se impor como digna de atenção enquanto tal. Que a obra de arte não se reduz, como instrumento, ao mundo a que pertence é algo que está confirmado pela experiência que continuamente temos da fruição de obras de arte, mesmo do passado mais remoto . (...) A obra de arte não exprime nem dá testemunho de um mundo constituído fora dela ou independente dela; ela própria abre e funda um mundo.” (Vattimo, 1996, p.124-125).

Desse modo, percebemos como novamente Heidegger (1977/2010) nos convida a reconsiderarmos a noção de “verdade”, enquanto *aletheia*, que se perdeu ao longo do tempo, e recolocá-la na dimensão da *poiesis*. Convida-nos também a compreendermos nosso próprio ser-no-mundo como a possibilidade de criação de nosso mundo, semelhante há pouco também nós

refletimos quando pensamos inspirados nas considerações heideggerianas sobre a linguagem, na medida em que nós mesmos desvelamos o mundo, tendo a nossa própria existência, assim como a arte, como um pôr-se-em-obra da verdade, um *poietizar*, um desvelar de possibilidades que ainda não tinham vindo a ser.

Consideramos, portanto, que Heidegger ao tomar em suas elaborações a linguagem, a serenidade e a origem da obra de arte contribuiu com outras referências, na atualidade, para um modo de pensar que não se limite ao paradigma da tradição metafísica. Este outro modo de pensar, sempre relacionado ao ser humano e sua existência no mundo, contribui também oferecendo solo fértil para o pensamento científico pautado em uma dimensão ética. Perspectiva esta que adotamos neste trabalho para pensar a questão da clínica psicológica.

2.4 Reflexões sobre a ação clínica em diálogo com o pensamento fenomenológico

Apresentamos algumas dimensões do pensamento heideggeriano, enfocando as compreensões que apresenta sobre a dimensão existencial do *Dasein*. Partindo de tais reflexões vamos dialogar com a psicologia na tentativa de apresentar possibilidades para pensá-la a partir da perspectiva fenomenológica hermenêutica, ao modo de Heidegger.

Importa ressaltar que o lugar de onde partimos para pensar a clínica não diz respeito a um espaço físico (como o tradicional espaço do consultório), nem a uma modalidade de prática (como a psicoterapia que foi classicamente associada à clínica). Referendados por Figueiredo (1995), buscamos destacá-la não apenas por um campo de efetuação, pois pode ser “exercida” em várias condições e espaços. Assim, nos diz o autor, “talvez o clínico seja a escuta de que o nosso tempo necessita para ouvir a si mesmo naquilo em que lhe faltam as palavras” (Figueiredo, 1995, p. 40). Nesse sentido, ela diz respeito a um *ethos*, ou seja, um modo de atenção à existência humana.

Assim, inspirando-nos nas premissas do pensamento heideggeriano, caminhamos no sentido de pensar a ação clínica com base no **cuidado antecipativo**. Considerando-o como um “olhar” e um modo aberto e solícito que contribuam para que as pessoas que buscam acolhimento, encontrem espaço fecundo para pensarem e transformarem suas vidas, suas realidades. Nessa via, a ação clínica não corresponde simplesmente à aplicação de modelos teóricos explicativos no que tange ao sofrimento humano, à saúde e à doença. Embora tais modelos e referências sejam importantes, o trato irrefletido deles leva a uma compreensão e abordagem fragmentadas dos fenômenos que circundam a vida. Caminharemos, ainda, em direção a uma compreensão sobre a ação clínica em diálogo com algumas reflexões tardias de Heidegger, de modo a pensar questões como linguagem e arte como relevantes para uma ampliação da compreensão clínica em relação ao

ser humano e ao sofrimento, de modo que não os limite a uma compreensão patologizante acerca desses fenômenos.

2.4.1 Principais Precusores da Clínica Fenomenológica

Consideramos importante apresentar um breve panorama relacionado à clínica em uma perspectiva fenomenológica; seus principais representantes, suas contribuições e algumas diferenças entre eles, para depois nos dedicarmos à clínica na perspectiva que nos propomos trabalhar – aquela inspirada na fenomenologia existencial.

Segundo Moreira (2011), Karl Jaspers, Ludwing Biswanger, Medard Boss e Arthur Tatossian situam-se entre os precusores que trouxeram contribuições do pensamento fenomenológico ao campo da clínica, inclusive aos estudos da Psicopatologia. Cada um deles, ao seu modo, está sintonizado com uma dada herança da fenomenologia.

Segundo a autora, a proposta de Karl Jaspers era integrar o modelo causalista-explicativo, desenvolvido pelas ciências naturais, ao modelo histórico-compreensivo, característico das ciências humanas. Podendo, deste modo, descrever e compreender os fenômenos psíquicos. Na sua época, a Psicopatologia circunscrevia-se no âmbito das ciências naturais e se limitava a utilizar o método explicativo-causal para entender os fenômenos do sofrimento psíquico.

Assim, grande contribuição de Jaspers foi agregar o método fenomenológico como mais uma possibilidade para a psiquiatria, como também ter facilitado a demarcação da Psicopatologia como disciplina específica, capaz de pensar os processos de adoecimento, conjugando a tradição voltada para a sistematização e identificação dos sintomas “objetivos” com uma compreensão da dimensão subjetiva em relação à vivência daqueles.

Portanto, Moreira aponta que o empreendimento de Jaspers permitiu a inclusão de um modo de compreensão que colaborou para o reconhecimento e ampliação dos critérios de cientificidade em relação aos métodos utilizados e ao objeto de estudo neste campo de saber. Tal questão fica clara quando encontramos nas palavras do próprio Jaspers (1913/1987, p. 12) sua explicação que revela claramente o contexto de sua época quando se considerava que:

Em muitos aspectos, a psicopatologia ainda não alcançou o nível de ciência. É a “habilidade” que então prevalece. A ciência requer um pensamento conceitual que seja sistemático e possa ser comunicado. Só na medida em que se tenha desenvolvido um pensamento deste tipo, pode haver psiquiatria como ciência. O que na psiquiatria for habilidade e arte, que não se pode exprimir e sim no máximo transmitir a pessoas receptivas através de um trato pessoal, não será tampouco objeto de exposição num livro nem, naturalmente, se pode esperar de livros. O ensino da psiquiatria é mais do que transmissão de conhecimentos conceituais. É mais do que ensino científico.

Assim, buscou conhecer o acontecer psíquico, o que os humanos vivenciavam e como isso acontecia. A noção de intencionalidade, originada do primeiro momento do pensamento fenomenológico de Edmund Husserl, foi fundamental para que elaborasse sua compreensão a respeito da consciência como uma vivência da pessoa direcionada ao mundo e o mesmo se aplica às vivências psicopatológicas. Também por tomar como referência a noção fenomenológica husseliana, seu trabalho se deu por uma via descritiva, ao invés de uma análise compreensiva. (Moreira 2011). Vale ressaltar ainda que:

Reconhecer que a fenomenologia de Jaspers é uma fenomenologia descritiva não deve se dar no sentido pejorativo, como acontece frequentemente por parte dos seus críticos. Jaspers se restringe à etapa descritiva como a etapa inicial para que se possa atingir o fenômeno subjetivo. Seu objetivo era garantir a cientificidade da compreensão dos sintomas subjetivos. (Moreira, 2011, p. 174).

Também importa destacar que o próprio Jaspers (1913/1987), no ensejo do prefácio da sétima edição do seu “Psicopatologia Geral”, em 1959, ressaltou a importância de um árduo trabalho de reelaboração de sua própria pesquisa, dada a evolução dessa área do conhecimento, mas acreditava que tal feito seria possível através de um exaustivo empreendimento que já não lhe era mais possível, deixando essa tarefa para algum jovem pesquisador disposto a fazê-lo. Finalizou reafirmando que “receberia com alegria um livro assim.” (p. 7) e que até lá, sua obra continuaria a servir para os que desejassem aprender a “pensar psicopatologicamente”.

No que diz respeito a Ludwig Biswanger, psiquiatra suíço que, em sua formação, teve contato com Bleuler, Freud e Jung, versando a respeito da psicoterapia para um grande público na Suíça afirmou que “somente pelo discurso humano, pelas palavras e por todos outros meios é que o homem pode entrar em contato com o homem e agir sobre si mesmo.” (Biswanger, 1971, p. 119 citado em Feijoo, 2011, p. 61).

Segundo Feijoo (2011), com tal reflexão, o psiquiatra apontava para a importante compreensão de que a clínica não deve ser regida por uma lógica prescritiva e técnica que levaria a uma eficácia. Para nós, fica claro, em sua fala, o realce dado à linguagem como dimensão humana que nos põe em contato com nosso existir.

Biswanger iniciou seu percurso como clínico no âmbito da psicanálise, mas gradualmente distanciou-se de tal perspectiva ao aproximar-se cada vez mais do pensamento de Husserl e Heidegger. (Moreira, 2011).

Nesse sentido, ele mesmo afirmou que sua relação com a psicanálise se deu inicialmente por uma confrontação de aprendizagem em relação à técnica (em um sentido heideggeriano mesmo sobre tal termo), como também por uma relação de amizade, admiração e amor em relação a Freud. No entanto, tal relação não foi marcada por um caráter dogmático,

segundo ele. E isso contribuiu para que passasse à etapa da comprovação dos postulados freudianos a partir da própria experiência e, posteriormente, prosseguisse dando amadurecimento à própria experiência e críticas ao método freudiano através de um viés metodológico e epistemológico – que para ele não significava uma anulação radical ou rompimento com tais postulados –. (Biswanger, 1947/1955/2013). Tal postura fica evidente em uma comunicação oral em um Congresso Internacional de Psicoterapia, em Barcelona em 1958:

Apesar de toda a nossa admiração pela obra de Freud e toda estima pela importância gigantesca da psicanálise no plano da psicoterapia, nossa formação filosófica não nos permitiu reconhecer suas hipóteses filosóficas, particularmente no que concerne à relação entre corpo e alma, entre o instinto e o espírito. (Biswanger, 1971, p. 155 citado em Moreira, 2011, p. 175).

Moreira (2011) ressalta ainda, a influência que Jaspers desempenhou nas elaborações de Biswanger a respeito da Psicopatologia, pois ele também acreditou que esse campo do saber deveria situar-se em um diferente lócus do das ciências naturais. Segundo a autora, seu trabalho em relação à clínica possui menor elaboração e complexidade, quando comparado aos seus escritos sobre psicopatologia. No entanto, intencionou ir além das dimensões causais concretas e da compreensão do campo do acontecimento psíquico, pois reconhecia que essa separação findava por encaminhar a uma compreensão dualística.

Assim, aprofundando-se nos estudos de Husserl e Heidegger, sobretudo na analítica do *Dasein* deste último, encontrou os aportes necessários para desempenhar e fundamentar sua clínica. Desse modo, o médico suíço adotou o termo *Daseinsanalyse*, em virtude de buscar estabelecer um diálogo com os estudos heideggerianos. Buscava também demarcar um avanço em relação ao termo “Análise Existencial”, adotado por outros clínicos que também buscavam superar ou se contrapor aos determinismos e instrumentalismos predominantes nas teorias científico-naturais. (Feijoo, 2011).

Destarte, esse posicionamento foi importante, segundo Feijoo (2011), para designar um olhar em Psicologia e Psiquiatria que “compreende o homem não mais como resultado de um determinismo, nem mesmo como forças e complexos psíquicos que agem de modo oculto nas expressões aparentes do homem.” (Feijoo, 2011, p. 62). Chamou atenção, ainda, para a importância da comunicação e da confiança na relação entre paciente e clínico (a), que entendemos como um olhar que dá importância a desdobramentos ônticos da dimensão da linguagem, da compreensibilidade e do cuidado na relação terapêutica:

Tal confiança é o presente que o paciente oferece ao médico como condição *sine qua non* de todo ato psicoterapêutico, e que é tanto mais difícil de obter quanto mais é solicitado; pois confiança é como o brinde de toda comunicação autêntica

além da intenção, do meio e do propósito, além da causa e do efeito. (Biswanger, 1971, p. 126, citado em Feijoo, 2011, p. 65).

Assim, a referida autora nos diz que foi dada tamanha importância à questão da confiança no plano da relação terapêutica, que apenas com o estabelecimento daquela se poderá atuar na direção do sentido profundo do verbo “curar”. No entanto, ele manteve no escopo de suas reflexões teóricas e do trabalho clínico resquícios de uma compreensão de subjetividade. Além disso, ele acrescenta à sua visão sobre o trabalho clínico uma noção que não constituía o horizonte do pensamento heideggeriano, a saber, a questão do amor. (Feijoo, 2011).

Outra questão que nos chama atenção em relação às considerações sobre a influência heideggeriana no trabalho de Biswanger é o fato de Feijoo considerar que para este o existencial do cuidado (*Sorge*) e a noção de projeto teriam sido as referências principais tomadas pelo psiquiatra suíço do pensamento do pensador alemão. Enquanto encontramos em Moreira (2011) a indicação de que as noções de espacialidade e a temporalidade foram os elementos principais “retirados” da analítica do *Dasein*.

Em face dessas considerações, fica claro que o trabalho de Biswanger buscou divergir da tradição predominante da época e encontrar solo fértil que constituísse uma base para uma compreensão que considere o humano em sua totalidade. No entanto, seu trabalho encontrou rumos não só a partir das orientações filosóficas que buscou, mas de sua própria experiência. Nesse aspecto, suas reflexões e compreensão sobre o trabalho clínico não estavam de acordo apenas com a analítica do *Dasein*, isso o levou a denominar seu trabalho como uma “Fenomenologia Antropológica”. (Feijoo, 2011; Moreira, 2011).

Isso significa que sua preocupação maior estava com a dimensão ôntica do existir e que utilizou referências do pensamento heideggeriano e husserliano para ampliar sua análise dos modos existenciais de ser no mundo. Assim, ele buscou esclarecer que:

Ainda que Heidegger tenha sido para nós o pensador mais prestigiado de nossos tempos, e que ano a ano mergulhemos mais fundo no coração de sua obra, nosso propósito pessoal não era de estudá-la como tal, mas de retirar dela o que seria útil à psiquiatria, cujo fundamento e aprofundamento filosófico sempre haviam sido objeto de nossas preocupações. (Biswanger, 1971, p. 156, citado em Moreira, 2011, p. 175).

Desse modo, Moreira (2011) aponta que ele fez um retorno ao pensamento de Husserl e elaborou outras noções que fundamentam sua Clínica de viés fenomenológico antropológico. A primeira dimensão seria a do mundo biológico e material (*Umwelt*), o “mundo ao redor”. A segunda, seria o mundo das inter-relações, o mundo com o outro e que caracteriza o ser humano, permitindo, assim, a experiência de pertencer a uma família, o senso de comunidade, a dimensão

social (*Mitwelt*). E, por fim, a experiência de “eu”, que não significa um psiquismo fechado em si mesmo, com leis regendo-o, mas uma experiência entre o ser humano e o mundo e como este lhe possibilita a elaboração de significados em relação ao mundo e às coisas.

Essas três regiões de mundo aconteciam concomitantemente na compreensão de Biswanger. Percebemos, então, como seu pensamento é marcado por uma criatividade nascida da sua própria experiência clínica. Como também é notável sua aproximação mais da perspectiva Fenomenológica da Consciência de Husserl do que da hermenêutica de Heidegger – embora tenha ficado clara sua admiração e simpatia em relação às elaborações acerca do *Dasein*.

Outro importante colaborador, mas do qual falaremos muito brevemente, foi Arthur Tatossian. Este médico francês, com formação inicial em neurologia e, posteriormente, em psiquiatria, desenvolveu seu trabalho partindo da sua aproximação com as contribuições husserlianas do *Lebenswelt*. Nunca desejou criar uma escola ou nova corrente, pois considerava que “a fenomenologia já se ‘vivia’ e não poderia se resumir em receitas” (Moreira, 2011, p. 181.).

Ainda segundo Moreira, tal postura revela uma coerência com a inspiração fenomenológica que lhe norteou, mas isso não o afastou do estudo dos demais fenomenólogos, inclusive Merleau Ponty e Heidegger, além das referências no campo da psicopatologia. Manteve um profundo interesse pela experiência clínica e em tomar referência no pensamento fenomenológico, não no sentido de arbitrar em relação a estes ou aqueles conceitos ou noções, mas de se apropriar de um modo fenomenológico para entender a experiência dos pacientes em sofrimento e poder lhes ser mais útil no trabalho clínico.

Por conta de tal compreensão Tatossian afirmou em “Fenomenologia das Psicoses” não desejar ser original, mas ser o mais fiel possível ao modo fenomenológico do trabalho clínico desenvolvido, de fato, na experiência dos psiquiatras e não de como se pretendia que ela fosse a partir de quaisquer referências entre os filósofos. (Tatossian, 2006, citado em Moreira, 2011). Por isso, ele fez diversas críticas a Biswanger por considerar que este perdia-se demasiado em elaborações filosóficas e metodológicas. Criticou também o percurso feito por Biswanger que se aproximando do pensamento Heideggeriano, logo após, retrocedeu para a Fenomenologia da Consciência de Husserl, o que significou um retrocesso no que diz respeito a um retorno à noção de subjetividade e identificação com os quadros patológicos:

A passagem da *Daseinsanalyse* à fenomenologia transcendental comporta, assim, ir de uma postura profundamente impregnada pela historicidade humana a uma outra totalmente a-histórica e, mais grave, de uma perspectiva que, com Heidegger, teria superado a dualidade sujeito/objeto a uma outra que não a supera mais, já que fala das doenças. A solução é sem dúvida que a perspectiva da fenomenologia não exclui aquela da *Daseinsanalyse*. (Tatossian, 2003, p. 173, citado em Moreira, 2011, p. 182).

Tal postura indica sua aproximação com as elaborações do Husserl tardio, acerca do *Lebenswelt*, por considerá-las como um avanço do pensamento desse autor que, segundo Tatossian, possibilitou uma reviravolta nos trabalhos do próprio Husserl e o desenvolvimento do pensamento do próprio Heidegger. Assim, para compreender a experiência do mundo vivido pelos pacientes, a questão da temporalidade acabou por tomar papel relevante no trabalho de Tatossian. Entendendo, portanto, que o tempo vivido nas pessoas saudáveis é dominado pela noção de *devoir*, enquanto para as pessoas em sofrimento há uma forma diferente nessa experiência. (Moreira, 2011).

A exposição que fizemos até aqui, teve como objetivo percorrer um pouco do território fenomenológico no âmbito da clínica, revelando suas nuances, apontando suas origens e as bifurcações que foram se desenrolando no trajeto de cada uma dessas relevantes figuras.

2.4.2 Considerações sobre a Clínica em diálogo com a Fenomenologia Existencial de Martin Heidegger

Por fim, passamos agora a nos dedicar à perspectiva que escolhemos, por nos sentirmos por ela tocada. Nesta via tomamos como referência o trabalho de Medard Boss, que também se situa entre as principais referências no que tange à Clínica Fenomenológica. Sabemos que Boss, médico psiquiatra e profundamente interessado com o exercício clínico, deu continuidade à perspectiva clínica da *Daseinsanalyse*. Aprofundou-se, assim, em um olhar hermenêutico, como na compreensão acerca dos existenciais que fundamentam a noção do humano como Ser no mundo e, na nossa compreensão, aproximou-se de alguns elementos do pensamento tardio de Heidegger. Caminharemos, ainda, nos trabalhos de autores contemporâneos que buscam aprofundar suas reflexões clínicas nessa perspectiva.

Corroborando com nossas reflexões, encontramos em Feijoo (2011), Barreto e Morato (2009), a reflexão de que a Psicologia foi influenciada em sua *episteme* pelo positivismo, contribuindo, assim, para que o sujeito fosse entendido de modo essencialista e substancializado. Para elas, a partir da fenomenologia existencial, podemos pensar no campo da psicologia uma contribuição para entender o humano como abertura cooriginária e coexistente em relação ao mundo, numa perspectiva que dá relevância às noções de disposição afetiva, temporalidade, angústia e liberdade, como fundamentais para a compreensão de uma ação clínica que busque questionar a tradição em que se fundamentou a ciência e a própria psicologia.

Como referência principal dessa perspectiva, entendemos que Boss (1977) elaborou algumas reflexões que possibilitassem um olhar crítico para a presença das amarras da técnica moderna na ciência e no próprio trabalho clínico. Para ele, embora tal modo de pensar tenha suas

contribuições, não dão conta de compreender o humano. Assim, ele nos alerta como o existir humano não pode ser pensado separadamente nas dimensões física e psíquica, pois se dão de modo como um todo e inteiro. Essa existência se dá tanto nos dias de saúde como nos de doença, pois ambos pertencem à esfera da vida.

Essa questão foi melhor trabalhada e aprofundada pelo autor (Boss, 1954/1959) em “Introduction a La medicine psychosomatique”, onde ele pensou mais demoradamente a relação corpo e psique, preferindo compreender simplesmente que não há necessidade dessa separação, pois o corpo é o modo como o *Dasein* concretiza suas possibilidades de ser, é com ele que experimentamos pelo humor, pela doença, nossa compreensão e intimidade com o mundo, nosso modo de estar no mundo, assim:

No domínio do *Dasein* sempre continuará propriedade o corpo como o que representa um dos lugares de passagem para a realização de nossa ligação com o mundo, ligação que constitui a existência. Continuando com a metáfora da luminosidade, o domínio corporal se assemelha a um fuso no interior sombrio da chama em uma vela, fuso que faz parte integrante da chama e constitui um lugar de passagem de sua luminosidade. (p. 33. Tradução nossa).

Inspirado nos existenciais da “compreensão”, “disposição afetiva” e “angústia” se deteve em suas manifestações ônticas, como a culpa e o temor, que podem no contexto terapêutico conduzir a pessoa à “libertação”, ou seja, a formas mais abertas em suas possibilidades de ser. Em uma menção indireta e crítica a Biswanger, Boss (1977) nos fala como alguns consideram a fome e o amor como dimensões “essenciais” da existência humana, enquanto outros consideram a angústia e a culpa como tais. No entanto, chama-nos atenção de que tais manifestações ônticas estariam baseadas, antes, nos fundamentos ontológicos já mencionados.

Boss (1977) considera que o ser humano e o sofrimento não podem ser essencializados, pois se dão de diferentes formas, ao longo do tempo, ou seja, mesmo os processos de saúde-doença estão relacionados à historicidade do Ser.

Segundo o autor, essa perspectiva fica evidente quando verificamos, por exemplo, que em dado recorte histórico-cultural o sofrimento se desvelou nas mulheres através da histeria, enquanto nos homens isso aconteceu através dos tremores de guerra. Outras, dentre várias facetas, seriam as depressões, fobias e neuroses obsessivas. Também podemos apontar o tédio e várias doenças como o câncer, os problemas cardíacos e, ainda, varias outras formas de adoecimento que, embora entendidos como apenas físicos, são formas de encobrimento das possibilidades de ser do humano e que desvelam outros desdobramentos possíveis do sofrimento e adoecimento na contemporaneidade.

Assim, o psiquiatra alertava para não desvincularmos doença e saúde, pois nas duas formas estaria presente a dimensão da angústia e ela pode nos servir de bússola que nos direciona a nos “deslocarmos” existencialmente em nossas possibilidades de ser. (Boss, 1977).

Essa compreensão também está presente no trabalho relativo à questão da psicossomática, que há pouco mencionamos. Crítico aos limites impostos pelo espírito técnico às ciências fundamentais da medicina, ele nos conduz a outro modo de pensar os fenômenos psicossomáticos. Através de sua experiência clínica demonstra como essas formas de sofrimento são reveladoras do modo de cada paciente ser-no-mundo; como lidam com as restrições ou amplitudes de possibilidades, e como o corpo diversas vezes encontra caminhos para compensar tais experiências, seja através da anorexia ou mesmo da obesidade, por exemplo. Assim, põe em cheque as dicotomias existentes entre corpo e alma.

Na intenção de melhor clarear tal posicionamento, vamos nos remeter a uma passagem de Seminários de Zollikon, em que Heidegger (1987/2009), em seus encontros com psiquiatras suíços, tratou de uma questão fundamental: como as ciências que lidam com o ser humano não podem basear-se em princípios que reduzam e subordinem a realidade, sobretudo os fenômenos humanos, às relações causais. Do mesmo modo, a intenção de medir e controlar a realidade da vida, tomando como referência os métodos das ciências naturais, revela-se como uma restrição com implicações relevantes, sobretudo quando pensarmos na ação clínica, uma vez que significa estarmos atrelados e baseados na concepção vigente de que verdade é tudo o que for passível de ser medido com exatidão.

Contestando a posição predominante, ele propunha um “novo” modo de pensar, “uma maneira de pensar que já era conhecida pelos gregos antigos.” (Heidegger, 1987/2009, p.38). Na intenção de clarear tal modo ele nos interroga: “por que não haveria realidades impossíveis de serem medidas com exatidão? Uma tristeza, por exemplo.” (Heidegger, 1987/2009 p. 36).

Acreditamos que tal perspectiva se relaciona com o que discutimos há pouco, possui relação mesmo com um retorno a uma compreensão mais aberta dos fenômenos da vida. Compreensão esta que, no que se refere às ciências humanas – em nosso caso a Psicologia – não se pautar apenas nos construtos das ciências naturais e matemáticas, de modo que o arcabouço teórico e metodológico daquela não se baseie exclusivamente nestas.

Podemos assim, pensar que uma compreensão de Clínica em diálogo com a fenomenologia existencial converge no caminho do que nos dizem Pompéia e Sapienza (2004) a respeito do trabalho terapêutico e que, aqui, pretendemos ampliar também para o trabalho clínico e mesmo para a prática psicológica, de que o elemento fundamental do nosso trabalho encontra-se em um “não saber”, não no sentido de desconsiderar a tradição e o acúmulo do conhecimento

psicológico, mas de que, embora sua aquisição seja importante, esse constante exercício de aprender, uma abertura ao estranhamento ao que possa surgir é imprescindível. Na intenção de aprofundar essa questão, tomamos a experiência de Pompéia sobre um diálogo dele com Medard Boss que o deixou, em suas palavras, intrigado diante das palavras do mestre da *Daseinsanalyse*:

“No consultório, Freud era completamente diferente...”. Descobri então que estava conversando não com um estudioso de Freud- embora Boss também o fosse-, mas com um paciente de Freud. Curioso, perguntei: “E o que ele fazia no consultório?”. Boss respondeu, brincando: “Fazia *Daseinsanalyse*, não fazia *Psicanálise*”. Comecei a refletir que, afinal de contas, Freud iniciou seu trabalho de terapeuta antes da formulação da *Psicanálise*, que passou a existir a partir do acúmulo de sua experiência. Retornei à questão sobre o que Freud fazia no consultório antes de ter elaborado a teoria psicanalítica. Para me dizer o que Freud fazia então, Boss me falou: “*Psicoterapia é procura*”. (Pompéia & Sapienza, p. 155-156).

Isso implica pensar que todo o conhecimento acumulado no campo da Clínica se deu a partir do acolhimento aos fenômenos que foram surgindo, percepção esta que faz todo sentido quando retornamos às análises e reflexões de Boss (1977) sobre os diferentes humores e sofrimentos experimentados onticamente em diferentes épocas, e que ele relaciona aos existenciais da angústia e da culpa. Fica claro, então, que nosso saber no campo da diferentes abordagens clínicas, inclusive na Psicologia e Psiquiatria, se deu a partir de um debruçamento e um esforço de compreensão dos fenômenos do existir. Nesse aspecto, o modo de pensar hermeneuticamente, como trabalhado por Heidegger, parece-nos fundamental, pois implica o movimento de abertura para a compreensão dos fenômenos que se desvelam aos quais se pretende investigar.

Pompéia e Sapienza (2004) prosseguem considerando a clínica como um “espaço” de encontro, onde a procura facilita o cuidado sob uma ótica antecipadora, procura que contribui para uma compreensão mais apropriada da rede de significados e sentidos que é a vida de quem busca esse espaço de acolhimento. Como também é uma procura que, como uma bússola, aponta para uma caminhada em que cada um poderá perceber o modo como cuida de sua relação com o mundo. Tal compreensão se dá via linguagem, considerada no sentido heideggeriano de *poiesis*, assim como na explicitação de Platão, em que este termo é pensado enquanto criação.

Quando falamos de lugar fecundo para a criação, estamos considerando a linguagem como reveladora do próprio modo de cuidar da vida. Enquanto espaço reflexivo ou de apropriação de sentidos e significados, o encontro clínico pode ser aquele lugar e tempo em que é possível uma aproximação da realidade mais genuína de cada pessoa; em seus sonhos, limites e possibilidades e, assim, o encontro clínico – e sobretudo a linguagem – mantém relação também com o futuro de quem esse espaço busca, pois pode dizer e abrir horizonte com aquilo que se pode ser, ou não. Ou seja, podem gerar possibilidades, realidades.

Importa ressaltar que, quando nos referimos à linguagem e ao encontro entre clínico e cliente/usuário, não estamos considerando apenas o que é expresso pela fala, mas a rede de sentidos que o encontro des-vela em relação à experiência do cliente.

Para Prado e Caldas (2013) a clínica é este espaço do qual falamos, espaço de apropriação das escolhas por parte daquele que demanda cuidado, espaço de responsabilização dessas escolhas. Esta noção de responsabilização não corresponde a uma perspectiva moral, mas de compreensão da própria caminhada, escolhas estas que têm sempre o sentido da propriedade e da impropriedade, pois ambas pertencem à condição da existência. É esse espaço de cuidado pela compreensão de si, que constitui a clínica enquanto espaço de encontro.

Para Barreto (2011), tal concepção de ação clínica acontece em um movimento em que o clínico acompanha o outro/cliente em seu movimento de experienciação¹⁰, contribuindo na tarefa de ampliação do que já sabe sobre si, mesmo que pré-reflexivamente¹¹.

Nessa direção, concordamos com Prado e Caldas (2013) quando afirmam que adotar essa postura não implica desconsiderar as modalidades clínicas baseadas no modelo científico hegemônico. Contudo, como enfatizado por Pompéia e Sapienza (2004), é necessário assumir uma posição crítica ao que já foi abordado e compartilhado cientificamente, com vistas a “ouvir” o que ainda está por se desvelar no encontro clínico que, por sua vez, deve oferecer realce para a apropriação da experiência por parte do cliente/usuário, possibilidade esta que se dá pela ampliação de seus horizontes compreensivos através do exercício reflexivo que acontece entre clínico e cliente/usuário, tal qual pudemos ver em Barreto (2011).

Acreditamos, desse modo, que o trabalho clínico possibilita que a pessoa dê-vele o modo como está sendo no mundo. Sendo a aproximação com a linguagem, com a experiência, formas de desvelamento de sua verdade – em um sentido originário –. Tal consideração encontra abrigo no pensamento de Pompéia e Sapienza (2004) que retomam o sentido etimológico de *poiésis*, que significa levar à luz ou possibilitar a desocultação de algo. Sentido este próximo da noção de *alethéia*, que considera a verdade como desvelamento. Assim, a ação clínica aproxima-se da linguagem poética como um modo de escutar, acolher a experiência e a “verdade” do outro.

É caminhando por essas trilhas que ressaltamos a reflexão de Barreto (2013) que, apontando para uma compreensão da ação clínica fecundada pelo pensamento do Heidegger tardio, encaminha “pensar a ação clínica como um modo de estar com o outro/cliente, que poderá manter-nos despertos, no aguardar, silencioso e atento, o pensamento que medita”. (p.49). Pensamento que

¹⁰ Fenômeno relativo ao campo de experiências e compreensão de uma pessoa e que está sempre relacionada à sua disposição afetiva, ao seu ser-no-mundo, mesmo que em um nível pré-cognitivo.

¹¹ Relativo também à compreensão e à disposição afetiva de uma maneira na qual a pessoa percebe sua “realidade” de um modo menos conceitual e racional.

remete a uma compreensão de linguagem implicada em um expor-se à experiência do estranho, abrindo para a compreensão da “ação clínica como sofrer uma experiência com a linguagem que se abre à experiência do pensamento que interroga e não explica o ser da linguagem” (p.47).

Dando continuidade às contribuições do Heidegger tardio para pensar a clínica, acreditamos que as reflexões apresentadas estão em ressonância com as ideias de Pompéia (1997), que busca pensar e tecer algumas aproximações entre arte e existência, demonstrando como as duas são permeadas pela presença da linguagem e a necessidade da comunicação e doação de sentidos que nunca se encerra. Questiona, ainda, sobre o sentido do existir humano e considera a necessidade de “designar a existência como algo bem específico, que é o modo de ser do homem. Não é o modo de ser dos animais, não é o modo de ser das coisas. E o que é próprio ao modo de ser do homem?” (p. 42). Diante de tal questionamento, responde pensando a existência do ser humano como um modo de ser de um ente sonhador, dada à imprevisibilidade à qual sua existência o convoca.

Desse modo, articula arte e existência, argumentando que na experiência da criação entre o artista e sua obra, e entre esta e o espectador que a aprecia parece existir um convite ao mistério. Assim, a busca pela arte em suas diversas expressões possibilita o apropriar-se afetivamente das experiências, apropriação esta expressa em movimentos, gestos e cores, que nos tocam, sem que necessariamente a mediação da racionalidade esteja em primeiro plano.

O autor nos diz também que a possibilidade de experimentar o que ainda não existe, o que pode ainda vir-a-ser, pelo sonho e pela imaginação se dá pela capacidade de comunicar, expressar, pois o “dom da palavra” é o que nos une enquanto comunidade humana. A palavra é que nos faz entrar na comunidade humana:

A palavra tem essa condição absolutamente fantástica de fazer existir aquilo que nós percebemos que não existe, mas que através dela, palavra, vem a existir a seu modo. Este fenômeno evoca alguma coisa ainda por vir, chama para o contato com a existência tal como a conceituamos” (Pompéia, 1997, p. 44).

Nesse trecho, embora o autor se remeta à “palavra” como o que pode chamar à existência o que não está presente objetivamente, percebe-se que ele parte da compreensão heideggeriana de linguagem como constitutiva da existência. No entanto, consideramos ser adequado lembrar que existem diversas formas de linguagens, como a corporal, plástica, musical que dão “corpo” às várias manifestações artísticas e se encontram presentes na vida humana cotidianamente. E estas outras formas de linguagens se mostram na relação entre arte e existência.

Nessa direção, aponta as relações entre arte e existência, e para isso se debruça sobre possíveis sentidos do que seria arte. Descreve como a obra de arte possui sempre um sentido ambíguo de, ao mesmo tempo, ser uma mera coisa e de também ultrapassar este “estado” de coisa

qualquer como tantas outras e, ainda, de poder revelar, “falar”, ser uma coisa que fala. Embora todas as coisas falem ao homem, a obra de arte fala de um modo especial. Para nós, esta questão encontra-se totalmente atravessada pelas reflexões de Heidegger (1977/2010) em “A origem da obra de arte” onde busca compreender qual seria sua “essência”. Isso porque a arte ultrapassa a instrumentalidade com a qual, na cotidianidade, o homem costuma lidar e se relacionar com as demais coisas. A obra de arte acaba por acolher em sua essência a própria condição do existir humano, assim a ação humana abre-se para a construção constante de sentido. (Pompéia, 1997).

Destarte, a compreensão de clínica que tecemos até então diz respeito a uma compreensão que considera a confluência de noções/dimensões como: angústia, corpo, espacialidade, temporalidade, linguagem, compreensibilidade e cuidado (inspiradas pelo pensamento fenomenológico, sobretudo pelo pensamento de Heidegger) como importantes para fundamentar o trabalho clínico. Trabalho que busca no encontro de horizontes atentar para a trama de sentidos da pessoa em seu mundo, em suas diversas formas de desvelamento, por meio de tais dimensões, e para suas possibilidades de vir-a-ser.

Assim, longe de nos fecharmos em conclusões precipitadas, indagamo-nos e provocamos a reflexão se a ação clínica também não seria um dos modos possíveis de propiciar a quem demanda cuidado uma ampliação de experiência com a linguagem – não restrita, apenas, à dimensão verbal –. Nesse sentido, seria importante/possível trabalhar com linguagens provenientes do campo das artes como uma forma de experienciar o cuidado em espaços onde o trabalho do psicólogo está presente? A ampliação com a linguagem, nesse caso, poderia contribuir para a apropriação/ampliação da compreensão da pessoa em relação aos sentidos de sua relação com o mundo e consigo mesma?

Assim, a fim de melhor entender as questões até então percorridas, nos dedicaremos, no próximo capítulo, a uma aproximação da experiência de psicólogas clínicas que se referenciam no pensamento fenomenológico existencial, e que, em suas trajetórias, desenvolveram o trabalho clínico com a presença da linguagem plástica. Para tal, elegemos a narrativa como lócus especial de transmissão de suas experiências. Em tal proposta, procuramos acompanhar a experiência das psicólogas colaboradoras de modo a poder iniciar a tecer uma possibilidade compreensiva da linguagem plástica na clínica fenomenológica existencial.

3. CAMINHOS DE CONSTRUÇÃO E CRIAÇÃO: PERCURSOS METODOLÓGICOS

Nos capítulos anteriores, transcorremos as trilhas relativas à questão de como a linguagem plástica tem estado presente em diversas abordagens clínicas. Também desenvolvemos caminhos de compreensão da ação clínica, sob o viés da inspiração no pensamento fenomenológico, sobretudo do pensamento de Martin Heidegger. Assim, teceremos agora reflexões partindo da questão norteadora da pesquisa e da narrativa de psicólogas acerca de suas experiências sobre o tema em questão.

Contudo, consideramos importante apresentar nossa compreensão acerca do trabalho de pesquisa no âmbito da clínica. Pensamos que neste campo o trabalho de pesquisa deve estar sintonizado com uma perspectiva que se posiciona criticamente frente à tradição metafísica que predomina na Psicologia como ciência, e afinado com uma compreensão da existência humana como um poder-ser-no-mundo e como uma tarefa inalienável de ter que cuidar de ser. Tal posicionamento atravessou todo o nosso modo de realizar a pesquisa.

A escolha pela pesquisa qualitativa de cunho fenomenológico, assim como a opção pela narrativa como lócus de transmissão da experiência não se deram aleatoriamente, mas por um posicionamento nosso de buscar superar crítica e rigorosamente uma concepção positivista de pesquisa, fundamento da pesquisa quantitativa. Segundo Bondía (2002), tal perspectiva, que é predominante, acredita que o conhecimento se dá essencialmente através da ciência e da tecnologia, sendo universal e objetivo, algo útil – no sentido mais pragmático possível – em um sentido instrumental, chegando o conhecimento a ficar sujeito à condição de mercadoria em uma sociedade onde a técnica e o capital prevalecem.

Bondía nos diz que, nessas condições, a mediação entre o conhecimento e a vida transforma-se em apropriação utilitária do conhecimento para uma melhor adequação da vida e dos sujeitos aos moldes de uma sociedade de consumo. Em sentido contrário, estariam as noções de **experiência** e **saber de experiência** que remontam a épocas anteriores ao surgimento da ciência moderna e à sociedade capitalista e tecnicista (em que a vida é equiparada à engrenagem dos bens de consumo). Nessa outra concepção, a experiência está sintonizada à dimensão da existência, à vida singular e o saber dela proveniente contribui para a apropriação de cada um em relação à própria vida.

Nessa direção, esta pesquisa toma corpo em uma compreensão que buscou apoiar-se na segunda perspectiva acerca do conhecimento. Concepção esta também pensada por Cabral e

Morato (2013) quando se referem à atitude fenomenológica em pesquisa, que considera a implicação dos colaboradores e do pesquisador na ação da pesquisa desvelando sentidos em diálogo com o pensamento heideggeriano. Desse modo, a pesquisa é tomada como uma forma de desvelar a trama de sentidos a respeito de um dado fenômeno.

Assim, damos prosseguimento a nossas reflexões, seguindo a rota das interrogações que dão movimento ao nosso trabalho investigativo. São elas: como psicólogas, que se referenciam em uma perspectiva fenomenológica existencial, compreendem a presença da linguagem plástica na ação clínica? E de que (quais) modo(s) a presença dessa outra forma de linguagem pode contribuir para a ação clínica na referida perspectiva? Com base nestas interrogações, poderemos analisar as experiências e reflexões compartilhadas pelas participantes e, então, tecer nossas considerações acerca do tema. Importa agora apresentar os passos metodológicos desenvolvidos no delineamento desta pesquisa.

A metodologia por nós adotada foi a pesquisa qualitativa de cunho fenomenológico existencial. Deste modo, seguimos os passos metodológicos tal como pensados por Dulce Critelli (1996) em seu livro “A analítica do Sentido: uma aproximação de interpretação do real de orientação fenomenológica” e dialogamos com outros autores que contribuem no mesmo sentido, tais como Cabral e Morato (2013), Aun (2005), Schmidt (1990), Turato (2003) e Benjamin (1987).

3. 1. Aproximações com o Fenômeno Pesquisado:

Como mencionamos, buscamos nesta pesquisa trazer algumas reflexões e questões sobre o tema em questão privilegiando não só o conhecimento teórico já sistematizado, mas também aquele tecido no bojo das experiências e fazeres de psicólogas que atuam com o tema em questão. Consideramos que tal forma de tecer o conhecimento pode ser relevante, contribuindo para a ação clínica de outros (as) psicólogos (as) interessados (as) em enriquecer suas práticas com um modo de fazer que ultrapasse a lógica de mera aplicação técnica e se baseie em uma perspectiva “compreensiva”.

3. 1. 1 Caracterização da Amostra:

Desse modo, optamos por trabalhar com uma amostra intencional, constituída de quatro colaboradoras. Para Turato (2003) uma amostra intencional é aquela em que:

O autor do projeto delibera quem são os sujeitos que comporão seu estudo, segundo seus pressupostos de trabalho, ficando livre para escolher entre aqueles cujas características pessoais (dados de identificação biopsicossocial) possam, em sua visão enquanto pesquisador, trazer informações substanciais sobre o assunto em pauta. (p.357).

Assim, tal amostra corresponde aos critérios por nós estabelecidos para participação. Foram eles: ser psicólogo (a) clínico (a) que se referenciasse na perspectiva da fenomenologia existencial, podendo atuar em contextos diversos – consultório particular e instituições, fossem elas de natureza educacional, de assistência social ou de saúde –. Outro critério era que, na prática profissional, tais profissionais tivessem a linguagem plástica presente nas modalidades de práticas com as quais trabalham.

Com base nesses critérios, informamos por e-mail e telefone a psicólogos, pesquisadores e professores do âmbito da Psicologia na perspectiva fenomenológica existencial acerca desta pesquisa, seus objetivos e os critérios de participação, acima mencionados. Após essa divulgação, recebemos alguns contatos de profissionais que atendiam aos parâmetros estabelecidos, realizamos contato e agendamos uma data para as entrevistas/depoimentos.

A amostra constituiu-se por quatro mulheres: psicólogas, com idade entre 27 e 63 anos, que atuam como clínicas em espaços diversos através de diferentes modalidades de práticas psicológicas, tais como: psicoterapia (individual ou grupal), grupos de convivência e grupos reflexivos, oficinas de criatividade, plantão psicológico. O quadro a seguir expõe o perfil de cada colaboradora¹²:

Nome:	Eva	Luna	Consuelo	Mércia
Idade:	33 anos	45 anos	63 anos	27 anos
Formação profissional e tempo de atuação na época das entrevistas:	- Psicóloga e Doutora em Psicologia da Educação; - Há 10 anos atuando como psicóloga.	- Psicóloga e Mestre em Dance Movement Psychotherapy; - Há 7 anos atuando como psicóloga e há 13 como arteterapeuta.	- Psicóloga e Doutora em Psicologia Clínica; - Há 38 anos atuando como psicóloga.	- Psicóloga e mestrandia em Psicologia Clínica; - Há 4 anos atuando como psicóloga.
Modalidades de práticas em Psicologia com as quais trabalha:	Oficinas de Criatividade, Grupos Reflexivos, psicoterapia e	Oficinas de criatividade, arteterapia e psicoterapia.	Oficinas de Criatividade e supervisão de psicólogos que atuam com tal	Psicoterapia, grupos de convivência, Plantão psicológico,

¹² Com exceção da autora/pesquisadora, que também contribuiu com sua experiência através do Diário de Bordo, os nomes das colaboradoras agora mencionadas são fictícios, conforme será esclarecido mais adiante a escolha dos nomes.

	Plantão psicológico.		modalidade.	arteterapia e Oficinas de Criatividade.
--	----------------------	--	-------------	-----------------------------------------

Importa ressaltar que duas das colaboradoras – Eva e Luna (nomes fictícios) – também atuam como professoras e supervisoras clínicas em instituições de ensino superior que oferecem graduação em Psicologia. Já Consuelo trabalhou com diversas pesquisas sobre o tema, é aposentada como professora e supervisora clínica, e continua atuando em consultório e realizando supervisão de psicólogos que trabalham em instituições com a modalidade das Oficinas de Criatividade. Estas três colaboradoras são moradoras da cidade de São Paulo- SP, onde desempenham suas atividades profissionais. Por fim, a última colaboradora é a própria autora da pesquisa, residente da região metropolitana do Recife- PE, recortes de sua experiência são compartilhados nesta pesquisa através de trechos do seu Diário de Bordo – instrumento que será apresentado a seguir.

3.1.2 Instrumentos de Colheita: a entrevista/depoimento e o diário de bordo como vias de acesso para a narrativa

Para uma aproximação com as interrogações que nos conduzem à questão desta pesquisa, escolhemos a entrevista/depoimento como um dos instrumentos para a colheita da experiência. A escolha por tal instrumento, como pensada por Schmidt (1990), teve como objetivo suscitar a narrativa das colaboradoras.

Essa autora teceu articulações entre Walter Benjamin e outros autores, dentre eles, Maria Isaura Pereira de Queiroz. Assim, construiu possibilidades metodológicas e instrumentais para pensar, no campo da pesquisa, a retomada da narrativa através da entrevista/depoimento, como modo de recolher a experiência do colaborador da investigação. Nessa direção, a entrevista como um modo de diálogo entre pesquisador e narrador, em torno de um tema escolhido, é apresentada como uma entrevista aberta, norteada por uma questão disparadora.

Benjamin (1987), em suas considerações sobre a obra de Nikolai Leskov, pensa a respeito da **narração** refletindo como ela está relacionada a um **conhecimento que nasce a partir da experiência**, um saber que parte do ofício próximo ao do artesão, onde a transmissão do saber/fazer se realiza através da tradição e da oralidade. Este tipo de transmissão do conhecimento está situado em um funcionamento social que não é atravessado por completo pela via da racionalidade e da técnica moderna.

Compreendemos, então, que a narrativa permite um modo de troca e comunicação de experiências, possibilitando o intercâmbio de saberes e experiências mais longínquos que, na análise do autor, são representados pelas figuras do viajante e do camponês. Desse modo, “o narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes” (Benjamin, 1987, p. 201).

Baseada nas reflexões de Benjamin, Schmidt (1990) distingue o campo da experiência do da vivência, aponta que esta última diz respeito a uma relação do homem com o tempo, que é experimentado em um estado de alerta. Em tal condição, o modo de lidar com as situações é guiado por uma contínua reação, sobrando assim, pouco espaço para a memória, para se deixar afetar, deixar-se penetrar pelos acontecimentos e, então, passar a uma elaboração do vivido. No campo da experiência, encontra-se a possibilidade de assimilação, reflexão, “memória”, dimensões necessárias para a elaboração da experiência.

Nessa via, o conhecimento advindo da experiência se delinea a partir de uma interrupção do tempo linear da vivência, dando abertura para o desabrochar da memória, das reminiscências, entrando em cena um tempo qualitativo onde passado e futuro se encontram (“tempo entrecruzado”) dando cor a uma nova compreensão acerca de algo, e contorno a um conhecimento. Assim, a autora nos diz:

A leitura do tema da experiência em Benjamin configura um dilema que permanece atual e fala de perto ao pesquisador contemporâneo. Aderir ao tema da experiência, no âmbito da pesquisa em quaisquer áreas do conhecimento humano, pode significar confrontar-se com questões teóricas e práticas advindas do desejo de constituir a pesquisa como ocasião de elaboração e transmissão de experiência, nas condições atuais de crescente especialização, informatização e “tecnicização” do saber (Schmidt, 1990, p. 35).

No contexto da pesquisa, portanto, a experiência é tomada através de um trabalho de elaboração do vivido, que tem seu sentido completo na medida em que é comunicado, transmitido. Temos assim que “**elaboração e transmissão** integram-se na tradição oral das narrativas”. (p.36, grifos nossos). Partimos da posição de que, mesmo em um contexto de crescente valorização da informação e da tecnologia, há condições para a manutenção, transição e legitimidade da narrativa como forma de transmissão da experiência, tanto na cultura de forma geral como no contexto da produção do saber universitário. Desse modo, a pesquisa se configura como uma forma de registro da experiência acerca de determinado tema ou fenômeno, através do acolhimento da narrativa que pode ser colhido via depoimento/entrevista.

Também como instrumento de colheita, optamos pelo Diário de Bordo. Tal instrumento possibilitou que as experiências da autora acerca do tema da pesquisa fossem acolhidas. Recorremos, então, a Aun (2005), que compreende o referido instrumento como uma estratégia de

comunicação escrita sobre algo vivido por alguém. Nesse sentido, realiza-se a narração escrita de vestígios da experiência de um profissional na sua relação com outro que a ele (a) se revelou, ou mesmo com algo que experimentou, como: sentimentos, ideias e sentidos. Portanto, fica claro que o diário ultrapassa os limites de um simples relatório descritivo, pois está relacionado à criação de sentidos, uma forma de testemunhar a singularidade da experiência vivida pelo profissional.

O Diário de Bordo possibilitou que a experiência da pesquisadora – desenvolvida durante o primeiro semestre de 2014 em atendimentos clínicos individuais, trabalhos comunitários psicoeducativos, acompanhamentos psicoterápicos e, ainda, em um trabalho de intervenção arteterapêutico em saúde mental com um grupo de mulheres – fossem também tomados para as reflexões deste capítulo. Assim, semelhante ao que Aun (2005) considera a respeito de tal instrumento, foi possível à pesquisadora narrar, comunicar (muitas vezes para si mesma) e assim elaborar a experiência de desenvolver a ação clínica com a presença da linguagem plástica. Segundo Aun “um diário é como um tecer de muitas estórias interligadas. Estórias estas também tecidas por entre outras narrativas.” (p. 18).

Dessa forma, trazer a narrativa da autora, via diário de bordo, tem como objetivo também aproximar-se das narrativas dos pacientes/usuários com os quais ela trabalhou, trazendo sua experiência clínica com o uso da linguagem plástica. Assim:

Diários de Bordo não são apenas possibilidade de restituição da historicidade de uma pesquisa; são, também, o narrar a biografia da experiência de um profissional, na perspectiva de quem comunica como ocorreu o revelar-se do outro a esse profissional/pesquisador (Aun, 2005, p.19).

Tal modo de colheita (entrevistas/depoimentos e Diário de Bordo) intencionou contribuir para uma aproximação do leitor com o tema da pesquisa, de modo que possa sentir-se em contato não só com as reflexões tecidas pela autora como também por uma imersão na experiência do “fazer” clínico das colaboradoras e da autora, que aparecem aqui sob a forma das narrativas.

Passaremos agora a descrever o método de análise – “Analítica do Sentido” – que nos orientou na análise dos depoimentos e do Diário de Bordo, e que nos subsidiou para o diálogo com as reflexões tecidas nos capítulos anteriores.

3.2 A Analítica do Sentido: uma aproximação e interpretação fenomenológica das narrativas

No que diz respeito ao caráter fenomenológico existencial em uma pesquisa, Critelli (1996) afirma que primeiro é importante esclarecer que a Fenomenologia não nasceu como um método, tal como pensado no campo das ciências e técnicas modernas. Surgiu como um

questionamento ao pensamento metafísico, presente na filosofia e na ciência moderna que rejeitavam tudo aquilo que não fosse subordinado à noção de verdade em um sentido restrito de exatidão e, ainda, ao que não fosse passível de ser apreendido pelo sujeito cognoscente.

Desse modo, a fenomenologia foi se esboçando como outra ontologia, ou seja, outro modo de compreender o que já havia sido significado pela metafísica; as noções de homem, mundo, corpo, história, entre outras. A autora pensa que apenas nos familiarizando com outras possíveis formas de dar significado ao ser humano e ao mundo é que conseguiremos enxergar além dos sentidos legados pela tradição ocidental, obviamente, sem pretender negar os frutos deste modo de pensar hegemônico que constituem o horizonte compreensivo de nossa época.

Assim, a partir da inspiração nos estudos do pensamento de Martin Heidegger e Hannah Arendt, Critelli (1996) esboçou e sugeriu, no livro mencionado há pouco, reflexões que encaminham para um modo/caminho de pesquisar que se fundamente na episteme fenomenológica e que dá visibilidade à possibilidade da construção do conhecimento por uma via contra-hegemônica. O método desenvolvido pela referida autora foi por ela denominado de “Analítica do Sentido”, dando realce ao movimento de se dirigir ao real “identificando nele seu caráter de *fenômeno* e não de *objeto*” (p. 9).

Nesse aspecto, esclarece acerca da importância da Fenomenologia para um debate acerca do método de conhecimento, pois tal debate põe em cena questões originárias tais como: **Ser** e **verdade**. E, oferece o que, segundo ela, deveria ser óbvio; a possibilidade de pensarmos que toda interpretação, como todo ponto de vista, constitui-se apenas como uma possibilidade de compreensão. Portanto, a produção do conhecimento e as vias de acesso a este tornam-se plurais, possuindo, ainda, um caráter de provisoriedade, mutabilidade, e relatividade.

Compreendemos então, que implica assumir uma postura que acolhe o reconhecimento de saberes e fazeres diversos; contudo, importa realçar que tal postura não significa cair na atitude simplória de querer substituir um paradigma metafísico por outro. Não significa trocar uma concepção de “verdade” unívoca por outra. A Ciência, a filosofia, a arte, o saber popular tradicional, o saber tácito e de experiência se constituem todos eles como formas de desvelamento do “real”, sendo, inclusive, possível o diálogo entre essas diversas formas de saberes/conhecimentos.

O caráter de relatividade do conhecimento e da “verdade” se impõe como um traço de insegurança que, na perspectiva assumida por Critelli em sua “Analítica do Sentido”, e por nós, nesta pesquisa, remete ao reconhecimento de que o saber possui uma dimensão de transitoriedade semelhante à nossa própria existência. Tal caráter – que tantas vezes foi tomado como importante de ser superado na tradição metafísica e nos postulados cartesianos- – é para nós imprescindível e

constitutivo do modo de se mostrar dos entes e do pensar. Além disso, nos direciona à fluidez da construção do próprio saber, pois a cada vez que um fenômeno é interrogado e uma compreensão se desvela acerca dele, novas possibilidades de compreensão e olhares se abrem:

Assim, a tarefa de se pensar a possibilidade de uma metodologia fenomenológica de conhecimento é, em última instância, uma reflexão sobre o modo humano de ser-no-mundo, inclusive tal como desdobrado na tradição da civilização ocidental. Mais do que ponderar a respeito de instrumentais, o delineamento de uma metodologia de investigação e análise fundada na fenomenologia deverá cuidar do *talhamento de um olhar*. Ao mesmo tempo que intenta moldá-lo, deverá ir despindo-o de um hábito desde há muito invisível (Critelli, 1996, p. 16, grifos da autora)

Após tais reflexões, passamos a explicitar os passos metodológicos de investigação e análise realizadas sobre os fenômenos des-velados a partir de nossas interrogações e interlocuções com as colaboradoras da pesquisa. Esses passos se constituem em cinco fases, a saber: **desvelamento, revelação, testemunho, veracização e autenticação** que constituem o movimento de des-cobrimto dos entes, dos fenômenos da realidade. Tal separação é aqui apresentada em um sentido didático, tendo em vista que não acontece de forma tão linear.

A concepção de investigação se justifica por entender que não basta que um dado fenômeno apenas esteja disponível para ser acessado. Para que chegue à plena existência é importante que aconteça:

Desvelamento:

Todo conhecimento de que hoje se tem ciência, em outro momento esteve velado, pertencendo “ao reino do *nada*, do *oculto*.” (Critelli, 1996, p. 70). Em diferentes épocas e com diferentes pensadores tal condição de ocultamento foi denominada de diversas formas. Os gregos antigos chamavam de deuses a essa dimensão da realidade. Assim, para que o conhecimento acerca de algo possa vir a ser reconhecido e compartilhado, é necessário que, em dado momento, alguém, se interessasse e o “enxergasse”. A autora nos diz que a descoberta da energia ocultada na madeira ou na força das águas, a possibilidade de se fazer justiça através de uma lei e o amor resguardado em um beijo poderiam ser considerados como exemplos de tal perspectiva. Foi necessário, para tanto, que alguém percebesse na madeira, na força da água e no beijo, algo que lá estava, algo que se guardava.

Fica clara, então, a diferença entre essa concepção de deixar vir à luz um saber, em detrimento da concepção corrente de “conceito” e “representação” que são utilizadas em outras formas de pesquisa. Na concepção fenomenológica, a “verdade”, o conhecimento não se encontra por trás daquilo que é investigado, mas no que se investiga, está entremeadado, incrustado nele.

Contudo, tal verdade possui muitas faces, muitas possibilidades de compreensão, impossíveis de se mostrarem de uma só vez.

Desse modo, consideramos que estaria situada nesta fase a interrogação, já mencionada, que nos lançou em um movimento de mergulho pela busca de sentidos para a pesquisa: como se dá a presença da linguagem plástica na ação clínica sob um viés fenomenológico existencial? Como a linguagem pode contribuir para tal ação? Na experiência da autora desta pesquisa, já se encontrava um conhecimento pré-reflexivo acerca deste saber, contudo, foi necessário avançar rumo ao que ainda não estava “tematizado”, ao que não estava iluminado, mas já presente em sua prática. Foi necessário, assim, acolher o fenômeno e abrir-se para outras possibilidades reflexivas para além do seu próprio horizonte compreensivo. Sigamos, portanto, as demais fases a fim de melhor entendermos tal processo.

Revelação:

A fase de revelação se interpenetra com a anterior, pois a revelação é condição para que o fenômeno possa se desvelar. No que diz respeito à pesquisa, a linguagem se faz fundamental para que um fenômeno possa se mostrar. Realçamos que a linguagem não está ligada apenas à fala. Segundo Critelli (1996, p. 74) “coisa alguma chega realmente a ser se não é recriada através da Fala (sons, gestos, grafismos...). Para o homem, aquilo de que não se fala simplesmente não existe.”. Tal compreensão encontra-se afinada com reflexões tecidas no capítulo anterior acerca da dimensão da linguagem, como refletida por Heidegger. Do mesmo modo, Critelli (p. 74) se refere à compreensão desse pensador de que “a linguagem é a casa do ser”, como também em Merleau-Ponty que considerava que “a palavra é o duplo do ser”.

A autora nos conduz, ainda, por uma viagem para pensarmos como nos relatos míticos o gesto da criação costuma se relacionar à palavra, assim como para muitos a escolha do nome de um novo ser humano se traduz como um cuidado em dizer algo significativo sobre quem ele (a) será. E ainda alerta para a importância dos nexos argumentativos e das teorias. Em todos esses exemplos há o cuidado de dar visibilidade ao aparecimento de algo importante.

Isso reflete, também que, certamente, a tangibilidade de uma descoberta é possibilitada pela linguagem, pois quando uma compreensão alcança desvelamento, seja em que tempo e lugar for, se não há **comunicação**, nem **registro**, esta não poderá ser conservada e compartilhada. Nessa via indica a importância da pesquisa em debruçar-se na linguagem, na comunicação de sentidos como forma de delinear o conhecimento acerca de algo.

Portanto, nessa metodologia de pesquisa, importa que a construção do conhecimento se dê via interpretação e registro acerca de dado fenômeno que se mostrou. Em tal perspectiva,

assume-se que tal construção acontece no âmbito da existência – ao invés apenas do crivo da dimensão racional, em que o conceito seria a forma de apreensão e comprovação lógica acerca da realidade (Critelli, 1996).

Nessa direção, privilegiamos a narrativa como especial forma de revelação da experiência das colaboradoras da pesquisa. Entretanto, não nos deteremos agora nessa questão, tendo em vista que já foi abordada anteriormente, quando discutimos acerca dos instrumentos utilizados na pesquisa.

Testemunho:

Através do testemunho se faz importante ponto de cruzamento das linhas que compõem a tessitura da realidade e do conhecimento investigado. Isso porque a revelação de um conhecimento ao acontecer pela e na linguagem necessita de outro que atue como testemunha, garantindo, assim, o entrecimento, o nascer de um novo saber e abertura para este, para o outro, para a coexistência. Não existe um saber em si mesmo, não existem pessoas em si mesmas capazes de revelarem sozinhas um saber. É necessária a coexistência para que possa vir a emergir uma *trama significativa comum*.

Aquele que testemunha oferece realidade ao que é desvelado, como também instaura novo espaço de abertura para que possam surgir novas possibilidades compreensivas. Assim, percebemos que se torna possível a **conservação** e a **transmissão** através do saber, da mesma forma que nossa própria existência se faz no-mundo-com-os-outros. Destacamos ainda que:

Ao movimento que estamos enfocando, todos os elementos que entram em cena estão sujeitados inexoravelmente, inclusive o próprio testemunho, ao *tempo*, à *duração*, entre os pares do caso específico, do que está em questão. O que for velozmente substituído, ou *aparecer* uma única vez, está fadado a não chegar a ter realidade, a não ser reconhecido como algo que se deu, esteve aí, apresentou-se, apareceu. Porque o eu não testemunha nada para si mesmo desde si mesmo, a realidade de tudo depende fundamentalmente do outro. O testemunho não é apenas um ver e ouvir, mas sua função primordial é abrir e fechar espaço, na existência, para as coisas, para as pessoas, para os modos e alternativas de se viver. (Critelli, 1996, p. 82).

Assim, no que tange à pesquisa a interlocução entre pesquisadora e colaboradora se fez importante no sentido de acolher suas experiências e testemunhar outras possibilidades de sentido acerca da experiência em questão. Nesse caso, Critelli enfatiza que o testemunho se dá também através da circulação e duração de que, aquilo que foi desvelado como tema possa tornar-se “assunto” entre indivíduos.

Veracização:

Nesta etapa, considera-se que tudo que vem à luz para ser compreendido como “verdadeiro” necessita de uma autorização e, para tal, comumente utilizam-se critérios e referências. Nas diferentes áreas do conhecimento: da política e mesmo das relações sociais há a diversidade de critérios que reconhecem ou não um dado saber como “verdadeiro. Segundo Critelli, a linguagem em suas diferentes manifestações – como os discursos e argumentações, por exemplo – seria o “modo mais plenamente humano” de alcançar tal veracização. Contudo, lembra-nos que por vezes há a subversão de tal forma e a força e a violência tomam espaço em busca do desejado reconhecimento.

Destarte, insere outro elemento, que também tomamos como critério, para pensar sobre a importância de um dado saber; a **relevância pública de algo**. Para Critelli, este se faz um ponto crucial para pensar a questão, a importância de tal critério se mostra quando lembramos que ele ocupou, por muito tempo, os problemas pensados pela Filosofia. Entretanto, indica que na perspectiva fenomenológica tal critério ganha vida sob assunção de que sua origem não é conceitual, é existencial, uma vez que se fundamenta na ontologia humana.

Autenticação:

Para Critelli (1996), tal etapa, diferente do “testemunho” e da “veracização”, não se dá pela relação com o outro. Aqui, temos que uma compreensão para ganhar consistência necessita ser acolhida na trama de sentido de cada pessoa que “acessa” o que foi revelado. Tal concepção de pesquisa considera que essa experiência passa mais pelo crivo da emoção do que da razão. Percebemos, então, uma concepção que diverge do modo de pensar aristotélico em que “quanto mais universal for um conceito, mais científico e, portanto, mais verdadeiro ele será” (p. 91). Esse modo de pensar, que orienta hegemonicamente o pensamento científico até nossos dias, guarda em si uma percepção de que a valorização do indivíduo pode pôr em cheque a fidedignidade do conhecimento. Tal concepção indica lastros do pensamento racionalista para o qual a Razão impessoal seria o ápice do movimento de realização da verdade.

Critelli (1996), apoiada nas considerações de Arendt, demonstra como a fenomenologia empreendeu um trabalho inverso ao da tradição metafísica/racionalista, pois buscou a superação dos idealismos, da universalidade. Baseada em Heidegger (1927/ 1974), Critelli dá relevância à dimensão da singularidade de cada ser humano em relação com o mundo; para tal, destaca a noção dos **estados de ânimo** para ressaltar como o conhecimento e a compreensão não se dão com a suspensão das sensações e emoções, como pensado na tradição cartesiana. Destaca, assim, a **mundaneidade** como o que revela nossa mais primordial qualidade existencial. Para ela:

As emoções falam de coisas diferentes e, às vezes, até contraditórias em relação àquelas do pensamento. Nossas emoções revelam o nosso mais efetivo envolvimento e entendimento de nossa situação no mundo (Critelli, 1996, p. 94).

Baseada nesses referenciais, a autora fundamenta que a metodologia por ela pensada busca contribuir para uma Analítica do Sentido, e não apenas para conhecimentos baseados em explicações lógico-conceituais. Tal proposta se mostra como alternativa importante para o campo das pesquisas em ciências humanas e saúde, que buscam ir além da explicação dos fenômenos, na medida em que pretendem veracizar e autenticar conhecimentos que tenham implicações e relevância efetivas para a prática profissional. Assim, a partir da perspectiva metodológica apresentada, buscamos contribuir para uma aproximação com as experiências das colaboradoras sobre a ação clínica com um olhar fenomenológico existencial e com a presença da linguagem plástica. É sobre isso que discorreremos no capítulo a seguir.

4. A EXPERIÊNCIA DE PSICÓLOGAS CLÍNICAS ENTREMEADA PELA LINGUAGEM PLÁSTICA

Neste capítulo, a fim de realizar uma aproximação com as experiências das colaboradoras, reproduziremos trechos de suas narrativas durante as entrevistas, também reproduziremos trechos do Diário de Bordo da autora da pesquisa. Ao mesmo tempo, teceremos possibilidades compreensivas a respeito dos sentidos desvelados a partir de tais experiências narradas, dialogando com as perspectivas teóricas desenvolvidas nos capítulos anteriores.

Com o objetivo de resguardar suas identidades, conforme acordado em Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, utilizaremos nomes fictícios para cada colaboradora. A escolha dos nomes se deu tomando como inspiração o romance “Eva Luna” (1987/2008) da escritora chilena Isabel Allende. Este romance, que carrega no título o nome de sua protagonista, possui uma trama contagiante. Seu enredo se passa durante um período histórico controverso sobre o qual a autora consegue enlaçar com maestria o destino coletivo e individual, pois ao interligar o contexto histórico – enfatizando a disputa entre capitalistas e comunistas, a imigração de estrangeiros após a II Guerra Mundial, e ao destacar o cenário das ditaduras militares no país – a romancista não deixa de abordar questões humanas em suas várias facetas (dor, amor, trabalho, sonho, abandono, criatividade, violência, superação, coragem, entre outros), desvelando-as sob o olhar dos personagens com um estilo cheio de poesia.

Assim, em meio às adversidades, seus personagens conseguem imprimir cor e criatividade a seus destinos. Os personagens, em diálogo com outros tantos que compõem a trama, acabam se constituindo como narradores do próprio romance, autores de suas próprias narrativas/vidas. Inspirada em tal livro, denominei uma das colaboradoras da pesquisa de **Consuelo** em alusão à mãe da personagem Eva Luna, que a descreve como uma mulher que:

Passou a infância numa região encantada, onde durante séculos os aventureiros têm procurado a cidade de ouro puro que os conquistadores viram quando espreitavam os abismos da sua própria ambição. Ficou marcada pela paisagem e, de certa maneira, incutiu-me essa marca. (Allende, 1987/2008, p. 9)

As demais colaboradoras serão chamadas de **Eva** e **Luna** em alusão à protagonista do romance, recorrendo a um artifício de separar o nome da protagonista. Ainda sobre o efeito da trama desenvolvida no romance, consideramos tal escolha pertinente já que estas tiveram contato com a primeira colaboradora (Consuelo), que exerceu a função de formadora, influenciando-as no trabalho com a linguagem plástica na ação clínica e com a perspectiva fenomenológica existencial.

Consuelo e Eva Luna, na trama do romance, carregam a simbologia do feminino, da criatividade, da vida que surge em meio às adversidades, da felicidade que se constrói à custa da “insistência”, da beleza percebida nos detalhes e que, para tantos, passa despercebida. Consuelo, com uma força e capacidade de criação incrível foge dos padrões, ousa ir além e dá vida a Eva Luna.

Por sua vez, Eva Luna descobre sua exuberante capacidade imaginativa que, tecida a fatos, lembranças e sonhos transforma-se em contos e em uma encantadora forma de lidar com a perda da mãe, com a pobreza e as dificuldades de ser mulher em tempos de abruptas vicissitudes e lutas. Aventureira, pelas circunstâncias da vida, constrói laços, vive amores, experimentando de forma singular questões que circundam a humanidade desde há muito tempo. No romance, a protagonista/narradora assim se define:

Chamo-me Eva Luna, que quer dizer vida (...) Nasci no quarto dos fundos de uma casa sombria e cresci entre móveis antigos, livros em latim e múmias humanas, mas isso não me tornou melancólica, porque vim ao mundo com um sopro de selva na memória (Allende, 1987/2008, p. 9).

Seu segundo nome e sua personalidade expressam, ainda, sua dimensão lunar, observadora e introspectiva que gesta o mistério, a paciência e o sonho.

Cabe destacar que tais simbolismos convergem em direção à experiência das colaboradoras da pesquisa se consideramos que desenvolvem a ação clínica como uma construção criativa que acolhe a dor e o sonho daqueles que demandam cuidados e que buscam, eles próprios, cuidar de suas caminhadas, além de romperem com uma lógica cartesiana no modo de pensar e fazer ciência.

Desse modo, estamos destacando a relevância da atuação das colaboradoras da pesquisa que, como psicólogas/professoras/supervisoras, desenvolvem um trabalho que diverge da tradição puramente técnica e valoriza a experiência dos pacientes e a construção de narrativas (orais e/ou imagéticas) como fundamental para o trabalho clínico enquanto espaço de encontro vívido e acolhedor para a construção de sentidos e elaboração de experiências.

Chegamos, assim, a um entrelaçamento entre nossa proposta metodológica, a narrativa da pesquisadora e das colaboradoras, como também da ação clínica e de pesquisa. É nesse ritmo que trazemos à cena os depoimentos das colaboradoras e da pesquisadora, compondo o conhecimento produzido nesta dissertação, semelhante à descrição feita pela protagonista do romance de Isabel Allende que, em um diálogo com outro personagem da trama, define sua própria vida/experiência e seu “ofício” como contadora de histórias e escritora da seguinte forma:

_ (...) Deixe-me dizer-lhe a propósito que admiro o seu trabalho. Como o faz? Como escreve, quero eu dizer.

_ Faço o que posso... A realidade é um enredo, nunca chegamos a medi-la ou a decifrá-la, porque tudo acontece ao mesmo tempo. Enquanto você e eu estamos aqui, nas suas costas Cristovão Colombo está a inventar a América e esses mesmos índios que o recebem no vidro da janela estão ainda nus na selva, a poucas horas deste escritório e continuarão a estar assim durante cem anos. Eu faço por abrir caminho neste labirinto, por pôr um pouco de ordem em tanto caos, por tornar a existência mais tolerável. Quando escrevo conto a vida como eu gostava que ela fosse.

_ De onde tiras as idéias?

_ Das coisas que se passam e de outras que se passaram antes de eu nascer, dos jornais, do que dizem as pessoas. (p. 312).

Portanto, a escolha por nomear as colaboradoras como **Consuelo** (que terá seu depoimento transcrito na cor “vermelha” e com “fonte” Comic Sans MS), **Eva** (que terá seu depoimento transcrito na cor “verde-água” e com “fonte” Times New Roman) e **Luna** (que terá seu depoimento transcrito na cor “cinza” e com “fonte” Georgia), retirados do livro da escritora chilena, representa a riqueza da trama que aproximamos da também fértil experiência clínica daquelas que se propuseram a compartilhar conosco sobre seus ofícios. A narrativa da **autora/pesquisadora/entrevistadora** da pesquisa, provindo do seu diário de bordo será aqui transcrito com a cor **violeta** (com “fonte” Courier New). Pedimos licença para que a autora possa, a partir de então, assumir uma linguagem mais pessoal ao tecer interlocuções com as narrativas que serão apresentadas.

4.1 Análise da Experiência de Psicólogas que Trabalham com a Linguagem Plástica em suas Práticas Clínicas: tecendo possibilidades compreensivas a partir da fenomenologia existencial

As colaboradoras iniciaram seus depoimentos descrevendo um pouco dos percursos que trilharam como psicólogas e como foram tomando forma suas práticas clínicas com a presença da linguagem plástica. Nesse sentido, narraram uma rica diversidade dos modos de “agir” com esta linguagem que se traduz em algumas modalidades de práticas. Também pude ir percebendo em suas falas como essa linguagem pode agregar para a própria ação clínica, de modo que suas compreensões acerca de tal ação se encontram, de fato, intrinsecamente ligadas ao trabalho plástico.

Os depoimentos que seguem revelam tais considerações, como também um contato, uma experiência pessoal com tal linguagem que foi importante para o processo formativo clínico, contribuindo ainda, para um modo diferenciado de perceber a si e ao mundo. Nessa direção, o

relato de **Eva** expressa bem essas questões, como também se aproxima da minha experiência como psicóloga:

Acho que eu vou começar a falar um pouco como é que eu cheguei (...) nessas linguagens. Desde a graduação, eu fiz o estágio de oficinas de criatividade e plantão psicológico e atendimento na abordagem fenomenológica, então, psicoterapia. Então, desde a graduação, eu venho aproximando esse modo de pensar. E as oficinas eu lembro que na época todos os meus supervisores eram da fenomenologia existencial, é (:) a oficina foi um encontro muito interessante pra mim porque eu não achava que era possível, até aquele momento, fazer psicologia se não fosse pela fala. E (:) na medida em que eu pude vivenciar uma oficina, eu fiquei um ano no estágio, no dia que eu pude vivenciar uma oficina aí eu descobri o que significava a arte pra, na oficina, o que significa fazer prática psicológica com recursos expressivos. (...) eles têm um potencial de transformação que me marcou muito. E foi muito relevante para o modo de (...) a minha transformação (...) neste último ano do curso. Então o modo como eu fui trabalhando as outras áreas de estágio também foram ganhando um novo contorno.

É engraçado que não foi uma escolha clara, assim, “eu vou fazer isso”. Os meus caminhos foram me levando pra essa aproximação com os recursos expressivos. Era ali que eu encontrava o meu entendimento que era possível trabalhar com psicologia.

E hoje eu trabalho muito com a arte, com os recursos expressivos. No consultório um pouco, ele vira um convite porque eu não sei mais ficar sem eles.

(risos) [eu estava pensando o mesmo, sabia? Eu estava pensando, mas vai] (Entrevistadora/pesquisadora).

(risos) [não fa/] não faço ideia de como fazer de outra maneira, mas eu fico/ eu tenho muito (:) a maior parte do meu trabalho está nas supervisões com as oficinas, os trabalhos com os grupos, a formação dos alunos e então eu tenho me apropriado cada vez mais da experiência/ desse modo de experienciar.

Também no relato de **Consuelo** tal dimensão se faz presente:

Eu sempre pensei isso também que a conversa é um recurso limitado, ele é limitado pela racionalidade, ele é limitado pela racionalidade basicamente, é uma coisa que você tem um controle maior, apesar de todos os esforços da psicologia pra conseguir fazer uma leitura pra além dessa fala explícita. Descobrir as coisas latentes, digamos assim. Eu acho que até que por experiência própria, eu tenho uma experiência, uma resposta muito rápida e muito aberta e sempre me pega de surpresa o uso de qualquer outro recurso que não seja o verbal, tanto o corporal, quer dizer, a pessoa tem acesso a minha parte afetiva com muito mais facilidade se usa recursos corporais ou expressivos de algum tipo, do que conversando.

E também tem isso, quer dizer, eu tive uma formação em dança e também, assim, eu fiz sete anos de formação em terapia corporal, eu achava que ia fazer isso na vida.

E acabei desistindo dessa prática, continuei com a prática verbal e aí eu fui trabalhar com crianças superdotadas, que é isso que eu faço hoje, e a partir disso foi que eu comecei a focalizar muito a questão da criatividade pra desenvolver mais essas crianças, pra poder achar recursos, e foi aí que eu comecei a trabalhar com as oficinas, primeiro eu comecei a trabalhar com elas e daí, na escola, e aí eu comecei a usar as mesmas oficinas pra trabalhar com os professores, psicólogos e seja lá quem fosse, com os adultos que fossem trabalhar com elas e fui ficando cada vez mais surpresa com os resultados disso. E aí eu acabei estudando e desenvolvendo uma prática que é a coisa das oficinas de criatividade que é uma coisa que é diferente da arteterapia, é diferente da clínica, como se diz, da Nise (se referindo a Nise da Silveira) e tal. É outra coisa.

Para Luna, a experiência foi se configurando inicialmente através de uma formação em arteterapia e, posteriormente, com a formação em fenomenologia na graduação de Psicologia e o contato com a modalidade das Oficinas de Criatividade. Esse percurso lhe possibilitou uma rica percepção do potencial e pluralidade dessa linguagem como uma gradativa mudança dos modos de compreensão dos fenômenos psicológicos ao aproximar-se da fenomenologia existencial e de diferentes formas de desenvolver a ação clínica:

De onde é que começa minha experiência? Desse curso que eu fiz na Inglaterra, eu fui treinada pra fazer uma compreensão do movimento corporal, a partir de uma teoria fenomenológica, e a partir de uma teoria psicanalítica, e a terceira parte, era um tripé, era a experiência muito forte, cotidiana, profunda, do próprio movimento corporal pra que esse movimento pudesse ser usado como ferramenta de acesso de comunicação com a clientela que você estaria atendendo (...) e a utilidade desse trabalho lá é o fato de ter uma clientela grande que não tem o uso da palavra na terapia, casos graves de psicose, crianças com deficiências grandes. Das pessoas que precisam de apoio psicológico e não têm o uso da palavra de forma suficiente, fazem um uso muito rico do corpo como forma de se expressar. Da mesma forma que devem/ que fazem também dos recursos plásticos (...) então é isso, então passou aí ao lado dessa trajetória também por um contato forte com as artes visuais, plásticas e de todas as formas. Então a formação de base foi essa, além disso, lá eu estudei dinâmica de grupo, terapia com dinâmica de grupo que é uma coisa que complementava minha formação. Aí vim para o Brasil fazer o curso de psicologia aqui, porque eu não teria muito como me inserir no mercado de trabalho sem ser psicóloga, eu era formada em outra área sem ser psicologia.

Então, passei pelo curso. Nesse curso, eu conheci as Oficinas de Criatividade. Daí onde eu vi uma diferença central assim.

Quando eu fui me expor a esse trabalho como aluna eu imaginava que pelo fato de ter uma consigna dada e de ser um trabalho estruturado, de tempo limitado, eu pensava que ia ser uma coisa mais superficial, enquanto um trabalho aberto, psicodinâmico, longo. E eu acho que me enganei, não é? É um trabalho que traz possibilidades muito, muito grandes de um jeito muito diferente. Porque ele olha mais pra história de vida, pros aspectos mais práticos, mais concretos na vivência de cada um, mas ele abre a possibilidade das pessoas confrontarem as maneiras delas agirem no mundo de uma maneira muito imediata, elas estão sendo observadas, estão observando, os grupos reagem às pessoas, não é! E tendo uma sensibilidade para conduzir um processo desses com um grupo você consegue tirar, é (...) muitas coisas muito importantes. As pessoas chegam a conclusões sobre elas mesmas que a gente até se surpreende. Então é uma abordagem muito diferente, e é com essa que eu trabalho hoje.

Tais narrativas se aproximam das minhas primeiras experiências na Psicologia, como descrevi um pouco na introdução deste trabalho, quando pude como estagiária desenvolver trabalhos psicoeducativos em escolas e ambientes educacionais não formais. E quando já como psicóloga, em um Centro de Referência de Assistência Social, desenvolvi trabalhos educativos e reflexivos em grupos de convivência com mulheres, idosos e adolescentes. Em outros momentos, como no acompanhamento de famílias com crianças em situação de abandono familiar e social, e acolhimento institucional, tive a oportunidade de trabalhar com reuniões de apoio às famílias e desenvolver momentos de atenção e escuta às crianças em acolhimento sempre lançando mão de materiais expressivos.

Pela minha própria admiração em relação às artes plásticas e às diferentes linguagens artísticas que “falam” com tanta maestria sobre os enigmas do viver, fui sentindo vontade desde a graduação de trabalhar com linguagens que possibilitassem formas de expressão para as pessoas acerca das suas dores, angústias, alegrias e sonhos. E fui descobrindo pouco a pouco a riqueza da linguagem plástica em contextos clínicos.

Inicialmente, a questão que salta aos olhos é que, em todas as experiências compartilhadas, tal linguagem foi inserida na ação clínica a partir da necessidade de construir outro olhar a respeito da prática psicológica, olhar este comprometido em acolher e compreender os fenômenos se desvelando nas especificidades/singularidades da experiência dos sujeitos.

Isso implica dizer que o trabalho clínico de aproximação com os diversos fenômenos acolhidos não seria referenciado apenas pela primazia com os pressupostos teóricos da Psicologia. Pois em uma perspectiva fenomenológica existencial a ação clínica se situa em uma abertura na qual a compreensão e interpretação dos fenômenos psicológicos não se dão apenas a partir de modelos teóricos formulados a priori, que norteariam a intervenção clínica.

Embora o conhecimento acumulado no campo da própria ciência psicológica seja importante, não pode reduzir os fenômenos sujeitando-os a compreensões já elaboradas. Antes, tais

elaborações devem se mostrar como um recurso a mais que esteja à disposição como referência e suporte para a reflexão crítica do que se desenrola no processo do encontro clínico, entretanto, são a experiência e os fenômenos trazidos pela pessoa que demanda cuidado que deve conduzir às teorias, a partir da confluência entre o saber já elaborado e a dimensão ética e estética da construção de sentidos entre clínico e cliente/usuário.

As experiências narradas assinalam, assim, a valorização do contato com o horizonte compreensivo dos clientes/usuários, que é possibilitado e privilegiado pelo trabalho com a expressão plástica e um trabalho reflexivo a partir de tal experiência que contribuem para uma ampliação da experiência com a própria linguagem e o modo de estar-no-mundo.

Desse modo, trago agora um trecho do meu Diário de Bordo:

Entre tantas tentativas minhas de explicar a experiência de clinicar com o recurso da expressão plástica, poética, o que me é mais significativo é a força da produção plástica, pois ela por si só já expressa muito de quem a produz. Para uma melhor compreensão disso, remeto-me à linguagem poética trazendo uma historieta chamada "A função da arte/1" da obra "O livro dos abraços" de Eduardo Galeano, que assim diz: "Diego não conhecia o mar. O pai, Santiago Kovadloff, levou-o para que descobrisse o mar. Viajaram para o Sul. Ele, o mar, estava do outro lado das dunas altas, esperando. Quando o menino e o pai enfim alcançaram aquelas alturas de areia, depois de muito caminhar, o mar estava na frente de seus olhos. E foi tanta a imensidão do mar, e tanto fulgor, que o menino ficou mudo de beleza. E quando finalmente conseguiu falar, tremendo, gaguejando, pediu ao pai: *Me ajuda a olhar!*". Com esse recorte poético, quero ilustrar que a produção plástica em um processo clínico funciona para a pessoa, na minha compreensão, semelhante à descoberta do mar para o menino. Sua força simbólica e imagética é "apreendida" na "contemplação", a compreensão racional é também importante, mas muitas vezes o que percebo no processo é que os sentimentos, emoções, sensações se doam como 'material' básico sobre o qual é necessário olhar, demorar-se, pensar.

Nesse sentido, a ação clínica se apresenta como um processo de mergulho na experiência. Utilizando a metáfora do encontro do menino com o mar, tal ação pode ser pensada como um trilhar caminhos pela própria experiência (a viagem ao Sul, a caminhada por passagens íngremes como as dunas na história) na intenção de alcançar uma dada compreensão (a contemplação, descoberta do mar), transformação acerca de alguma questão da própria existência e des-coberta, des-velamento de si. Muitas vezes, em situações limites, a experiência da pessoa parece esgotar, transbordar as capacidades de doação de sentido até então exploradas e, como na

viagem do menino, busca-se ajuda para melhor compreendê-la. No entanto, as possibilidades de construção de outros sentidos já se mostram presentes, sendo o cuidado antecipador- aquecido e trabalhado na relação clínica- uma possibilidade para a apropriação e elaboração de outras faces da experiência, ainda não desveladas.

Importa ressaltar que não é possível a nós, como clínicos, lançar o outro no lugar de compreensão e transformação de si e do mundo. A caminhada “se faz junto”, ampliando as possibilidades de reflexão e contato com a própria experiência, oferecendo suporte, mas o engajamento na construção de sentidos e transformações advindas daí são experienciadas singularmente. Por isso, a ampliação da expressão e de experiência com a linguagem é imprescindível nesse processo.

Nessa via, revelam-se diversas questões, como a multiplicidade possível no que diz respeito às formas como tal linguagem se apresenta em diferentes demandas e contextos e diversos modos de “fazer” clínica. Entendimento este sintonizado com aquela perspectiva já trabalhada no capítulo anterior, tal qual apontou Figueiredo (1995), de que a clínica não se restringe a um dado campo de efetuação, tal qual tradicionalmente foi pensado o *setting*, corresponde mais a um modo de acolher e ouvir aquilo que parece não “caber” nas palavras, tem mais a ver com um *ethos*, ou seja, um modo de estar com o outro, atento para as possibilidades de sentido que são tecidas nesta relação. Tal compreensão também pode ser encontrada na fala de **Consuelo** quando narra o que compreende sobre a “função” do (a) psicólogo (a):

Eu acho que nós temos como função (...) estar junto com as pessoas. No sentido de um pouco desentranhar da experiência delas os momentos que estão mais difíceis, ou que estão gerando sofrimento, ou mesmo não, não é?

Frente a essa compreensão sobre a ação clínica surge a indagação “como seria possível contribuir para um desentranhar, ou desabrochar, da experiência de outrem que demanda cuidado?”, vale seguir as pistas já dadas nas narrativas para melhor pensar a questão, ampliando, inclusive, o entendimento sobre a ação clínica, que pode se apresentar também em uma intervenção psicoeducativa, entre outras possibilidades, que refletirei mais adiante. Contudo, os relatos de **Consuelo**, **Luna** e **Eva**, como também minha experiência, trazem ideias que podem colaborar para refletir sobre tal questão, revelando-se como a tradução na experiência do que já havia sido discutido sobre a questão do cuidado antecipativo, como também sobre a relevância da elaboração e ampliação das experiências e do horizonte compreensivo.

Importa, ainda, ressaltar a possibilidade da expressão plástica favorecer a **dimensão psicoeducativa**. As propostas com essa orientação dizem respeito ao desenvolvimento de trabalhos com uma ação focada sem perder de vista o acolhimento à singularidade da experiência de ser-no-mundo das pessoas. Nesse caso, as narrativas apontam para as características desse tipo de trabalho, que no caso das colaboradoras é desenvolvida através da modalidade das Oficinas de Criatividade e Grupos Reflexivos:

Bom, mas então é isso, quer dizer, retomando, eu não tenho, nunca tive, tive por um curtíssimo período de tempo, uma prática clínica tradicional de consultório.

Quer dizer, eu sempre me dediquei muito mais a um trabalho preventivo ou psicoeducativo.

*É uma outra coisa, e uma coisa mais direcionada, uma coisa mais com prazo de validade, vamos dizer, que você não fica fazendo para sempre. É um **deflagrador de experiências** para que a pessoa possa refletir sobre a própria vida dela, e é uma coisa que, pelo menos na minha experiência, não dá pra ficar fazendo durante muito tempo porque a surpresa é um elemento fundamental dessa prática. ... são propostas que pegam as pessoas muito de surpresa, essa desestruturação momentânea ... é o que induz a pessoa a representar coisas que estão fora do racional. Então aí ela escorrega para dentro desse pré-reflexivo representando coisas que nem ela sabe muito bem o que é que são no momento que ela tá fazendo, depois que ela concluiu esse trabalho ela volta pro grupo e tem uma oportunidade de olhar pra isso e das outras pessoas também olharem e cada um fala do seu, comenta e aí tem essa importância das trocas nos grupos. As pessoas aprenderem com as outras, se surpreenderem com o que fizeram, que também é um trabalho muito rico.*

Realço, portanto, que entra em cena a possibilidade de realizar uma ação clínica focalizada, com caráter educativo, na medida em que objetiva refletir com as pessoas acerca de questões/temas que possam ser importantes para elas. Educativo no sentido de que tais temas podem se constituir como questões que precisam ser elaboradas, ampliando a compreensão sobre modos de ser e lidar com desafios, vislumbrando novos horizontes, valorizando o repertório de experiências dos indivíduos, grupos, famílias e, ainda, a troca de experiências entre as pessoas. Também na experiência de [Eva](#) há indicações das possibilidades de como se desenvolver uma modalidade psicoeducativa nesta perspectiva:

Participava dos grupos reflexivos com mães de uma creche numa comunidade carente, e lá a gente fazia também o uso de recursos expressivos. Lá a gente

trabalhava muito também com dramatização, com colagem como forma de acesso à experiência de vida. E era o entendimento de que quanto mais a gente oferecesse experiências, recursos pra que as pessoas pudessem falar sobre si, mais apropriada aquela fala vai ficando. E também a gente percebia que de um encontro para outro era incrível, também essas mudanças que elas (...), o modo como essas mães iam falar sobre educação de filhos, sobre os dilemas da educação: bater ou não bater, de dar tapinha. Eram temas específicos que, através dos recursos expressivos, a gente trazia pra uma reflexão do lugar que era o ser mãe, as dificuldades, o que era ser mãe naquela comunidade, das relações com a escola.

Os relatos desvelam, ainda, uma ação clínica voltada para **contextos comunitários, institucionais, educacionais** onde a linguagem plástica está presente de modo a contribuir para abordar fenômenos que se apresentam nas situações da vida social, trabalhando e pensando coletivamente as dificuldades, desafios e potencialidades dos grupos que “pertencem” a tais espaços:

Tu sabes que eu estava lembrando que, além desses trabalhos com as oficinas, e, como falei, no consultório também, eu ainda continuo trabalhando com psicologia comunitária. E na psicologia comunitária usar também recursos expressivos é uma necessidade, eu não consigo pensar um grupo de discussão, de articulação entre instituições pra criação de rede de apoio, de assistência social se não for retomando com eles a criação da própria história. Então, trabalhar com imagem de linha do tempo, com as fotos, de novo o recurso expressivo ele se revela. Essa linguagem que você fala, ela se revela de fundamental importância, assim, pro trabalho psicológico.

Pesquisadora/entrevistadora:

Porque vai pra singularidade e aí nestes contextos vai para o campo político, da vivência mesmo em comunidade, mas sem perder de vista como as pessoas vivenciam isso.

Eva:

Isso. E na medida em que eu falo dessas singularidades eu estou revelando essa pluralidade desses locais e vou trazendo as marcas que significa morar nessa comunidade

Tal modo de trabalhar convoca para a dimensão existencial de ser-com-outro, em que a existência é indissociável da presença do outro e a construção do mundo também, ao valorizar espaços de reflexão convoca e valoriza uma das características mais radicais da existência que é a indissociabilidade entre ser e pensar.

Nessa direção, tal forma de expressão pode contribuir para elaboração de sentidos na construção de projetos comunitários e de convivência, na medida em que as pessoas podem compartilhar suas necessidades pela via da linguagem que leva à reflexão e ação ao trabalharem com a **imagem que constroem dessa comunidade**, e juntos podem refletir o **que falta, como fazer**. **Pensar a articulação a partir dos recursos expressivos tem outra dimensão também, abre para outro**

modo das pessoas acessarem porque não é mais o outro que faz, “porque é assim porque sempre foi”, conduzindo-as a se implicarem e **reconhecem, se descobrem podendo fazer mais coisas. E ... aquele que não tem a palavra descobre que ele não só tem a palavra, como ele é linguagem.**

Acolhe, então, a finitude e a dor que constituem a experiência de estar lançado no mundo, muitas vezes em situação de exclusão e vulnerabilidade, mas também desperta a dimensão da liberdade que cada pessoa e grupo dispõem ao pensar sobre si e atentar para a possibilidade de **habitar o mundo criativamente como um ser-construtor da realidade.**

Verificamos, assim, que **a expressão plástica pode servir como uma espécie de mediador reflexivo** sobre os temas trabalhados durante o trabalho clínico (seja ele de caráter educativo, comunitário ou psicoterápico), uma forma de entrar em contato com a dimensão afetiva, imaginativa, possibilitando à pessoa **essa capacidade de diálogo consigo mesmo. Quando uma pessoa olha uma produção e diz “nossa, nem eu mesmo sei por que eu fiz isso aqui”, ela está conversando com ela mesma. Acho muito rico usar um recurso que não é o verbal e sair desta convergência, da resposta única, da relação de causa e efeito.**

Há então um desdobrar-se de uma compreensão que já se mostrava de forma embrionária através da experiência, do humor, dos sintomas, dos conflitos pessoais ou familiares. Desse modo, tal linguagem desvela uma possibilidade de linguagem, de narrativa e discursos tais como também o são a fala, o silêncio, a escuta. Assim, em cores e formas é possível **trazer à tona esta experiência, esse vivido que pode ganhar diferentes nomes e interpretações, mas quando a gente tira a bengala da racionalidade o que fica é a experiência, aquilo que foi tocado e aquilo que merece ser cuidado. Merece ser ouvido e, então, abre-se a possibilidade da resignificação para a transformação.**

Assim, a linguagem toma forma mais aberta pela possibilidade de ser experienciada para além de uma função instrumental, seja pela fala ou pela própria linguagem plástica, o que acontece é a oportunidade de uma ampliação da experiência com a própria linguagem que, nessa direção, alcança o sentido de *poiésis* ao abrir para a dimensão estética e sua dimensão existencial de poder re-velar os modos de agir, as escolhas, os desejos, os sonhos, o sofrimento, a trama de sentidos que o próprio modo de ser foi tecendo.

Toma forma ampla por ser ela mesma uma via de desabrochar e deflagrar a experiência das pessoas/grupos com o mundo: através do corpo, da sua espacialidade, da sua temporalidade e historicidade, revelando e convocando ao cuidado desse existir, deste modo, pode contribuir com o enriquecimento da própria existência. Também, nesse mesmo horizonte **Eva** se remete a uma experiência para melhor ilustrar como acontece este processo:

Têm experiências que não dão pra pôr em palavras ainda, primeiro é preciso ver onde ela “pega”, onde é que ela encosta para depois dar um nome. É bonito ver a transformação dos participantes quando eles ficam perplexos com o que eles fazem. Eu lembro de uma vez que, numa oficina, ela trabalhando com coisas do mundo, do que tinha no mundo dela, dessas coisas comuns e que/ e aí ela levou uma série de materiais, levou um crachá do trabalho. E aí depois quando ela viu o crachá lá, ela disse “mas eu não sou mais essa profissão já faz cinco anos! (...) que será que me fez ainda me reconhecer nessa profissão?” (...) a pergunta veio exatamente porque na hora que ela montou virou uma estrutura, uma imagem que era muito próxima ao que ela vivia, no entanto, nem ela conseguia se perceber nessa imagem.

A experiência exemplificada por **Eva** des-vela para nós um processo de apropriação da pessoa acerca do modo como ela se relacionava com as coisas do seu mundo, os sentidos cristalizados de sua história e como a linguagem desabrocha e deixa vir a ser os sentidos que foram tecidos, podendo abrir e encaminhar a existência para outras direções, na medida que foi possível perceber a si e o mundo.

De semelhante forma, remeto-me a trechos do meu Diário de Bordo sobre uma experiência em um grupo terapêutico que coordenei. Era um grupo composto por mulheres em situação de sofrimento mental, algumas tinham recebido diagnóstico de depressão, e outras de transtorno bipolar, e todas estavam afastadas de suas atividades laborais e, por vezes, muito estigmatizadas e presas ao “rótulo” de doentes. O processo foi de ir trabalhando com elas o próprio caminhar da vida, entendendo a doença como parte deste processo, o que acabava se constituindo como muito desafiador para essas pessoas:

... enquanto criavam, falavam sobre suas vidas, os papéis que desempenhavam e quando finalizada a expressão plástica se deixavam ser tocadas por elas, “escutavam” elas, criavam suas compreensões (não se restringindo à racionalidade, abrindo-se para uma certa poeticidade, para aquilo que intuía). Nesta sessão, especialmente, pareciam precisar de construções particulares e não só da grupal. Deixamos de lado um trabalho coletivo que tínhamos começado em uma sessão anterior (a construção de um boi bumbá, pois o tema das festas populares vinha sendo mencionado em suas lembranças e resolvemos fazê-lo) e fomos dar asas à imaginação e ver como aquilo as tocava, como se desdobrava em suas experiências particulares (essas atividades foram pensadas na hora, levando em consideração a demanda). Acabamos usando a imaginação, utilizamos massa de modelar, ouvimos histórias juntas, pintaram temas livres dando ênfase à intuição e imaginação. E foi gostoso ver tudo aquilo acontecendo, vê-las transitar pelas fala e descrição da queixa, mas ver também a expressão plástica trazer dimensões de

suas existências que ainda estão se apropriando. Lembraram-se de experiências antigas, músicas, situações da infância. Uma delas estava apenas observando, pois estava com certo tensionamento com outra integrante, mas percebi um ar leve de riso e foi modelando em seu material uma lembrança de infância: ela pequena em frente à casa da avó, assando milho na fogueira de São João, e sua avó também bem perto, em uma cadeira de balanço. Outro interessante momento foi, no segundo horário da sessão, ver outra integrante se permitindo pintar de forma mais livre- fazia uma pintura abstrata onde parecia brincar com as cores- ela que no início do processo era daquelas pessoas que não tinham noção do que fazer nos trabalhos expressivos. E pouco a pouco foi descobrindo o prazer de criar, assim como tem descoberto coisas sobre si mesma, seu mundo. No entanto, ela parece ainda não saber contextualizar estas compreensões, não saber bem ainda como agir na sua vida para fazer as transformações necessárias e é neste sentido que tenho direcionado minhas conversas com ela.

Este recorte do meu Diário de Bordo traz uma situação terapêutica se desenrolando, as mulheres do grupo que, inicialmente, não conseguiam de alguma forma nomear suas dores, dar contorno a elas, pouco a pouco foram experimentando a si mesmas. Suas falas se revelavam tantas vezes congeladas pelo discurso psiquiátrico, explicação dos sintomas, certa paralisia de suas possibilidades de condução da vida, sentidos que já não faziam mais “sentido”, mas aos quais elas continuavam ligadas.

Pela ampliação da própria forma de expressar-se, pela possibilidade de lançarem novos olhares sobre aspectos de suas vidas; as relações amorosas, filhos, escolhas que foram realizadas ou não, a dimensão que davam aos seus medos ou pessoas, todos esses aspectos foram contribuindo para que surgissem novos sentidos, para que percebessem como seus afetos, sentimentos são aliados para uma percepção mais clara sobre suas vidas e como apontam para algumas direções possíveis.

A ação clínica, como já tratada no segundo capítulo, sob um olhar fenomenológico existencial, aproxima-se de uma compreensão que leva em consideração essas dimensões e como são experimentadas as situações de desalojamento vividas das mais diversas formas, buscando contribuir para a apropriação da experiência de ser-no-mundo. Pompéia (1997) chama atenção para como a linguagem, sendo a palavra por ele destacada, insere cada pessoa na comunidade humana e, como já mencionado, chama as coisas à existência, conferindo realidade ao que se apresentava sob ocultamento.

Suas reflexões caminham, ainda, no sentido de aproximar a linguagem da questão da arte para compreender um pouco sobre o existir. O “movimento”, assim, se apresenta como elemento importante para compreender a doação de sentidos que flui na relação de quem cria e de quem admira uma obra. A fruição é parte intrínseca da arte, assim como da própria existência humana, tal como também apontou Heidegger (1977/2010), pois a arte possui uma linguagem que coincide com a própria “essência” humana; o estar lançado num mar de possibilidades de sentidos, um modo de ser que não se reduz a compreensões e interpretações (antes, estas são sempre parte deste espectro amplo de possibilidades).

Assim, a indagação de Fisher (1983) “por que nossa própria existência não nos basta?” (p. 12) e a constatação que faz da busca do ser humano pelo contato com a arte parece ganhar novo colorido, a esta altura do presente trabalho, levando-se em consideração as várias reflexões feitas até aqui, junto com as narrativas das interlocutoras, pois, embora não haja uma pretensão de nomear como arte a expressão plástica em contexto clínico, é inegável a encruzilhada que se revela o trabalho clínico com a presença de tal linguagem.

Diante disso, a possibilidade de expressar-se e falar de si de outras formas põe em movimento a possibilidade de uma compreensão que ultrapassa a dimensão racional, facilita o contato com dimensões de ordem “sensível” pela experiência estética, valorizando assim outras formas de apreensão da realidade da pessoa em seu mundo.

Heidegger (1959/2003), em suas considerações sobre a linguagem esboça e provoca reflexões acerca desta, comprometido com uma postura radical em buscar não estabelecer conceitos e reforçar antigas dicotomias como a noção recorrente de objetividade *versus* subjetividade. A linguagem é pensada como aquela que dá estatura às coisas, na origem da língua alemã tal noção está embebida em uma experiência de movimento, transitividade, errância e ainda de uma noção de gestualidade. Os gestos dão estatura às coisas do mundo, na medida em que cada uma dessas coisas, experiências ou pessoas constituem a realidade de cada ser pessoa e como à elas se está referido afetivamente, ou de outras formas.

E tais considerações encontram ressonância nas experiências das interlocutoras, assim como na minha, pois o que percebemos nos processos clínicos é que, através da retomada da possibilidade de nomear experiências – mesmo que não apenas pela palavra –, novos horizontes podem se abrir, a expressão plástica encarna “concretamente” a dimensão da gestualidade que no plano verbal existe simbolicamente. Metaforicamente, é possível dizer que na expressão plástica se ensaiam possibilidades:

Eva:

É muito diferente, assim, essa percepção. Também diz desse apurar a escuta, é a escuta, o diálogo, a abertura que a gente vai apurando alí na experiência. Porque cada um vai, você percebe uma transformação em cada participante de uma oficina ou mesmo no consultório, eu faço menos uso, mas ainda uso bastante. Eu deixo os recursos todos à disposição e às vezes eu convido meus pacientes a uma oficina. Assim, eu vejo que, quando está difícil a fala, eu abro uma cartolina e deixo a tinta perto. Não uma obrigatoriedade, mas um convite. Assim, tem outras formas de chegar lá.

Entrevistadora/pesquisadora:

Mais uma possibilidade, mais um recurso de entrar em contato.

Eva:

Isso, então, meu consultório tem materiais, mas, não é que eu faça o trabalho pela arte, mas ela é esse convite: quer sair daqui? Então tem outros lugares para a gente também habitar.

Entrevistadora/pesquisadora:

Outros cantinhos, outros cantinhos do Ser escondidinhos que a fala sozinha não dá/

Eva:

(sorrindo e balançando a cabeça afirmativamente) Ela não tem palavras pra significar tudo, não é?!

Nessa perspectiva, enquanto uma situação de encontro, onde a experiência com a linguagem, com a multiplicidade de olhares (do cliente/usuário, do clínico e, caso haja, do olhar de outros participantes envolvidos no processo) e de sentidos gestados na experiência, na linguagem é que é possível dar contorno àquilo que precisa ser cuidado, transformado.

E aí você criando esse ambiente, de uma certa maneira, aposta que ele é transformador, mas ele pode ser ou não ser. Não é você que conduz de A a Z. Você abre um campo de possibilidades em que o sujeito vai mergulhar ou não, vai mergulhar mais ou menos profundamente... devolver pro outro a responsabilidade desse movimento, não é uma coisa que você segura na mão ou às vezes até o arrasta. Você abre um campo de possibilidades e ele vai fazer aquilo na medida dele, então não é uma situação que tem certo ou errado, não é uma situação que tem um produto final desejado. Não tem nada disso, o que tem é uma experiência que é única, que acontece só ali.

A importante questão da transformação para aqueles que buscam suporte psicológico apresenta-se como criatividade. Levando em consideração que as situações-limites põem as pessoas frente à possibilidade de (re) pensar os sentidos pelos quais iam sendo levadas, muitas vezes de forma irrefletida e pouco elaborada. A experiência de cuidado no encontro clínico se constitui, então, como uma oportunidade de abertura para que novas experiências possam vir a se configurar. A linguagem, quando sintonizada com sua possibilidade poética de deixar vir à luz, da realidade e vida, a transitoriedade que lhes são inerentes, resgata a capacidade criativa. E esta é uma dimensão importante de ser valorizada, pois não apenas o sofrimento, os conflitos, sintomas e precariedade de sentidos fazem parte do que é levado ao encontro clínico. A abertura para a vida é uma faceta constituinte da aproximação com a finitude. Trago, então, um trecho do meu Diário de Bordo que traduz um pouco a respeito dessa compreensão:

O grupo vem se desenvolvendo bem, com suas especificidades e dificuldades, claro! As participantes parecem estar tão coladas à doença como um rótulo, a ponto de, em alguns momentos, se identificarem e se definirem como bipolares, depressivas. Por outro lado, expressam o desejo de ter uma vida "normal" como antes da doença e minha sensação é que o adoecer foi vivido, experienciado tão intensamente que, por vezes, elas "romantizam" esse "antes da doença", por elas denominado de normalidade e, por vezes, parecem não se dar conta que em outros momentos também sentiram desânimo, cansaço, medo. Mesmo hoje, elas percebendo uma melhora nos sintomas e uma volta progressiva para um modo mais aberto para a vida, quando sentem medo ou ansiedade de voltarem às suas funções e papéis sociais, associam este medo do "novo" aos sintomas da doença e se prendem ao diagnóstico recebido meses ou mesmo anos antes. Assim, nosso processo tem sido também acolher esse sofrimento e medos, mas também buscando descortinar outras facetas de suas vidas que não apenas o da doença. Por vezes, percebo como suas falas reproduzem e expressam a faceta do adoecimento, e suas produções plásticas, pelo contrário, expressam dimensões cheias de vida. Em outros momentos, é o inverso que acontece. E isso é para mim muito rico; poder trabalhar com uma prática de cuidado que explora dimensões variadas do ser e ter à disposição linguagens outras que contribuam para que a pessoa olhe para si com mais inteireza e não apenas como doença, mas que possa entendê-la como um dos processos que se desenrolou em seu viver. E que a vida é isso; movimento. Portanto, usar uma linguagem que tem nela mesma essa qualidade (plasticidade, movimento) já é, por si só, terapêutico e põe em movimento a própria pessoa, convida-a a pensar, a interagir com partes de si mesma, a "voltar no tempo", imaginar, sonhar e falar de suas dores e até mesmo sintomas.

A linguagem, ao mesmo tempo em que resgata reminiscências, gostos, medos, dentre outras possibilidades e sentimentos que delineiam o importante arcabouço da memória, também instaura novas realidades. Tomo como metáfora a imagem de construção do mosaico, para pensar o trabalho clínico psicológico semelhante a um delicado ofício de composição desta peça artesanal. A experiência da destruição e recomposição da cerâmica sob novas perspectivas permite uma criação onde o novo se faz a partir não da exclusão do material que é destruído, muito menos pela tentativa ingênua de restabelecer a configuração inicial, mas pela abertura a novos olhares que permitem o delineamento de novas formas.

Dessa forma, no trabalho clínico a dimensão sensível, estética se revela através de uma compreensão prévia presente no humor, nos sentimentos que guardam em si esta abertura para compor novas cenas, novas experiências. Aquilo que aparece inicialmente de forma difusa vai se desmembrando e tomando novos lugares, novos sentidos, novas formas. Como explicitado por **Eva** anteriormente, e por mim, no recorte do meu Diário de Bordo acima transcrito, a possibilidade de ter outros modos para expressar uma dada questão pode contribuir para uma melhor apropriação do que se encontra em desvelamento. O mergulho naquilo que se apresentava de forma pré-reflexiva pode, assim, ir tomando forma naquilo que se constituía no fenômeno em seu movimento de experienciamento e se mostrava como um apelo para vir a emergir.

Contudo, a postura que aqui se apresenta a partir do que trazem as interlocutoras, assim como na minha experiência, por não dizer respeito a uma perspectiva de Psicologia aplicada, com uma dimensão técnica que poderia expropriar da linguagem os sentidos, ou a falta deles, que conduzem à imobilidade e ao sofrimento, e manuseá-los tecnicamente, semelhante ao modo como acontece na técnica moderna sobre a qual refletia Heidegger (1954/1997). Esse mergulho entre o que se apresenta na forma de velamento e desvelamento pode levar em consideração esta ambiguidade, compreendendo que a linguagem é revelação do Ser e que é pelo mostrar-se e preservar-se que as experiências podem vir a amadurecer para quem busca cuidado em um contexto clínico terapêutico, psicoeducativo, ou seja qual for sua “natureza”. O que percebo é a importância de não submeter as experiências às, tantas vezes, precoces interpretações impregnadas de racionalidade e saberes meramente técnicos e depositários que engessam as outras possibilidades de compreensão que pudessem vir a se constituírem.

Por isso, a opção por linguagens outras, que não apenas a verbal, vem agregar ao trabalho clínico, mas não é a simples opção de inserir a linguagem plástica (ou outras provenientes do campo das artes) que irá garantir a dimensão ética e estética de produção de sentidos, como eu vinha refletindo a partir das narrativas. Nesta direção, **Luna** reflete que trabalha com uma noção

mesmo de cuidado e da linguagem – de forma ampla – como desveladora das questões a serem trabalhadas em suas práticas clínicas.

Assim, apresenta a linguagem corporal e a dimensão plástica, gráfica com a influência de sua formação anterior:

Então, hoje na clínica, eu até não digo que eu não use nada da experiência que eu tive antes. Sem dúvidas se eu vejo, por exemplo, uma criança vai brincar no meu consultório, vai brincar ou vai fazer um desenho, eu me vejo recorrendo à sensibilidade que eu desenvolvi nesse curso que eu trabalhei com o movimento corporal, eu não uso muito isso diretamente. Não me prendo a pensar que eu estou em uma sessão com os movimentos, se tem uma brincadeira, um jogo acontecendo eu estou só me movimentando com a criança, eu até posso notar isso e pensar depois, mas não acontece muito, raramente também. Mas eu vejo quando olho pra um desenho que está sendo feito, meu olhar está completamente embebido dessa formação que eu tive muito, muito forte.

E contextualiza, ainda, uma experiência em que foi supervisora de campo, aliando a linguagem em várias facetas para compreender o movimento fenomênico do trabalho clínico se constituindo, mostrando-se:

Eu me lembro de um grupo de jovens em reabilitação (...) aí todo mundo se tratava nesse centro, assim, que era chamado de reabilitação, mas que na verdade oferecia, assim, entretenimento pra eles passarem o dia e que tinha... uma coisa meio que de escolinha pra primário, assim, de reunir as pessoas, servir uma comidinha, dar uma aulinha, todo mundo se adora e tal, então uma hora eu pensei, ela vai não segurar esse negócio porque as famílias recebem benefício a partir da doença dos jovens e não podem trabalhar, se eles voltarem uma pessoa ao mercado de trabalho esse benefício é retirado. Então existe um lucro secundário muito grande para essas famílias.

...a dupla que tava trabalhando nessa instituição começou muito fechada à essa ideia desse drama que essas pessoas vivem de não poderem se desenvolver porque eles são arrimo de família. Mas, no momento que eles se abriram pra essa possibilidade, o assunto dominou o restante, assim, das oficinas com um poder muito grande, com uma intensidade afetiva muito grande, com resultados muito bonitos de ver estas pessoas acordando, vindo pedir pra viver muito mais, não é?!

Entrevistadora/pesquisadora:

E aí como vocês foram percebendo esse processo?

Luna:

Primeiro foi pela passividade mesmo, foram as pessoas se recusando a participar em ocasiões que poderiam ter algum tipo de desconforto entre eles. Percebe se vai ter algum desconforto, como também acho que esse foi um ponto de virada, foi que eles precisavam (...) agir num uníssono com o movimento corporal, porque esses alunos tentando conduzir algo interessante começaram a ficar sem recursos, porque nada que eles

levavam parecia pegar. Aí disseram “ah dá pra gente alguma atividade que a gente possa dar com movimento”. Aí eu sugeri: “ah que cada um faça um movimento e todo mundo acompanha”. E quando eles viram essa situação de que todo mundo ia ter que fazer a mesma coisa junto, eles começaram a ir pros cantos para não querer fazer e não falava nada, para não dizer “não quero” eles preferiam se fazer de bobos, não falavam nada, não reagiam. Aí eu peguei os dois estagiários assim e disse: “tá forte o suficiente a mensagem? Está dando pra escutar que essas são pessoas que vivem fazendo o que todo mundo quer e que nesse espaço, como elas são obrigadas, elas não fazem? E é esse o tema que tem que ser abordado?”. Você vê que essa é uma coisa que pouco tem a ver com a oficina em si, não é?! Tem mais a ver com a reação das pessoas.

E aí eles voltaram na semana seguinte abordando isso como um tema direto: “como é difícil você viver fazendo o que os outros querem que você faça”, aí deslanchou, aí o trabalho foi pra frente. Mas foi no ponto de olhar isso, o pulo do gato, de não olhar a proposta e o resultado da proposta, mas de ver qual é o ambiente afetivo que tava se mobilizando em função dessa orientação que foi dada. ...

Entrevistadora/pesquisadora:

Que traz uma coisa que é muito forte na fenomenologia!
Que a dimensão do cuidado é anterior a qualquer outra
coisa, não é?!

Portanto, essa característica da linguagem, presente em sua dimensão poética, de dar estatura a novas possibilidades e sentidos, tal como apresentei anteriormente sob a luz do pensamento tardio de Heidegger, também contribui para fundamentar a relação entre a ação clínica e a capacidade **agenciadora para o desenvolvimento da criatividade** na vida das pessoas, esta capacidade de deixar viger o próprio modo de se constituir da pessoa. Uma vez que, pelo mergulho expressivo e reflexivo, é possível haver transformação do horizonte compreensivo, ou seja, do modo de enxergar o mundo, de pensar, sentir e agir. Tal dimensão já se encontrava presente nas reflexões acerca das Oficinas de Criatividade, segundo apresentei no capítulo inicial desta pesquisa, a partir das discussões de alguns autores comprometidos em pensar a prática psicológica a partir da referida modalidade.

Nesse aspecto, a criatividade se mostra como importante elemento que facilita a aquisição de novos modos de enxergar e ser na vida, gerando também novos aprendizados, dá abertura para diferentes formas de ser nas relações interpessoais, na família, nos grupos e espaços dos quais as pessoas compartilham. Contudo, não estou me referindo ao trabalho com a criatividade em uma perspectiva de treinamento, ela toma aqui referências mais amplas, sendo pensada como um modo mais aberto de ser humano para suas possibilidades existenciais. Diz respeito ao contato com a impermanência própria do existir, como já foi discutido.

Nesse sentido, **Consuelo** reflete sobre como pensa e trabalha tais dimensões em sua prática:

Você tem que criar um ambiente de aprendizado, e aí aprendizado da forma mais ampla que você possa imaginar. Aprendizado sobre você mesmo, sobre o mundo, sobre as relações. Aprendizado só acontece na situação de deslocamento e desconforto, pensando no Heidegger, não é? Se sua vida acontece plana em rodízios, sem nenhuma aspereza, você não para pra pensar e é só a experiência que vai te trazer a possibilidade de reflexão, de transformação.

Tal compreensão se aproxima da analítica existencial do *Dasein* em que Heidegger (1927/1995) considera a existência acontecendo em um movimento de vir-a-ser, onde a angústia e a aproximação com a finitude são partes constitutivas que possibilitam o fluxo da vida. No contexto clínico, tal condição de ter que cuidar da “tarefa” de ser se apresenta de diversas maneiras, sendo a manifestação do sofrimento, sob suas diversas faces, indicadora desta “necessidade”, no entanto, o que muitas vezes se mostra como entrave são as cristalizações em momentos, experiências, planos, sentidos que parecem não mais sustentar o modo de se situar no mundo, mas ainda fazem parte do “repertório” de crenças da pessoa.

São experiências como: o fim de relações que já não fazem sentido, perdas de entes queridos, doenças e, inclusive, experiências na vida social que não contribuem para o seu fortalecimento emocional, mas que continuam a encaminhar a existência das pessoas.

Desse modo ela elenca suas considerações sobre este aspecto ao se trabalhar com tais recursos nesta perspectiva:

Eu sempre trabalhei também com a questão da surpresa, quer dizer, de fazer propostas inusitadas, de descentrar, de tirar a pessoa do lugar de onde ela está, de colocá-la pra pensar. E daí tem uma expressão de um estilista aqui de São Paulo o Jun Nakao, que fez uma exposição uma vez que foi considerada agora patrimônio, foi um negócio muito bacana que ele fez, uma coisa de destruição. E que ele usou essa expressão numa conversa uma vez e, então, peguei para mim, fala do “uso preciso do vago”. E eu acho que esse trabalho com os recursos plásticos ele é (...) mais, assim, efetivo quando você é capaz de fazer um pedido que seja vago o suficiente pra caber qualquer tipo de experiência, mas que seja formulado de uma maneira muito precisa, não é?!

No depoimento de *Eva* há também uma indicação do modo como ela percebe essa abertura, essa “criatividade” para a vida no trabalho clínico, e faz uma reflexão dessa dimensão se mostrando em um processo em que acompanhou um grupo de crianças:

... E eu vou trabalhar em uma escola com crianças com diferentes dificuldades de aprendizagem. Um projeto do governo do estado de São Paulo chamado “Sala de Recursos”. As crianças ficavam no ensino regular e no contra turno escolar elas ficavam em uma sala duas horas com uma professora para alfabetização e os cuidados mais específicos às necessidades.

Então, eu ia trabalhar com as dificuldades, mas aí eu fui trabalhar com a arte. Então eu trabalhava com o teatro, não só o teatro de fantoches, mas também o teatro de personagens. Então eles faziam os personagens e a gente foi trabalhando roteiro, e ali eu vi de novo a possibilidade de transformação. E depois fazendo as avaliações com as professoras elas diziam da evolução daqueles casos que elas nem achavam que teriam, sofreriam algum tipo de transformação. Elas passaram a reconhecer que aquelas crianças eram crianças e deveriam ser reconhecidas como alunas tanto quanto as outras.

Dessa forma, percebo como os relatos guardam possibilidades muito diversas acerca da compreensão de ação clínica. Foram apresentadas algumas propostas que podem servir a diferentes contextos, mas todas comprometidas com uma ação voltada para o acolhimento e abertura para o aprendizado, a construção de sentidos trabalhados a partir de uma trama diversa que chamam à oportunidade de aprender e ser, e se desenvolver em consonância com a singularidade da própria existência e a relação que esta guarda com outros seres humanos no mundo, entendido aqui como uma trama que sustenta a intimidade e coexistência entre tudo.

Assim, nas diferentes modalidades apresentadas há em comum a compreensão da ação clínica como uma “experiência” ética onde as dimensões estética e poética são privilegiadas por serem formas de apreensão da realidade que resgatam dimensões humanas pouco valorizadas na contemporaneidade. A presença da linguagem plástica toma um sentido de que ela constitui uma, dentre tantas possibilidades da linguagem de deixar viger a própria existência e tecer e destecer a trama da realidade do viver do cliente/usuário/grupo. Destarte, o encontro clínico, como encontro produtor de sentidos, tem como traço constitutivo a noção de que é necessário uma disposição de abertura para acolher a experiência que brota na linguagem, e que tal acontecimento não se dá com posturas prescritivas e depositárias.

5. REFLETINDO SOBRE A TRAJETÓRIA

À guisa de encerramento deste estudo, mas não das reflexões por ele suscitadas, chegamos à última etapa percebendo que o caminho percorrido ao longo dos capítulos, em diálogo com a aproximação das experiências das colaboradoras – realizada através das entrevistas e do Diário de Bordo da autora –, contribuiu para que pudéssemos desenvolver uma compreensão fenomenológica acerca dos diferentes modos que a linguagem plástica pode assumir na prática clínica do (a) psicólogo (a), em diversos âmbitos.

A pesquisa contribuiu, ainda, para que surgissem reflexões não apenas referente à ação clínica em consonância com a linguagem plástica, mas a respeito também do modo como a linguagem pode ser pensada como abertura propiciada pela apropriação silenciosa de si-mesmo (cuidar de si) além de poder ser pensada como “clareira do ser”. A linguagem tem papel fundamental no cuidado antecipador às pessoas que demandam apoio emocional no encontro clínico. Nessa perspectiva, trabalhar na direção do enriquecimento da experiência dos pacientes/usuários ou grupos com a própria linguagem é facilitar o contato com a historicidade, espacialidade e temporalidade dos mesmos. E é acerca dessas questões que pretendemos iniciar aqui algumas reflexões.

Como pôde ser percebido ao longo do segundo capítulo, em que tratamos sobre a clínica na perspectiva fenomenológica existencial, a noção de cuidado (*Sorge*) é fundamental em nossa concepção ao considerarmos o ser humano como aquele ente que tem como tarefa existencial cuidar de ser. Na medida em que nenhum de nós possui certezas acerca do que está por vir, não é possível isentar-se do sofrimento. Por isso, é necessário cuidar de pensar, sonhar, amar, criar, escolher e também lidar com todas as limitações, dores, medos, expectativas e fracassos que a caminhada no tempo nos reserva. Tudo isso acontece sempre relacionando uns aos outros e às coisas que significamos no nosso mundo, sejam elas concretas ou simbólicas. Somos sempre e sempre ligados a um tempo histórico, a uma sociedade, um espaço geográfico. Um mundo constituído na nossa relação com os demais seres humanos, mas que nunca deixa de coexistir com um mundo próprio, que toma forma e cores a partir do modo como estamos afetivamente ligados e compreendendo tudo que nos circunda.

Portanto, a clínica fundamentada pelo horizonte fenomenológico existencial é o “lugar” em que clínico e paciente/usuário buscam refletir a teia de sentidos do mundo que, ao revelar-se, demanda cuidado de modo mais próprio. Através do zelo, do cuidado antecipatório, buscamos sensibilizar, refletir com a pessoa a partir da sua experiência a possibilidade de manifestação do

ser-aí como genuinamente aberto a seu ser mais próprio, como também na abertura mais própria ao outro. Ora, na concepção de ser humano e mundo em que nos aportamos, a noção de disposição afetiva tem papel fundamental durante o processo, pois os sentimentos e emoções são sempre aqueles que revelam mais genuinamente como alguém habita em seu mundo. Ela – a disposição afetiva – também revela nuances desse habitar, os sentidos desvelados a partir de experiências de sua história pessoal e da época à qual alguém pertence.

Assim, o encontro clínico pode também ser o “tempo” diferenciado para se debruçar sobre a temporalidade e tomar pela memória e pelo compartilhamento via narrativa, ou por outras manifestações da linguagem, rastros e “cacos” importantes para recompor e dar novas configurações à experiência, à teia de sentidos que já não sustenta e confere significado à vida de quem sofre. Como dizem Pompéia e Sapienza (2004) sobre a psicoterapia, mas que bem se aplica à clínica de modo mais amplo; “psicoterapia é pro-cura” (p.34). Ao lembrar tais palavras, desejamos dar destaque para a concepção de que o trabalho clínico é esse movimento de procurar os sentidos da própria história, é curar no sentido de cuidar, procurar, ou seja, cuidar antecipadamente daquilo que se foi, se está sendo e se encaminha para ser. É trabalhar no sentido de uma apropriação.

Entretanto, o cuidado se dá de diversas maneiras diante das diferentes manifestações de adoecimento que restringem a capacidade de realização do modo de ser de cada pessoa, em que a capacidade de expressar-se dos pacientes/usuários ou grupos encontra-se limitada. No entanto, a dimensão plástica da linguagem pode aproximar-se de um dizer poético e possibilitar uma autêntica escuta dos sentidos. Tal experiência com a linguagem plástica foi referida nas narrativas tanto dos principais precursores na temática, como nas experiências colhidas das colaboradoras desta pesquisa.

Por considerar a linguagem, na sua dimensão ontológica, como abertura propiciada pela deflagração do ser-no-mundo, podemos considerar que a restrição na experiência com a linguagem é identificada sob múltiplas faces, desde as formas de adoecimento como as psicoses, em que a comunicação verbal diversas vezes se encontra em condições precárias, até mesmo aos modos de sofrimento contemporâneos: das depressões às chamadas doenças psicossomáticas, em que os sentidos se escondem sob enigmáticas expressões no corpo. Outro fator importante a se considerar é que estamos situados em uma época em que, prevalecendo a pressa, a produtividade, a informação e a técnica em detrimento da reflexão, somos muitas vezes esmagados em nossa singularidade em decorrência desse apelo para a adaptação a esse modo de funcionamento instrumental, ficando o dizer comprometido no revelar e mostrar o que diz na medida de sua correspondência silenciosa ao ser.

Não é por acaso que encontramos na fala das colaboradoras uma necessidade de encontrar estratégias para lidar com a racionalidade que parece impregnar o modo de ser dos pacientes/usuários ou grupos com os quais trabalham. E é nesse sentido que a linguagem plástica, considerada na sua dimensão poética, surge como possibilidade na ação clínica, possibilidade de ser um convite para que as pessoas, a partir da abertura silenciosa ao si-mesmo, possam apropriar-se do modo essencial no qual se manifesta o próprio existir humano.

Assim, pintar, modelar, desenhar, colar, dentre outras atividades possíveis, são apenas algumas das formas de entrar em contato com o fenômeno de experiência de quem demanda cuidado, uma vez que podem contribuir para que se chegue a elaborar sentimentos, o modo com que a pessoa está afinada com seu mundo. Trabalhar com modalidades de práticas clínicas que põem em cena tal forma de linguagem tem por objetivo trabalhar a percepção daquilo que não se encontra bem delineado cognitivamente, mas que pré-reflexivamente já anuncia uma compreensão e um sentido, uma direção a respeito de como está sendo encaminhada a existência de uma dada pessoa, família ou comunidade.

Tais questões podem ser percebidas se lembrarmos dos depoimentos de Eva, Luna e Consuelo ou mesmo de alguns pesquisadores e clínicos com os quais dialogamos antes, como Nise da Silveira, Osorio Cesar e tantos outros. Resguardadas as particularidades dos trabalhos de cada um (a), há em comum a idéia de que é possível por meio dessa linguagem a expressão de dimensões da existência às quais apenas as palavras não conseguem oferecer suporte. A linguagem plástica, assumindo uma dimensão poética, põe ênfase em uma particularidade da linguagem pouco valorizada em nossa época; os sentidos experimentados nas relações e mesmo quando falamos não cessam de despertar outros sentidos, sentimentos, caminhos possíveis.

Retomando Prado e Caldas (2013), a clínica é espaço de apropriação de escolhas, de responsabilização, não em um sentido moral, mas de compreensão da caminhada e escolhas tomadas. Espaço, portanto, de compreensão originada da apropriação de si mesmo na escuta ao chamado silencioso com a própria experiência, na busca de fugir do falatório dispersivo em que estamos imersos no cotidiano. Percebemos, por exemplo, a experiência narrada por Eva como uma ilustração que traduz com nitidez a consideração que acabamos de expor:

... Eu lembro de uma vez que, numa oficina, ela trabalhando com coisas do mundo, do que tinha no mundo dela, dessas coisas comuns e que/ e aí ela levou uma série de materiais, levou um crachá do trabalho. E aí depois quando ela viu o crachá lá, ela disse “mas eu não sou mais essa profissão já faz cinco anos! (...) que será que me fez ainda me reconhecer nessa profissão?” (...) a pergunta veio exatamente porque na hora que ela montou virou uma estrutura, uma imagem que era muito próxima ao que ela vivia, no entanto, nem ela conseguia se perceber nessa imagem.

Percebemos assim que, através do trabalho expressivo plástico, a pessoa pôde defrontar-se com seu modo de estar no mundo, descobrindo como ainda encontrava-se afetivamente ligada a uma profissão, embora não a exercesse mais.

Seguindo de modo a aprofundar nossas reflexões, é possível pensarmos com Heidegger, considerando que a linguagem concede-nos nossa humanidade. A existência e a linguagem são tecidas pelo mesmo fio. A todo o momento falamos, seja através do nosso comportamento, silêncio, pausas, interrupções. Nossos gestos são propositivos, sugestivos.

Ainda seguindo a mesma linha de compreensão acima, acreditamos que a Arte seria uma das criações humanas que, ao modo como considerava Heidegger (1959/2000b), poderia nos levar a novas raízes, contribuindo para que nos reaproximemos do modo de pensar sereno – comum na antiguidade – e, assim, possamos lidar com o pensamento técnico que predomina entre nós, sem esquecer nossa capacidade de refletir em diálogo também com o que sentimos.

É nessa perspectiva que pensamos que Arte e linguagem possuem íntima relação, pois estão relacionadas à capacidade humana de criar e atribuir sentido às coisas. E é nessa direção que a ação clínica pode se aproximar do sentido de *poiesis*, noção esta abordada por Heidegger (1977/2010) em suas proposições acerca da “essência” da obra de Arte, na qual nos inspiramos a fim de pensar referências para o trabalho clínico. A ação clínica estaria pautada, portanto, no cuidado antecipador que cuida da abertura à capacidade criativa diante da própria existência do paciente/usuário ou grupo, como também no acolhimento de suas experiências.

Como já havíamos destacado, este acolhimento às experiências comporta a compreensão da linguagem em um sentido que não se restrinja à concepção meramente instrumental, mas que valorize a dimensão poética da linguagem, o sentido estético, ou seja: o desvelamento das sensações, emoções, significados mais singulares de uma pessoa ou grupo diante de uma situação. Nessa direção, concordamos com a feliz reflexão de Pompéia (1997) quando denomina o ser humano como um ente que sonha. A concepção de linguagem que aqui destacamos se aproxima dessa compreensão.

Enquanto um ser “essencialmente” sonhador e que cria o mundo através da apropriação da teia de sentidos co-construída com os demais seres humanos que nos circundam, podemos criar mundo pela linguagem. Desse modo, a ação clínica pode ser compreendida como um gesto criativo que sustenta, gesta, ou seja, acompanha o nascer da realidade. Realidade essa tomada num sentido mais amplo, e não como o que possa ser apreendido objetivamente.

Face às considerações até então expostas, trabalhar com a linguagem plástica na ação clínica significa dar vazão a dimensões do ser humano que encontram pouco espaço para serem expressas no dia-a-dia, cotidianamente aprisionado na linguagem racionalizada. É deixar brotar as

experiências que já não parecem “caber” em palavras. A linguagem plástica encontra-se muito próxima da Arte por permitir e convocar a capacidade de descrever, imaginar, devanear, sonhar.

Salientamos ainda a importância de se trabalhar com uma linguagem que possui a característica de, simultaneamente, expressar sentimentos e idéias tidos, tradicionalmente, como contraditórios. Essa capacidade de não dicotomizar as experiências é, com certeza, de uma riqueza ímpar no processo clínico, no qual as pessoas experienciam e buscam refletir e se apropriar acerca de experiências complexas e, muitas vezes, difusas.

Essa perspectiva compreensiva que temos acerca da ação clínica encontra espaço de interseção na crítica de Heidegger (1987/2009) à introjeção realizada pelo campo das ciências que lidam com o ser humano, inclusive nas práticas clínicas diversas, a partir dos métodos das ciências naturais. Os fenômenos humanos escapam à possibilidade de medição exata e do encadeamento de relações causais simplistas.

Semelhante análise também foi empreendida por Silveira (1992/2001) ao explicar que a pintura e a modelagem ganharam a “preferência” de muitos pacientes com diagnóstico de esquizofrenia ao facilitar a expressão das vivências desagregadoras, sendo, ao mesmo tempo, terapêuticas ao torná-las menos ameaçadoras e, também, importante estratégia de avaliação clínica. Entretanto, nunca é demais salientar que para a psiquiatra a função da expressão plástica não está restrita, submetida ao trabalho clínico e, muito menos, serve à hegemônica tradição de patologizar o trabalho expressivo dos pacientes/usuários.

Concordamos com a autora supracitada e ousamos criar uma ponte, um diálogo, entre algumas de suas reflexões com outras do pensador alemão que nos inspira em nossa perspectiva clínica. O modo de situar-se no mundo do humano na atualidade encarcera dimensões humanas ricas na compreensão da realidade, do Ser. Tal fenômeno está diretamente atrelado ao percurso do pensamento ocidental que super dimensiona a razão em detrimento da capacidade de sentir, emocionar-se, refletir, imaginar, criar.

É nesse sentido que, costumeiramente, a ciência espelhou esse movimento de afastamento de dimensões tão próprias a nós. Dialogar com outros campos do saber é contribuir para superar essas barreiras e retomar nosso contato com a dimensão poética e estética que habita em nós, assim como habitar o mundo compreendendo-o também por essas vias.

Desse modo, trabalhar e desenvolver modalidades de práticas clínicas em tal perspectiva tem menos a ver com a mera aplicação de técnicas artísticas e expressivas, embora não as desvalorizemos. Diz do modo como a escuta pode possibilitar a manifestação genuinamente aberta a possibilidades mais próprias do outro em seu mundo, em suas relações. Diz, também, sobre como a linguagem plástica aproxima-se da dimensão poética que acolhe as possibilidades da

existência humana nos seus diversos modos de mostrar-se, acolhendo o colorido experimentado diante das situações de angústia ou de verdadeira epifania, tem a ver com a oportunidade de “dizer” o indizível, de se deixar surpreender por novas idéias e percepções acerca de uma experiência depois de mergulhar nela mais demoradamente, na busca de existir mais propriamente.

Ao apresentarmos as considerações acima, não queremos dizer que tais fenômenos não se mostram através da linguagem pela palavra; pelo contrário, queremos chamar atenção para como a presença da linguagem plástica na ação clínica pode remeter a pessoa a fazer uma experiência com possibilidades de ser e compreender, que se encontram cristalizados por diferentes motivos. Seja em virtude do adoecimento, do modo acelerado no qual irrefletidamente fomos lançados na contemporaneidade, pelas múltiplas violências as quais somos submetidos em uma sociedade de produtividade, consumo e lucro, ou quaisquer outros motivos. A ação clínica, no modo como compreendemos, pode ser descrita como um modo de estar com o outro/cliente/usuário que poderá nos manter no aguardar, silencioso e atento, tem como intuito contribuir para a apropriação do modo de estar no mundo de quem demanda cuidado.

Em uma perspectiva fenomenológica existencial, pensamos que a expressão plástica, em sua perspectiva poética, pode abrir a possibilidade do outro/cliente apropriar-se de ser si-mesmo. Isso pode acontecer seja através do tradicional trabalho psicoterápico, seja por modalidades psicoeducativas ou outras práticas clínicas terapêuticas possíveis. Aliás, vale enfatizar que o que se tem em vista é contribuir para uma transformação do cliente/usuário ou grupo em seu mundo, de modo a apropriar-se de suas possibilidades de cuidado de si, sejam essas transformações visíveis ou não, concomitantes ou não ao desenrolar da ação clínica.

Portanto, é compreensível que a presença da linguagem plástica assuma diferentes formas e “frequência” na ação clínica. A depender da modalidade de prática trabalhada, do (a) profissional responsável pelo desenvolvimento do trabalho e, ainda, pela diversidade de materiais disponíveis para uso, além de outras questões importantes como tempo das sessões ou encontros, abertura ou possibilidade dos pacientes/usuários ou grupos de realizar as atividades, a expressão plástica será mais, ou menos, trabalhada.

Nas experiências colhidas, constatamos que há a possibilidade de se trabalhar de diversas maneiras com essa linguagem: partindo do estímulo da expressão plástica para posterior discussão do que foi desenvolvido ou, no sentido contrário, convidando para a produção criativa, imaginativa nos momentos em que as pessoas não conseguem mais expressar suas experiências através da fala; é possível valorizar as dimensões sensíveis através de tal forma de expressão; estimular a imaginação também por meio desse processo ou fazendo o sentido inverso; partindo de um sonho, fantasia ou temática, presente na vida das pessoas, para posterior produção de imagens.

Há, ainda, a possibilidade de trabalhar partindo de consignas que levem à exploração de nuances da mesma naquilo que faça parte do horizonte, do universo de experiências da pessoa – tal estratégia é utilizada tanto nas Oficinas de Criatividade como em algumas estratégias arteterapêuticas, com ressalva para suas particularidades.

Encontramos também, modalidades como os Grupos Reflexivos, que têm como fio condutor a troca de experiências e saberes e a exploração das situações experienciadas a partir de uma combinação possível de linguagens expressivas, como a própria linguagem plástica, e também atividades teatrais. Semelhante estratégia também é desenvolvida nos Grupos de Convivência, bastante utilizados no campo da Assistência Social, em que o psicólogo tem o papel de atuar em uma lógica psicossocial e psicoeducativa e, junto a outras categorias profissionais, tem como objetivo fortalecer vínculos familiares e comunitários; valorizar as trocas intergeracionais e as experiências culturais.

Por fim, são múltiplas as possibilidades em que essa linguagem, foco de nossa atenção, pode vir a contribuir para a ação clínica. É importante mencionar que nem sequer adentramos na diversidade de materiais que podem ser utilizados para a expressão plástica: tintas (guache, acrílica, aquarela); pincéis; papéis diversos e coloridos ou brancos; lápis de cor; cera; pastel a óleo; pastel seco; argila; gesso; massas de modelar; cola; água; jornal; revistas; materiais orgânicos; tecidos; telas; fitas; linhas.

Todo esse universo e muito mais pode ser explorado por psicólogos clínicos, a partir do contato com relatos clínicos, experiências com Oficinas de Criatividade, Grupos Reflexivos e outras modalidades que já mencionamos no campo da Psicologia em uma perspectiva fenomenológica existencial. Também as experiências arte-educativas ou arteterapêuticas, estudos e vivências no campo da Arte são relevantes, ou mesmo espontaneamente e intuitivamente é possível ao clínico trabalhar com a linguagem plástica. Além dessas possibilidades apontadas, a supervisão com um profissional com experiência na área pode ser uma forma de desenvolver trabalhos nessa perspectiva.

Não tivemos como objetivo priorizar uma ou outra forma do clínico se preparar para trabalhar com a linguagem plástica na ação clínica, mas sim de contribuir com algumas reflexões iniciais sobre como é possível compreender tal possibilidade, sem aprisioná-la em uma concepção mecânica, causalista.

Decerto, é importante a preparação para desenvolver modalidades de práticas clínicas que dialoguem com a linguagem plástica, pois é importante ter em vista que trabalhar com seres humanos deve ter como princípio orientador o cuidado, sob a ótica antecipadora, que liberta a pessoa em direção às suas possibilidades mais genuínas, como também para o acolhimento de suas

limitações. Trabalhar tal linguagem é realizar uma aproximação com uma dimensão profunda, poética, acolhendo os sonhos e angústias. Nunca é demais lembrar que esses humores, enquanto manifestações da disposição afetiva que caracteriza o ser-no-mundo, constituem nosso solo existencial e, portanto, demandam tempo e consideração para serem trabalhados da melhor forma possível.

Contudo, essa preparação não se restringe à capacitação puramente técnica, embora esse também seja um caminho por vezes importante se não assumir o sentido moderno de expropriação e armazenamento, conforme nos alertava Heidegger (1954/1997) em seu ensaio sobre a técnica, e sobre o qual refletimos no segundo capítulo deste trabalho. Desse modo, é importante que esteja relacionado ao seu sentido originário e poético de “trazer à luz” algo que ainda estava em ocultamento, tal modo só é possível se for um processo de preparação serena e cuidadosa e no seu reencontro com seu sentido originário de poíesis. Ou seja, não basta a assimilação de modos de trabalhar com a linguagem plástica, pois não se trata de simplesmente aplicar irrefletidamente materiais artísticos. É imprescindível não se perder de vista que a ação clínica precisa ser sempre orientada por um rigor ético e, como foi se desvelando ao longo desta pesquisa, poético e estético.

Assim, nosso objetivo de oferecer ao leitor um panorama acerca da história da presença da linguagem plástica em diferentes modalidades de prática clínica, assim como discutir a ação clínica psicológica sob uma perspectiva fenomenológica existencial, apresentando a experiência de nossas colaboradoras, pretendeu contribuir com referências atuais, situadas em outro paradigma que não o das ciências exatas e naturais, tomando como fio condutor a noção ontológica da compreensão e suas raízes estéticas e poéticas como as bases para um paradigma relacionado ao campo das pesquisas e do cuidado para com o ser humano no âmbito da clínica.

Desse modo, como num processo dialógico de análise compreensiva entre clínicos, ou seja, numa conversa sobre nosso campo de ação, foi que nos debruçamos sobre nossa temática, a ação clínica e a linguagem plástica, de modo a nos indagarmos sobre formas de cuidado que retomem o importante lugar da linguagem e de dimensões pouco valorizadas na contemporaneidade para a produção do saber em nossa época.

Para realizar um fechamento, mesmo que momentâneo, esperamos ter contribuído para que outros pesquisadores e clínicos, inspirados nas experiências e saberes aqui compartilhados, possam refletir sobre as considerações aqui mencionadas na busca de somar às tão necessárias práticas que contribuam para o desenvolvimento de pessoas em direção à criatividade, acolhimento e saúde enquanto apropriação da tarefa que é cuidar do existir.

REFERÊNCIAS

- Allende, I. (1987/2008). *Eva Luna*. (23ª ed, Pereira, M. C, trad) Lisboa: Ed Difel.
- Almeida, F. M. (1999). Aconselhamento psicológico numa visão fenomenológica existencial: cuidar de ser. In: Morato, H. T. P. (org). *Aconselhamento psicológico centrado na pessoa: novos desafios*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Aun, H. A. (2005). *Trágico avesso do mundo: narrativas de uma prática psicológica numa instituição para adolescentes infratores*. (Dissertação de mestrado). Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Departamento de Psicologia da Aprendizagem, do Desenvolvimento e da Personalidade. São Paulo.
- Barreto, C. L. B. T. (2013). Reflexões para pensar a ação clínica a partir do pensamento de Heidegger: da ontologia fundamental à questão da técnica. In: Barreto, C. L. B. T; Morato, H. T. P; Caldas, M. T. (orgs). *Prática Psicológica na Perspectiva Fenomenológica*. Curitiba: Juruá. p. 27-50.
- _____. (2009). A ação clínica e a perspectiva fenomenológica existencial. In: Morato, H. T. P; Barreto, C. L. B. T; Nunes, A. P. (orgs). *Aconselhamento Psicológico numa Perspectiva Fenomenológica Existencial: uma introdução*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, p. 41-51.
- _____. (2011). A ontologia existencial de Heidegger como possibilidade para pensar outros modos de constituição da subjetividade e da ação clínica. In: *Simpósio Nacional de Práticas Psicológicas em Instituições- Perspectivas e Rumos da Psicologia na Atualidade*, 10. Anais... Rio de Janeiro: UFF, 1CD- ROM.
- Barthélémy, J-M. (2012). Origem e contexto de emergência da noção de estrutura em Psicopatologia fenômeno-estrutural: Evolução do conceito, seu lugar e suas implicações nas práticas clínicas contemporâneas. *Revista de Psicopatologia Fenomenológica Contemporânea*, 1 (1), p. 88- 105. Disponível em:
http://www.revistapfc.com.br/img/pdf/artigos/BARTHLEMEY_final_2_%281%29.pdf
- Bastides, Roger & Cezar, O. (1956/2007). Pintura, loucura e cultura. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*. V. 10, nº 1, p. 131-145. Disponível em:
<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=233017474011>
- Benjamin, W. (1987). *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Obras escolhidas, volume 1. (3ª ed, S. P. Rouanet, trad). São Paulo: Editora Brasiliense.
- Bernardo, P. P. (2008). Em busca do pote de ouro: trabalhando com contos e histórias em oficinas de criatividade. In: Cupertino, C. M. B. (org). *Espaços de criação em psicologia: oficinas na prática*. (1ª ed). São Paulo: Annablume.
- Biswanger, L. (1947/1955/2013). *Sonho e existência: ensaios e conferências 1: escritos sobre fenomenologia e psicanálise*. (M. A. Casanova, trad). Rio de Janeiro: Via Verita.

Bondía, J.L. (2002, jan-abr). Notas sobre a experiência e o saber de experiência. (J. V. Geraldi, trad). *Revista Brasileira de Educação*. Nº 19. p. 20- 28. Disponível em:
<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>

Boss, M. (1954/1959). *Introduction a la médecine psychosomatique*. (6ª ed, W. Georgi, trad). Paris: Presses Universitaires de France.

_____. (1977). *Angústia, culpa e libertação: ensaios de psicanálise existencial*. (2ª Ed, B. Spanoudis, trad). São Paulo: Duas Cidades.

_____. (1989). *Introdução à Daseinsanalyse (1)*. *Revista da Associação Brasileira de Daseinsanalyse*- nº 7, 1989.

Cabral, B. E. & Morato, H. T. P. (2013). A questão de pesquisa como bússola: notas sobre o processo de produção de conhecimento em uma perspectiva fenomenológica existencial. In: Barreto, C. L. B. T; Morato, H. T. P; Caldas, M. T. (orgs). *Prática Psicológica na Perspectiva Fenomenológica*. Curitiba: Juruá. p. 159- 182.

Cesar, O. (1934). *A arte nos loucos e vanguardistas*. Rio de Janeiro: Flores & Mano.

Cezar, O. (1924/2007). *A arte primitiva nos alienados: manifestação escultórica com caráter simbólico feiticista num caso de síndrome paranóide*. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*. V. 10, nº 1, p. 118-130. Disponível em:
<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=233017474010>

Critelli, D. M. (1996). *Analítica do Sentido: uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica*. São Paulo: EDUC, Brasiliense.

Cupertino, C. M. B. (2001). *Criação e formação: fenomenologia de uma oficina*. São Paulo: Arte & Ciência.

_____.(2007). *O cultivo da imaginação e a atenção à adversidade*. *Anais do VII Simpósio Nacional de Práticas Psicológicas em Instituições- Fronteiras da Ação Psicológica entre educação e saúde*. Disponível em:
<http://www.usp.br/coseas/COSEASHP/ADM/Psicologo/VIIsimposio/CUPERTINO%20-%20O%20cultivo%20da%20imaginacao%20e%20a%20atencao%20a%20diversidade.pdf>

_____. (org). (2008). *Espaços de criação em psicologia: oficinas na prática*. (1ª ed). São Paulo: Annablume.

_____. (2006). Oficinas de Criatividade na Formação de Jovens para Ação Comunitária. *Psicología para América Latina- Revista Electronica Internacional de La unión Latinoamericana de Entidades de Psicologia*. Número 05. Disponível em: <http://www.psicolatina.org/Cinco/creatividade.html>

_____. (2006). Criação e formação: a oficina de criatividade revisitada. *Anais do VI Simpósio Nacional de Práticas Psicológicas em Instituição: Psicologia e Políticas Públicas*. Disponível em: <http://www.usp.br/coseas/COSEASHP/ADM/Psicologo/VIsimposio/CUPERTINO%20-%20Criacao%20e%20formacao.pdf>

Cupertino, C.M.B & Melcher, M. F. (2012). Criatividade para a vida. *5º Encontro Nacional do Conselho Brasileiro para Superdotados na UFF*. Disponível em: <http://nucleopahs.org/files/publicacoes/1375377411.pdf>

Dempsey, A. (2003). *Estilos, escolas e movimentos*. São Paulo: Cosac & Naify

Duchastel, A. (2010). *O caminho do imaginário: o processo da arte-terapia*. (C. M. A. P. G. D. Millard, trad). São Paulo: Paulus (Coleção Psicologia e Educação).

Feijoo, A. M. L. C. (2011). *A existência para além do sujeito: a crise da subjetividade moderna e suas repercussões para a possibilidade de uma clínica psicológica com fundamentos fenomenológico-existenciais*. Rio de Janeiro: Edições IFEN: Via Verita.

Figueiredo, L. C. M. (1995). *Revisitando as Psicologias: da epistemologia à ética das práticas e discursos psicológicos*. Petrópolis: Vozes.

Fisher, E. (1983). *A necessidade da arte*. Rio de Janeiro: Zahar Editores .

Galeano, Eduardo. (2002). *O livro dos abraços*. (9ª ed, E. Nepomuceno, trad). Porto Alegre: L&PM.

Gomes, N. C. (2008). *Criatividade na dança, nas artes, na vida: biodanza e oficina de criatividade*. In: Cupertino, C. M. B. (org). *Espaços de criação em psicologia: oficinas na prática*. (1ª ed). São Paulo: Annablume.

Halpern-Chalom, M. (2008). *O processo de aprendizagem vivencial semeando o desenvolvimento humano*. In: Cupertino, C. M. B. (org). *Espaços de criação em psicologia: oficinas na prática*. (1ª ed). São Paulo: Annablume.

Heidegger, M. (1977/2010). *A Origem da obra de arte*. (I. Azevedo & M. A. Castro, trads). São Paulo: Edições 70. (Biblioteca de Filosofia Contemporânea).

_____. (1927/1995). *Ser e tempo parte I* (5ª ed. M. S. Cavalcante, trad). Petrópolis: Vozes. (Coleção Pensamento Humano).

_____. (1927/ 2000). *Ser e tempo parte II* (7ª Ed. M. S. Cavalcante, trad). Petrópolis: Vozes (Coleção Pensamento Humano).

_____. (1954/ 1997). Ensaios e conferências. (5ª ed, E. C. Leão; G. Fogel & M. S. C. Shuback, trads). Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista; Editora Universitária São Francisco. (Coleção Pensamento Humano). p. 11-38.

_____. (1959/2012a). A caminho da linguagem. (6ª Ed. M. S. C Schuback, trad). Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco. (Coleção Pensamento Humano).

_____. (1959/2000b). Serenidade. (M. M. Andrade & O. Santos, trads). Lisboa: Instituto Piaget. (Coleção Pensamento e Filosofia).

_____. (1987/2009). Seminários de Zollikon: protocolos, diálogos, cartas. (2ª ed revista, G. Arnhold & M. F. A. Prado, trads). Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco & Petrópolis, RJ: Editora Vozes. (Coleção Pensamento Humano).

Hesse, H. (1925/2014). Demian. (2ª Ed, I. Barroso, trad). Rio de Janeiro: Best Bolso.

Jaspers, K. (1913/1987). Psicopatologia Geral: Psicologia compreensiva, explicativa e fenomenologia. Vol 1. (S. P. Reis, trad). Rio de Janeiro, São Paulo: Livraria Atheneu.

Lisboa, A. (2012). Arte como prece: a religiosidade no trabalho de quatro artistas pernambucanos. Recife: Gráfica Santa Marta.

Melhem, T. X. (2008). As oficinas de criatividade no esporte de rendimento: a utilização de recursos expressivos em equipes de voleibol. In: Cupertino, C. M. B. (org). Espaços de criação em psicologia: oficinas na prática. (1ª ed). São Paulo: Annablume.

Michelazzo, J. C. (1999). Do um como princípio ao dois como unidade: Heidegger e a reconstrução ontológica do real. São Paulo: FAPESP: Annablume.

Moreira, V. (2011, jul-dez). A contribuição de Jaspers, Biswanger, Boss e Tatossian para a Psicopatologia Contemporânea. *Revista da Abordagem Gestaltica*. XVII: 2. p. 172-184. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672011000200008

Paín, S. (2009). Fundamentos da Arteterapia. (Unti, Giselle, trad). Petrópolis, RJ: Vozes.

Philippini, A (2008). Cartografias da Coragem. (4ª Ed). Rio de Janeiro: Ed. Wak.

Philippini, A. (2011). Grupos em Arteterapia: redes coloridas para colorir vidas. Rio de Janeiro: Ed. Wak.

- Pompéia, J. A. (1997). Arte e Existência. *Revista da Associação Brasileira de Daseinsanalyse*- nº 8, 1997.
- Pompéia, J & Sapienza, B. T. (2004). Na Presença do Sentido: uma aproximação fenomenológica a questões existenciais básicas. São Paulo: EDUC; Paulus.
- Prado, R. A. A & Caldas, M. T. (2013). Atitude fenomenológica existencial e cuidado na ação clínica. In: Barreto, C. L. B. T; Morato, H. T. P; Caldas, M. T. (orgs). *Prática Psicológica na Perspectiva Fenomenológica*. Curitiba: Juruá. p. 95- 105.
- Prinzhorn, H. (1922/2011). *The art of insanity: an analysis of ten schizophrenic artists*. USA: Solar Books. (Solar research Achive).
- Sá, R. N. (2002, jun). A noção heideggeriana de cuidado (Sorge) e a clínica psicoterápica. In: *Rev. de Filosofia Veritas*, v. 45. nº 2. p. 259-266.
- Shimidt, M. L. S (1990). *A experiência de psicólogos na comunicação de massa*. (Tese de doutorado). Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo.
- Silveira, N. (1992/2001). *O mundo das imagens*. São Paulo: Editora ática.
- Silveira, N. (1981). *Imagens do inconsciente* (4ª ed). Brasília: Editora Alhambara.
- Suassuna, A. (2005) *Iniciação à Estética*. (7ª ed). Rio de Janeiro: José Olympo.
- Turato, E. R. (2003). *Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Vattimo, G. (1996). *Introdução a Heidegger*. (10ª ed). Lisboa: Instituto Piaget.

ANEXO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

- 1.** Você está sendo convidado para participar da pesquisa “O USO DA LINGUAGEM PLÁSTICA NA AÇÃO CLÍNICA NA PERSPECTIVA DA PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICA EXISTENCIAL”.
- 2.** Você foi selecionado por ser psicólogo (a) que utiliza a linguagem plástica em sua ação clínica e por trabalhar na perspectiva da psicologia fenomenológica existencial, sua participação não é obrigatória.
- 3.** A qualquer momento você pode desistir de participar e retirar seu consentimento.
- 4.** Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador.
- 5.** O objetivo geral deste estudo é refletir sobre o uso da linguagem plástica na ação clínica numa perspectiva da psicologia fenomenológica existencial. Os objetivos específicos são: Pesquisar o uso da linguagem plástica na prática clínica; discutir a ação clínica na perspectiva da psicologia fenomenológica existencial; compreender a experiência de psicólogos que utilizam a linguagem plástica na prática psicológica fenomenológica existencial.
- 6.** Sua participação nesta pesquisa consistirá em responder uma entrevista/depoimento com a seguinte questão disparadora: “fale sobre sua experiência quanto ao “uso” da linguagem plástica como recurso na ação clínica”.
- 7.** Os riscos relacionados com sua participação não são diretos, no entanto, caso você se sinta incomodado ao relatar sua experiência profissional sobre o tema proposto poderá desistir de sua participação.
- 8.** Os benefícios relacionados com a sua participação são: ampliar possibilidades de compreensão no que diz respeito à ação clínica na perspectiva da psicologia fenomenológica existencial; contribuir com as pesquisas já existentes que relacionam perspectivas clínicas que fazem uso da linguagem plástica; oferecer subsídios para profissionais que desejem desenvolver práticas relacionadas ao tema de pesquisa.
- 9.** As informações obtidas através dessa pesquisa serão confidenciais e asseguramos o sigilo sobre sua participação.
- 10.** Os dados não serão divulgados de forma a possibilitar sua identificação, seu nome não será identificado.
- 11.** Você receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone e o endereço do pesquisador principal, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

DADOS DA PESQUISADORA PRINCIPAL:

Mércia Gomes da Silva (CPF: 05935787407)
Contato: (81) 97449648

DADOS DA PROFESSORA ORIENTADORA:**Dra. Carmem Lúcia Barreto****Endereço profissional: Rua do Príncipe, 562, Boa Vista-Recife. PE.****Fone: (81) 21194172**

Assinatura

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

O pesquisador me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UNICAP que funciona na PRÓ-REITORIA ACADÊMICA da UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO, localizada na RUA ALMEIDA CUNHA, 245 – SANTO AMARO – BLOCO G4 – 8º ANDAR – CEP 50050-480 RECIFE – PE – BRASIL. TELEFONE (81) 2119.4376 – FAX (81)2119.4004 – ENDEREÇO ELETRÔNICO: pesquisa_prac@unicap.br

_____, _____ de _____ de 20__
